

COLLEÇÃO DOS AUTORES CELEBRES
DA
LITTERATURA BRASILEIRA

MACHADO DE ASSIS

OUTRAS RELIQUIAS



LIVRARIA GARNIER
RIO DE JANEIRO

Outras Reliquias

OBRAS DE MACHADO DE ASSIS

Contos Fluminenses,

Crítica.

Dom Casmurro.

Esau e Jacob.

Helena.

Historias da Meia Noite.

Historias Sem Data.

Mão e a Luva.

Memorial de Ayres.

Memorias de Braz Cubas.

Outras Reliquias.

Paginas Recolhidas.

Papeis Avulsos.

Poesias Completas.

Quincas Borba.

Reliquias da Casa Velha.

Resurreição.

Semana.

Theatro.

Varias Historias.

Yáyá Garcia.

MACHADO DE ASSIS

志 志 志

Outras Relíquias

(Proza e Verso)

(Coleção postuma)



LIVRARIA GARNIER

109, RUA DO QUVIDOR, 109
RIO DE JANEIRO

| 6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS

ADVERTENCIA

O titulo *Outras reliquias* alude ao de outro livro publicado pelo autor e semelhante a este na diversidade dos trabalhos colijidos. Aqui vai bem ajustado, em seu verdadeiro sentido, não só ao merecimento da coleção, como á saudade do autor que se foi.

Ha outros trabalhos de Machado de Assis, que andam esparsos em jornais e revistas, e que a seu tempo serão publicados em livro, separadamente segundo o seu genero literario.

Dos que vão aqui reunidos, contos, poezias e pajinas avulsas, nenhuns davam materia bastante a formar volumes destacados, e aos editores não pareceu mal juntal-os, seguindo o exemplo do proprio autor. Prezumem tambem que não fizeram mal em edital-os em livro, ainda que possa haver quem julgue fôra mais acertado deixal-os no esquecimento, em que o autor parecia querer fi-

cassem, pois que não os incluiu em nenhuma das suas coleções de contos ou poezias. Acudiu essa suposição aos editores, mas cedeu á razão de que se tal fosse o pensamento do autor, seria um pensamento infundado e contrario ao juizo dos seus leitores. Tudo aqui, proza e verso, é digno de Machado de Assis, e se não lhe aumenta o renome, não o desdoura.

Os contos, pajinas avulsas e as poezias, são da época em que elle compoz as suas melhores obras. Trabalho da mocidade e inédito é o poema heroico-comico *O Almada*, do qual só foi publicado um trecho na *Revista Brazileira*, em 1873, e nas *Poezias*, em 1901. O manuscrito autografo pertence á *Academia Brazileira*, á qual os editores devem o agradecimento publico pela gentileza de lhes haver cedido cópia para esta publicação. É pena que não esteja completo; dos oito cantos em que foi composto, sómente estão inteiros o 5.º, 6.º e 7.º, por se haverem perdido algumas folhas do manuscrito. O que ficou, todavia, é sufficiente para a leitura entendida e interessada do poema. Sobre o tema delle não ha acrescentar ao que diz o autor no prefacio: ali explica tambem a natureza e o estilo do trabalho, cuja excelencia os leitores verificarão.

Em outro prefacio que escreveu para o fragmento publicado na *Revista Brazileira* ha estas palavras, que por ventura dizem discretamente o

motivo da não publicação anterior e integral desse trabalho :

« Tal é o episodio da nossa cronica fluminense (Lisboa, *Anais*, t. III), que me serviu de assunto a um poema em oito cantos, escrito ha alguns anos e até agora inédito. Sobre esse mesmo episodio escreveu Alencar um dos seus ultimos romances, *O Garatuja*.

« Não consta de nenhum documento o motivo da assuada do tabelião Freire; cabia, portanto, á imaginação inventar o que melhor quadrasse ao plano e á indole da obra. Ao enjenho de Alencar não era difficil achar um motivo interessante. Eu dei-lhe o que consta do trecho adiante publicado. »

A critica achará nesse poema, mais do que em nenhum outro escrito de Machado de Assis, a revelação das influencias literarias que concorreram para formar ou preparar o seu belo e forte espirito; e, verificando certas feições de sinceridade juvenil e de humorismo comico, não repetidos no resto da obra do romancista e poeta, achará tambem que seria injustificavel perpetuar o inédito desta produção engraçada, curioza e interessante por tantos titulos para os admiradores do grande escritor.

Rio, novembro de 1908.

PROZA

IDENTIDADE

Convenhamos que o fenomeno da semelhança completa entre dois individuos não parentes é couza mui rara, — talvez ainda mais rara que um máu poeta calado. Pela minha parte não achei nenhum. Tenho visto parecenças curiosas, mas nunca ao ponto de estabelecer identidade entre duas pessoas estranhas.

Na familia as semelhanças são naturais; e isso que fazia pasmar ao bom Montaigne não traz o menor espanto ao mais soez dos homens. Os Ausos, povo antigo, cujas mulheres eram comuns, tinham um processo sumario para restituir os filhos aos pais: era a semelhança que, ao cabo de trez mezes, apresentasse o menino com algum dos cidadãos. Vã por conta de Herodoto. A natureza era assim um tabelião muito mais seguro. Mas que entre dois individuos de familia e casta diferentes (a não serem os Dromios e os Menecmas dos poetas) a igualdade das feições,

da estatura, da fala, de tudo, seja tal que se não possam distinguir um do outro, é cazo para ser posto em letra de fôrma, depois de ter vivido trez mil anos em um papiro, achado em Tebas. Vá por conta do papiro.

Era uma vez um faraó cujo nome se perdeu na noite das velhas dinastias, — mas supozhamos que se chamava Fa-Nohr. Teve noticia de que existia em certo logar do Egito um homem tão parecido com elle que era difficil discriminá-lo. A principio ouviu a noticia com indifferença, mas, depois de uma grande melancolia que teve, achaque dos ultimos tempos, lembrou-se de deputar trez homens que fossem procurar esse milagre e trazel-o ao paço.

— Dêem-lhe o que pedir; se tiver dividas, quero que as paguem; se amar alguma mulher, que a traga consigo. O essencial é que esteja cá, e depressa, ou eu mando executar os trez.

A côrte respirou jubiloza. Após vinte anos de governo, era a primeira ameaça de morte que saía da real boca. Toda ella aplaudiu a pena; alguns ouzaram propôr uma formalidade symbolica, — que, antes de executar os trez emissarios, se lhes cortassem os pés para significar a pouca diligencia empregada em cumprir os recados do faraó. Este, porém, sorriu de um modo mui particular.

Não tardou que os emissarios tornassem a Men-

fis com o menecma do rei. Era um pobre escriba, por nome Bactan, sem pais, nem mulher, nem filhos, nem dividas, nem concubinas. A cidade e a côrte ficaram alvoroçadas ao ver entrar o homem, que era a propria figura do faraó. Juntos, só se podiam reconhecer pelos vestidos, porque o escriba, se não tinha majestade e grandeza, trazia certo ar tranquilo e nóbre que as supria. Eram mais que dois homens parecidos; eram dois exemplares de uma só pessoa; elles mesmos não se distinguiam mais que pela consciencia da personalidade. Fa-Nohr apozentou o escriba em uma camara pegada á sua, dizendo que era para um trabalho de interesse publico; e ninguem mais o viu durante dois mezes.

No fim d'esse tempo, Fa-Nohr, que instruiu o escriba em todas as materias da administração, declarou-lhe uma noite que ia pôl-o no trono do Egito por algum tempo, mezes ou anos. Bactan ficou sem entender nada.

— Não entendes, escriba? O escriba agora sou eu. Tu és faraó. Fica aí com o meu nome, o meu poder e a minha figura. Não descobrirás a ninguem o segredo d'esta troca. Vou a negocios do Estado.

— Mas, senhor...

— Reinas ou morres.

Antes rcinar. Bactan obedeceu á ordem, mas supplicou ao rci que a dcimora não fosse muita;

faria justiça, mas não tinha gosto ao poder, menos ainda nacera para governar o Egito. Trocaram de apozentos. O escriba rolou durante a noite inteira, sem achar comodo, no leito da vindoura X Cleopatra. De manhã, segundo o ajustado, foi o rei despedido com as vestes do escriba, dando-lhe o escriba, que fazia de faraó, algum dinheiro e muitas pedras preciosas. Dez guardas do paço acompanharam o ex-faraó até aos suburbios de uma cidade distante.

— Viva a vida! exclamou este, apenas perdeu de vista os soldados. Santo nome de Izis e de Ozi-
ris! Viva a vida e a liberdade!

Ninguem, exceto o vento bochorno do Egito, ouviu essas primeiras palavras ditas por elle a todo o universo. O vento foi andando indifferente; mas o leitor, que não é vento, pede explicação d'ellas. Quando menos supõe que este homem é doudo. Tal era tambem a opinião de alguns doutores; mas, graças ao rejimen especialista da terra, outros queriam que o mal d'elle viesse do estomago, outros do ventre, outros do coração. Que mal? Uma couza exquisita. Imajine-se que Fa-Nohr começára a governar com vinte e dois anos, tão alegre, expansivo e rezoluto, que encantou a toda a gente; tinha idéas grandes, uteis e profundas. No fim, porém, de dois anos, mudou completamente de genio. Tédio, desconfiança, aversão ás pessoas, sarcasmos amiudados e, final-

mente, umas crises melancolicas que lhe levavam dias e dias. Durou isto dezoito anos.

Já sabemos que foi ao sair de uma d'aquellas crises que elle entregou o Egito ao escriba. A cauza, porém, d'este ato inexplicavel é a mesma da singular troca de genio. Fa-Nohr persuadirase de que não podia conhecer o carater nem o coração dos homens através da linguagem curial, ataviada naturalmente, e que lhe parecia obliqua, dubia, sem vida propria nem contrastes. Vá que lhe não dissessem couzas rudes, nem ainda as verdades inteiras; mas porque lhe não mostrariam a alma toda, menos esses desvãos secretos que ha em toda a caza? Desde que isto se lhe meteu em cabeça, caiu na ruim tristeza e longas hipochondrias; e, se lhe não aparece o menecma que pôz no trono, provavelmente morreria de desespero.

Agora tinha impetos de voar, de correr toda aquella abobada de estanho que lá ficava acima d'elle, ou então ir conversar com os crocodilos, trepar aos hipopotamos, disputar as serpentes aos ibis. Pelo boi Apis! pensava elle andando e gesticulando, ruim officio era o meu. Cá levo agora a minha boa alegria e não a dou a troco de nada, nem do Egito nem de Babilonia.

* * *

— Charmion, quem será aquelle homem que

vem tão alegre? perguntou um tecelão, jantando á porta de caza com a mulher.

Charmion voltou os olhos cheios de misterios do Nilo para o lado que o marido indicava. Fa-Nohr, logo que os viu, correu para elles. Era á entrada da cidade; podia ir buscar pouzada e comida. Mas tão anciozo estava por sentir que não era rei e meter a mão nos corações e nos caracteres, que não hezitou em pedir-lhes algum bocado para matar a fome.

— Sou um pobre escriba, disse elle. Trago uma caixa de pedras preciosas que me deu o faraó por achar que era parecido com elle; mas pedras não se comem.

— Comerás do nosso peixe e beberás do nosso vinho, disse-lhe o tecelão.

O vinho era ruim; o peixe fôra mal crestado ao sol; mas para elle valiam mais que os banquetes de Menfis, era o primeiro jantar da liberdade. Expandia-se o ex-faraó; ria, falava, interrogava, queria saber isto e aquillo, batia no hombro ao tecelão, e este ria-se tambem e contava-lhe tudo.

— A cidade é um covil de sacripantes; mais ruins que elles só os meus vizinhos aqui da entrada. Contarei a historia de um ou dois e bastará para conhecer o resto.

Contou umas couzas juntamente ridiculas e execraveis que o hospede ouviu aborrecido. Este,

para dezanojar-se, olhou para Charmion e notou que ella pouco mais fazia que fital-o com os seus grandes olhos cheios de misterios do Nilo. Não amára a outra mulher; esta reduziu os seus quarenta e dois anos a vinte e cinco, ao passo que o tecelão proseguia em dizer a má casta de vizinhos que a fortuna lhe dera. Uns perversos! e os que não eram perversos eram asnos, como um tal Ftataghurub que...

— Que poder misteriozo fez nacer tão linda creatura entre mecanicos? dizia Fa-Nohr consigo.

Caiu a tarde. Fa-Nohr agradeceu o obsequio e quiz ir-se embora; mas o tecelão não consentiu em deixal-o; passaria ali a noite. Deu-lhe um bom apoento, ainda que pobre. Charmion foi adereçal-o com as melhores couzas que tinha, deitando-lhe sobre a cama uma bonita colcha bordada — d'aquellas famozas colchas do Egipto citadas por Salomão — e encheu-lhe o ar de aromas finissimos. Era pobre mas gostava do luxo.

Fa-Nohr deitou-se pensando nella. Era virtuozo; parecia-lhe que estava pagando mal os obsequios do marido e sacudia de si a imajem da moça. Os olhos, porém, ficavam; viu-os na escuridão, fitos nelle, como dois fachos noturnos, e ouviu-lhe tambem a voz terna e suplice. Saltou da cama, os olhos desapareceram, mas a voz continuava, e, couza extraordinaria, intercalada

com a do marido. Não podiam estar lonje; colou o ouvido á parede. Ouviu que o tecelão propunha á mulher ficarem com a caixa das pedras preciosas do hospede, indo busca-la ao quarto; fariam depois alarido e diriam que eram ladrões. Charmion opunha-se; elle teimava, ella supplicava...

Fa-Nohr ficou embasbacado. Quem diria que o bom tecelão, tão obsequiozo?... Não dormiu o resto da noite; gastou-a a andar e a ajitar-se para que o homem lá não fosse. De manhã, dispoz-se a andar. O tecelão quiz retel-o, pediu-lhe um dia mais, ou dois, algumas horas; não alcançou nada. Charmion não ajudou o marido; trazia, porém, os mesmos olhos da vespera, fitos no hospede, teimozos e enigmaticos. Fa-Nohr deu-lhe em lembrança uns brincos de cristal e um bracelete de ouro.

— Até um dia! murmurou-lhe ella ao ouvido.

Fa-Nohr entrou na cidade, achou pousada, deixou as suas couzas a bom recado e saiu para a rua. Morria por andar á tôa, desconhecido, misturado á outra gente, falar e ouvir a todos, com franqueza, sem os atilhos do formalismo nem as composturas do paço. Toda a cidade estava em alvoroço por cauza da grande festa annual de Izis. Grupos na rua ou ás portas, mulheres, homens, crianças, muito rizo, muita conversa, uma algazarra de todos os diabos. Fa-Nohr ia a toda a parte; foi vêr aparelhar os barcos, entrou nos

mercados, interrogando a todos. A linguagem era naturalmente rude, — ás vezes obscena. No meio do tumulto recebeu alguns encontrões. Eram os primeiros, e mais lhe doeu a dignidade que a pessoa. Parece que chegou a dezandar para caza; mas riu-se logo do melindre e tornou á multidão.

Na primeira rua em que entrou viu duas mulheres que brigavam, agarradas uma á outra, com palavras e murros. Eram robustas e descaradas. Em volta, a gente fazia circulo e animava-as, como se pratica ainda hoje com os cães. Fa-Nohr não pôde sofrer o espetaculo; primeiro, quiz sair d'ali; mas tal pena teve das duas creaturas, que rompeu a multidão, penetrou no espaço em que ellas estavam e separou-as. Rezistiram; elle, não menos robusto, meteu-se de permeio. Então ellas, vendo que não podiam ir uma á outra, despejaram n'elle a raiva; Fa-Nohr afasta-se, atravessa a multidão, ellas perseguem-n'o entre a rizota publica, elle corre, ellas correm, e, á pedrada e nome crú, o acompanham até lonje. Uma das pedras feriu-lhe o pescoço.

— Vou-me d'aqui, pensou elle, entrando em caza. Em curando a ferida, embarco. Parece, na verdade, uma cidade de sacripantes.

N'isto ouviu vozes na rua e d'aí a pouco entrava-lhe em caza um majistrado acompanhado das duas mulheres e de umas vinte pessoas. As mulheres queixavam-se de que esse homem in-

vestira contra ellas. As vinte pessoas juraram a mesma couza. O majistrado ouviu a explicação de Fa-Nohr; e, dizendo este que a sua melhor defeza era a ferida que trazia no pescoço, retorquiu-lhe o majistrado que as duas agravadas naturalmente haviam de defender-se, e multou-o. Fa-Nohr, esquecendo a abdicação temporaria, gritou que lhe prendessem o majistrado.

— Outra multa, respondeu este gravemente; e o ferido não teve mais que pagar para se não descobrir.

Estava em caza, triste e acabrunhado, quando viu entrar, d'aí a dois dias, a bela Charmion debulhada em lagrimas. Sabendo da aventura, desamparou tudo, casa e marido, para vir tratar d'elle. Doia-lhe muito? Queria que ella lhe bebesse o sangue da ferida, como o melhor vinho do Egito e do mundo? Trazia um pacote com os objetos de uzo pessoal.

— Teu marido? perguntou Fa-Nohr.

— Meu marido és tu!

Fa-Nohr quiz replicar; mas os olhos da moça encerravam, mais que nunca, todos os misterios do Egito. Além dos misterios, tinha ella um plano. Dissera ao marido que ia com uma familia amiga á festa de Isis, e foi assim que saiu de caza.

— Olha, concluiu, para mais captar-lhe a confiança, aqui trouxe o meu par de crótalos com

que uzo acompanhar as dansas e as flautas. Os barcos saem amanhã. Alugarás um e iremos, não a Buziris, mas ao logar mais ermo e aspero que será para mim o seio da propria Isis divina.

Cegueira do amor, em vão Fa-Nohr quiz re-
cuar e dissuadil-a. Tudo ficou ajustado. Como precisassem dinheiro, saiu elle a vender duas pedras preciosas. Nunca soubera o valor de tais couzas; umas foram-lhe dadas, outras foram-lhe compradas pelos seus mordomos. Comtudo, fal foi o preço que lhe ofereceu por ellas o primeiro comprador, que elle voltou as costas, por mais que este o chamasse para fazer negocio. Chegou-se a outro e contou-lhe o que se dera com o primeiro.

— Como se ha de impedir que os velhacos abuzem da boa fé dos homens de bem? disse este com voz meliflua.

E, depois de examinar as pedras, declarou que eram boas; e perguntou se o dono lhes tinha alguma afeição particular.

— Para mim, acrescentou, é fóra de duvida que a afeição que se tem a um objeto torna-o mais vendavel. Não me pergunte a razão; é um misterio.

— Não tenho a estas nenhuma afeição particular, acudiu Fa-Nohr.

— Bem, deixe-me avalial-as.

Calculou baixinho, olhando para o ar, e acabou

oferecendo metade do valor das pedras. Era tão superior esta segunda oferta á primeira, que Fa-Nohr aceitou-a com grandes alegrias. Comprou um barco, de boa acácia, calafetado de fresco, e voltou á pouzada, onde Charmion lhe ouviu toda a historia.

— A consciencia d'aquelle homem, concluiu Fa-Nohr, é em si mesma uma rara pedra precioza.

— Não digas isso, meu divino sol. As pedras valiam o dobro.

Fa-Nohr, indignado, quiz ir ter com o homem; mas a formozza Charmion reteve-o; era tarde e inútil. Tinham de embarcar na manhã seguinte. Veiu a manhã, embarcaram, e no meio de tantos barcos que iam a Buziris puderam elles escapar-se e foram dar á outra cidade distante, onde acharam caza estreita e gracioza, um ninho de amor.

— Viveremos aqui até á morte! disse-lhe a bela Charmion.

* * *

Já não era a pobre namorada sem adornos; podia agora desbancar as ricas donas de Menfis. Joias, finas tunicas, vasos de aromas, espelhos de bronze, alcatifas por toda a parte e mulheres que a servissem, umas do Egipto outras da Etiopia; mas a melhor joia de todas,

a melhor alcatifa, o melhor espelho és tu, dizia ella a Fa-Nohr.

· Não faltaram tambem amigos nem amigas, por mais que quizessem viver reclusos. Entre os homens, havia dois mais particularmente aceitos a ambos, um velho letrado e um rapaz que andara por Babilonia e outras partes. Na conversação, era natural que Charmion e as amigas ouvissem com prazer as narrativas do moço. Fa-Nohr deleitava-se com as palestras do letrado.

Desde longos anos que este compunha um livro sobre as orijens do Nilo ; e, comquanto ninguem o tivesse lido, a opinião geral é que era admiravel. Fa-Nohr quiz ter a gloria de ouvir-lhe algum trecho ; o letrado levou-o á caza d'elle, um dia, aos primeiros raios do sol. Abria o livro por uma longa dissertação sobre a orijem da terra e do céu ; depois vinha outra sobre a orijem das estações e dos ventos ; outra sobre a orijem dos ritos, dos oraculos e do sacerdocio. No fim de trez horas, pararam, comeram alguma couza e entraram na segunda parte, que tratava da orijem da vida e da morte, materia de tanta ponderação que não acabou mais, porque a noite os tomou em meio. Fa-Nohr levantou-se desesperado.

— Amanhã continuaremos, disse o letrado, acabada esta parte trato logo da orijem dos

homens, da orijem dos reinos, da orijem do Egito, da orijem dos faraós, da minha propria orijem, da orijem das orijens e entramos na materia particular do livro, que são as orijens do Nilo, antecedendo-as, porém, das orijens de todos os rios do universo. Mas que lhe parece o que li?

Fa-Nohr não poudo responder; saiu furiozo. Na rua teve uma vertijem e caiu. Quando voltou a si, a lua clareava o caminho. ergueu-se a custo e foi para caza.

— Maroto! serpente! dizia elle. Se eu fosse rei, não me aborrecias mais de meia hora. Vã liberdade, que me condenas á escravidão!

E assim pensando, ia cheio de saudades de Menfis, do poder que emprestára ao escriba e até dos homens que lhe falavam tremendo e aos quais fujira. Trocára tudo por nada... Aqui emendou-se. Charmion valia por tudo. Já lá iam mezes que viviam juntos; os indiscretos é que lhe empanavam a felicidade. Murmurações de mulheres, disputas de homens, eram realmente materia extranha ao amor de ambos. Construiu novo plano de vida; deixariam aquella cidade, onde não podiam viver para si. Iriam para algum logar pobre e de pouca gente. Para que luxo externo, amigos, conversações frivolas? E elle cantarolava, andando: « Bela Charmion, palmeira unica, posta ao sol do Egito .. »

Chegou a caza, correu ao apozeno comum para enxugar as lagrimas á bela Charmion. Não achou nada, nem a moça, nem as pedras preciosas, nem as joias, tunicas, espelhos, muitas outras couzas de valía. Não achou sequer o moço viajante que, provavelmente, á força de falar de Babilonia despertou na dama o dezejo de irem vizital-a juntos...

Fa-Nohr chorou de raiva e de amor. Não dormiu ; no dia seguinte indagou, mas ninguem sabia de nada. Vendeu os poucos moveis e tapetes que lhe ficaram e foi para uma cidadezinha proxima, no mesmo distrito. Levava esperanças de encontral-a. Estava abatido e lugubre. Para ocupar o tempo e sarar do abalo meteu-se a aprendiz de embalsamador: A morte me ajudará a suportar a vida, disse elle.

A caza era das mais celebres. Não embalsamava só os cadaveres das pessoas ricas, mas tambem os das menos abastadas e até da gente pobre. Como os preços de segunda e terceira classes eram os mesmos de outras partes, muitas familias mandavam para ali os seus cadaveres para que os embalsamassem como os das pessoas nobres. Fa-Nohr começou pela gente infima, cujo processo de embalsamamento era mais sumario. Notou logo que elle e os companheiros de classe eram vistos com desdém pelos embalsamadores da segunda classe ; estes chegavam-se

muito aos da primeira, mas os da primeira não faziam cazo de uns nem de outros. Não se mortificou por isso. Sacar ou não os intestinos do cadaver, injerir-lhe oleo de cedro ou vinho de palma, mirra e canela, era diferença de operação e de preço. Outra couza o mortificou de veras.

Tinha ido ali buscar uma officina de melancolia e deu com um bazar de chufas e anedotas. Certamente havia respeito quando entrava uma encomenda; o cadaver era recbido com muitas atenções, gestos graves, caras lugubres. Logo, porém, que os parentes o deixavam, recommçavam as alegrias. As mulheres, se faleciam moças e bonitas, eram longamente vistas e admiradas por todos. A biografia dos mortos conhecidos era feita ali mesmo, lembrando este um caso, aquelle outro. Operavam os corpos, gracejando, falando cada um dos seus negocios, planos, idéas, puxando d'aqui e d'alli, como se cortam sapatos. Fa-Nohr compreendeu que o uzo encruára n'aquella gente a piedade e a sensibilidade.

— Talvez eu mesmo acabe assim, pensou elle.

Deixou o officio, depois de esperar algum tempo a vêr se entrava o cadaver da bela Charmion. Exerceu outros, foi barbeiro : bateleiro, caçador de aves aquaticas. Cançado, exausto, aborrecido, apertaram-lhe as saudades do trono; rezolveu tornar a Menfis e occupal-o.

Toda a cidade, logo que o viu, clamou que era chegado o escriba parecido com o faraó, que ali estivera tempos atrás; e faziam-se grupos na rua e uma grande multidão o seguiu até ao paço.

— Muito parecido! exclamavam de um lado e de outro.

— Sim? perguntava Fa-Nohr, sorrindo.

— A unica diferença, explicou-lhe um velho, é que faraó está muito gordo.

Fa-Nohr estremeceu. Correu-lhe um frio pela espinha. Muito gordo? Era então impossivel a permuta das pessoas. Deteve-se alguns instantes; mas acudiu-lhe logo ir assim mesmo ao paço e, destronando o escriba, descobrir o segredo. Para que encobril-o mais?

Entrou; a côrte esperava-o em redor de faraó e reconheceu logo que era impossivel agora confundil-os, á vista da diferença na grossura dos corpos; mas a cara, a fala, o gesto eram ainda os mesmos. Bactan perguntou-lhe placidamente o que é que queria; Fa-Nohr sentiu-se rei e declarou-lhe que o trono.

— Sai d'aí, escriba, concluiu; o teu papel está acabado.

Bactan riu-se para os outros, os outros riram-se e o paço estremeceu com a gargalhada universal. Fa-Nohr fechou as mãos e ameaçou a todos; mas a côrte continuou a rir. Bactan, porém, fez-se serio e declarou que esse homem

sediciozo era um perigo para o Estado. Fa-Nohr foi ali mesmo prezo, julgado e condenado á morte. Na manhã seguinte cumpriu-se a sentença diante do faraó e grande multidão. Fa-Nohr morreu tranquilo, rindo do escriba e de toda a gente, menos talvez de Charmion : « Bela Charmion, palmeira unica, posta ao sol do Egito... » A multidão, logo que elle expirou, soltou uma formidavel aclamação :

— Viva Fa-Nohr !

E Bactan, sorrindo, agradeceu.

JOGO DO BICHO

Camilo, — ou Camilinho, como lhe chamavam alguns por amizade, — occupava em um dos arsenais do Rio de Janeiro (marinha ou guerra) um emprego de escrita. Ganhava duzentos mil reis por mez, sujeitos ao desconto de taxa e montepio. Era solteiro, mas um dia, pelas ferias, foi passar a noite de Natal com um amigo no suburbio do Rocha; lá viu uma creaturinha modesta, vestido azul, olhos pedintes. Trez mezes depois estavam cazados.

Nenhum tinha nada; elle, apenas o emprego, ella as mãos e as pernas para cuidar da caza toda, que era pequena, e ajudar a preta velha que a creou e a acompanhou sem ordenado. Foi esta preta que os fez cazar mais depressa. Não que lhes desse tal conselho; a rigor, parecia-lhe melhor que ella ficasse com a tia viuva, sem obrigações nem filhos. Mas ninguem lhe pediu

a opinião. Como, porém, dissesse um dia que se sua filha de criação cazasse iria servir-a de graça, esta fraze foi contada a Camilo, e Camilo rezolveu cazar dois mezes depois. Se pensasse um pouco, talvez não cazasse logo; a preta era velha, elles eram moços, etc. A ideia de que a preta os servia de graça entrou por uma verba eterna no orçamento.

Germana, a preta, cumpriu a palavra dada.

— Um caco de gente sempre póde fazer uma panela de comida, disse ella.

— Um ano depois o casal tinha um filho e a alegria que trouxe compensou os onus que traria. Joaninha, a espoza, dispensou ama, tanto era o leite e tamanha a robustez, sem contar a falta de dinheiro; tambem é certo que nem pensaram nisto.

Tudo eram alegrias para o joven empregado, tudo esperanças. Ia haver uma reforma no arsenal e elle seria promovido. Emquanto não vinha a reforma, houve uma vaga por morte, e elle acompanhou o enterro do colega quazi a rir. Em caza não se conteve e riu. Expoz á mulher tudo o que se ia dar, os nomes dos promovidos, dois, um tal Botelho, protegido pelo general ... e elle. A promoção veiu e apanhou Botelho e outro. Camilo chorou dezesperadamente, deu murros na cama, na meza e em si.

— Tem paciencia, dizia-lhe Joaninha.

— Que paciência? Ha cinco anos que marco passo...

Interrompeu-se. Aquella palavra da tecnica militar, aplicada por um empregado do arsenal, foi como agua na fervura ; consolou-o. Camilo gostou de si mesmo. Chegou a repetil-a aos companheiros intimos. D'aí a tempos, falando-se outra vez em reforma, Camilo foi ter com o ministro e disse :

— Veja v. ex. que ha mais de cinco anos vivo *marcando passo*.

O grifo é para exprimir a acentuação que elle deu ao final da frase. Pareceu-lhe que fazia boa impressão ao ministro, comquanto todas as classes uzassem da mesma figura, funcionarios, commerciantes, majistrados, industriais, etc.

Não houve reforma ; Camilo acomodou-se e foi vivendo. Já então tinha algumas dividas, descontava os ordenados, buscava trabalhos particulares, ás escondidas. Como eram moços e se amavam, o mau tempo trazia ideia de um céu perpetuamente azul.

Apezar desta explicação, houve uma semana em que a alegria de Camilo foi extraordinaria. Ides ver. Que a posteridade me ouça. Camilo, pela primeira vez, jogou no bicho. Jogar no bicho não é um eufemismo como matar o bicho. O jogador escolhe um numero que con-

vencionalmente representa um bicho, e se tal numero acerta de ser o final da sorte grande, todos os que arriscaram nelle os seus vintens ganham e todos os que fiaram dos outros perdem. Começou a vintens e dizem que está em contos de réis; mas, vamos ao nosso caso.

Pela primeira vez Camilo jogou no bicho, escolheu o macaco e, entrando com cinco tostões, ganhou não sei quantas vezes mais. Achou nisto tal despropozito que não quiz crer, mas afinal foi obrigado a crer, ver e receber o dinheiro. Naturalmente tornou ao macaco, duas, trez, quatro vezes, mas o animal, meio-homem, falhou ás esperanças do primeiro dia. Camilo recorreu a outros bichos, sem melhor fortuna, e o lucro inteiro tornou á gaveta do bicheiro. Entendeu que era melhor descançar algum tempo; mas não ha descanço eterno, nem ainda o das sepulturas. Um dia lá vem a mão do arqueologo a pesquisar os ossos e as edades.

Camilo tinha fé. A fé abala as montanhas. Tentou o gato, depois o cão, depois o avestruz; não havendo jogado nelles, podia ser que... Não pode ser; a fortuna igualou os trez animais em não lhes fazer dar nada. Não queria ir pelos *palpites* dos jornais, como faziam alguns amigos. Camilo perguntava como é que meia duzia de pessoas, escrevendo noticias, podiam adivinhar os numeros da sorte grande. De uma feita, para

provar o erro, concordou em aceitar um *palpite*, comprou no gato e ganhou.

— Então? perguntaram-lhe os amigos.

— Nem sempre se hade perder, disse este.

— Acaba-se ganhando sempre, acudiu um; a questão é tenacidade, não afrouxar nunca.

Apezar d'isso, Camilo deixou-se ir com os seus calculos. Quando muito, cedia a certas indicações que pareciam vir do céu como um dito de criança de rua: « Mamã, porque é que a senhora não joga hoje na cobra? » Ia-se á cobra e perdia; perdendo, explicava a si mesmo o fato com os melhores raciocinios d'este mundo, e a razão fortalecia a fé.

Em vez de reforma da repartição veio um aumento de vencimentos, cêrca de sessenta mil réis mensais. Camilo resolveu batizar o filho e escolheu para padrinho nada menos que o proprio sujeito que lhe vendia os bichos, o banqueiro certo. Não havia entre elles relações de familia; parece até que o homem era um solteirão sem parentes. O convite era tão inopinado que quazi o fez rir; mas viu a sinceridade do moço e achou tão honroza a escolha que aceitou com prazer.

— Não é negocio de cazaca?

— Qual, cazaca! Couza modesta.

— Nem carro?

— Carro....

— Para que carro?

— Sim, basta ir a pé. A igreja é perto, n outra rua.

— Pois a pé.

Qualquer pessoa atilada descobriu já que a ideia de Camilo é que o batizado fosse de carro. Também descobriu, á vista da hezitação e do modo que entrava naquella ideia a de deixar que o carro fosse pago pelo padrinho ; não pagando o padrinho não pagaria ninguem. Fez-se o batizado, o padrinho deixou uma lembrança ao afilhado e prometeu, rindo, que lhe daria um premio na aguia

Esta graçola explica a escolha do pai. Era desconfiança d'elle que o bicheiro entrava na boa fortuna dos bichos e quiz ligar-se-lhe por um laço espiritual. Não jogou logo na aguia « para não espantar », disse comsigo, mas não esqueceu a promessa, e um dia, com ar de rizo, lembrou ao bicheiro.

— Compadre, quando fôr a aguia, diga.

— A aguia ?

Camilo recordou-lhe o dito ; o bicheiro soltou uma gargalhada.

— Não, compadre ; eu não posso adivinhar. Aquillo foi pura brincadeira. Oxalá que eu lhe pudesse dar um premio. A aguia dá ; não é comum, mas dá.

— Mas porque é que eu ainda não acertei com ella ?

— Isso não sei ; eu não posso dar conselhos, mas

quero crer que você, compadre, não tem paciência no mesmo bicho, não joga com certa constancia. Troca muito. E' por isso que poucas vezes tem acertado. Diga-me cá; quantas vezes tem acertado?

— De cór, não posso dizer, mas trago tudo muito bem escrito no meu quaderno.

— Pois veja e hade descobrir que todo o seu mal está em não teimar algum tempo no mesmo bicho. Olhe : um preto que ha trez mezes joga na borboleta, ganhou hoje e levou uma bolada...

Camilo escrevia efetivamente a despeza e a receita, mas não as comparava para não conhecer a diferença. Não queria saber do *deficit*. Posto que metodico, tinha o instinto de fechar os olhos á verdade, para não a ver e aborrecer. Entretanto, a sugestão do compadre era aceitavel ; talvez a inquietação, a impaciencia, a falta de fixidez nos mesmos bichos fosse a cauza de não tirar nunca nada.

Ao chegar a caza achou a mulher dividida entre a cozinha e a costura. Germana adoecera e ella fazia o jantar, ao mesmo tempo que acabava o vestido de uma fregueza. Cozia para fóra, afim de ajudar as despezas da caza e comprar algum vestido para si. O marido não ocultou o desgosto da situação. Correu a ver a preta; já a achou melhor da febre com o quinino que a mulher tinha em caza e lhe dera « por sua imajinação » ; e a preta acrescentou sorrindo :

— Imaginação de nhâ Joaninha, é boa.

Jantou triste por ver a mulher tão carregada de trabalho, mas a alegria d'ella era tal, apesar de tudo, que o fez alegre tambem. Depois do café foi ao quaderno que trazia fechado na gaveta e fez os seus calculos. Somou as vezes e os bichos, tantas na cobra, tantas no galo, tantas no cão e no resto, uma fauna inteira, mas tão sem perzistencia que era facil dezacertar. Não queria somar a despeza e a receita para não receber de cara um grande golpe, e fechou o quaderno. Afinal não poudede e somou lentamente, com cuidado, para não errar; tinha gasto setecentos e sete mil réis e tinha ganho oitenta e quatro mil réis, um *deficit* de seiscentos e vinte e trez mil réis. Ficou assombrado.

— Não é possivel !

Contou outra vez, ainda mais lento, chegou a uma diferença de cinco mil réis para menos. Teve esperanças e novamente somou as quantias gastas, e achou o primitivo *deficit* de seiscentos e vinte e trez mil réis. Trancou o quaderno na gaveta; Joaninha, que o vira jantar alegre, extranhou a mudança e perguntou o que é que tinha.

— Nada.

— Você tem alguma couza; foi alguma lembrança...

— Não foi nada.

Como a mulher teimasse em saber, enjendrou

uma mentira, — uma turra com o chefe de seção, — couza de nada.

— Mas você estava alegre...

— Prova de que não vale nada. Agora lembrou-me... e estava pensando no caso, mas não é nada. Vamos á bisca.

A bisca era o espectáculo d'elles, a Opera, a rua do Ouvidor, Petropolis, Tijuca, tudo o que podia exprimir um recreio, um passeio, um repouzo. A alegria da espoza voltou ao que era. Quanto ao marido, se não ficou tão expansivo como de costume, achou algum prazer e muita esperança nos numeros das cartas. Jogou a bisca fazendo calculos, conforme a primeira carta que saisse, depois a segunda, depois a terceira; esperou a ultima; adotou outras combinações, a ver os bichos que correspondiam a ellas, e viu muitos d'elles, mas principalmente o macaco e a cobra; firmou-se nestes.

— O meu plano está feito, saiu pensando no dia seguinte, vou até aos setecentos mil réis. Se não tirar quantia grossa que anime, não compro mais.

Firmou-se na cobra por cauza da astucia e caminhou para a caza do compadre. Confessou-lhe que aceitara o seu conselho e começava a teimar na cobra.

— A cobra é boa, disse o compadre.

Camilo jogou uma semana inteira na cobra

sem tirar nada. Ao setimo dia lembrou-se de fixar mentalmente uma preferencia, e escolheu a cobra coral, perdeu; no dia seguinte, chamou-lhe cascavel, perdeu tambem; veio á surucucú, á giboia, á jararaca, e nenhuma variedade saiu da mesma tristissima fortuna. Mudou de rumo. Mudaria sem razão, apesar da promessa feita; mas o que propriamente o determinou a isto foi o encontro de um carro que ia matando um pobre menino. Correu gente, correu policia, o menino foi levado á farmacia, o cocheiro ao posto da guarda. Camilo só reparou bem no numero do carro, cuja terminação correspondia ao carneiro; adotou o carneiro. O carneiro não foi mais feliz que a cobra.

Não obstante, Camilo apoderou-se d'aquelle processo de adotar um bicho, e jogar nelle até estafal-o : era ir pelos numeros adventicios. Por exemplo, entrava por uma rua com os olhos no chão, dava quarenta, sessenta, oitenta passos, erguia repentinamente os olhos e fitava a primeira caza á direita ou á esquerda, tomava o numero e ia d'ali ao bicho correspondente. Tinha já gasto o processo de numeros escritos e postos dentro do chapéu, o de um bilhete do Tezouro, — couza rara, — e cem outras fórmulas que se repetiam ou se completavam. Em todo o cazo, ia des-cambando na impaciencia e variava muito. Um dia resolveu fixar-se no leão; o compadre, quando

reconheceu que efetivamente não saía do rei dos animais, deu graças a Deus.

— Ora graças a Deus que o vejo capaz de dar o grande bote. O leão tem andado esquivo, é provavel que derrube tudo, mais hoje, mais amanhã.

— Esquivo? Mas então não quererá dizer...?

— Ao contrario.

Dizer quê? Ao contrario, quê? Palavras escuras, mas para quem tem fé e lida com numeros nada mais claro. Camilo elevou ainda mais a soma de aposta. Faltava pouco para os setecentos mil réis; ou vencia ou morria.

A joven consorte mantinha a alegria da caza, por mais dura que fosse a vida, grossos os trabalhos, crecentes as dividas e os emprestimos e até não raras as fomes. Não lhe cabia culpa, mas tinha paciencia. Elle, em chegando aos setecentos mil réis, trancaria a porta. O leão não queria dar. Camilo pensou em trocal-o por outro bicho, mas o compadre aflijia-se tanto com essa frouxidão, que elle acabaria entre os braços da realeza. Faltava já pouco; emfim, pouquissimo.

— Hoje respiro, disse Camilo á espoza. Aqui está a nota ultima.

Cêrca das duas horas, estando á meza da Reparação a copiar um grave documento, Camilo ia calculando os numeros e descrendo da sorte. O documento tinha algarismos; elle errou-os muita vez por cauza do atropêlo em que uns e outros

lhe andavam no cerebro. A troca era facil; os seus vinham mais vezes ao papel que os do documento original. E o peor é que elle não dava por isso, escrevia o leão em vez de transcrever a soma exata das toneladas de polvora...

De repente, entra na sala um continuo, chega-se-lhe ao ouvido e diz que o leão dera. Camilo deixou cair a pena e a tinta inutilizou a copia quasi acabada. Se a ocasião fosse outra, era cazo de dar um murro no papel e quebrar a pena, mas a ocasião era esta, e o papel e a pena escaparam ás violencias mais justas d'este mundo; o leão dera. Mas, como a duvida não morre:

— Quem é que disse que o leão deu? perguntou Camilo baixinho.

— O moço que me vendeu na cobra.

— Então foi a cobra que deu.

— Não, senhor; elle é que se enganou e veio trazer a noticia pensando que eu tinha comprado no leão, mas foi na cobra.

— Você está certo?

— Certissimo.

Camilo quiz deitar a correr, mas o papel borrado de tinta acenou-lhe que não. Foi ao chefe, contou-lhe o dezastré e pediu para fazer a cópia no dia seguinte; viria mais cedo ou levaria o original para caza...

— Que está dizendo? A cópia hade ficar pronta hoje.

— Mas são quasi trez horas.

— Prorógo o expediente.

Camilo teve vontade de prorogar o chefe até ao mar, se lhe era licito dar tal uzo ao verbo e ao regulamento. Voltou á meza, pegou de uma folha de papel e começou a escrever um requerimento de demissão. O leão dera; podia mandar embora aquelle inferno. Tudo isto em segundos rapidos, apenas um minuto e meio. Não tendo remedio, entrou a recopiar o documento, e antes das quatro horas estava acabado. A letra saiu tremida, de-zigual, raivoza, agora melancolica, pouco a pouco alegre, á medida que o leão dizia ao ouvido do amanuense, adoçando a voz : Eu dei ! eu dei !

— Ora chęgue-se, dê cá um abraço, disse-lhe o compadre, quando elle ali appareceu. Afinal a sorte começa a protejel-o.

— Quanto ?

— Cento e cinco mil réis.

Camilo pegou em si e nos cento e cinco mil réis e só na rua advertiu que não agradecera ao compadre; parou, hezitou, continuou. Cento e cinco mil réis ! Tinha ancia de levar á mulher aquella noticia ; mas, assim... só... ?

— Sim, é preciso festejar este acontecimento. Um dia não são dias. Devo agradecer ao céo a fortuna que me deu. Um pratinho melhor á meza...

Viu perto uma confeitaria; entrou por ella e espraiou os olhos, sem escolher nada. O confei-

teiro veio ajudal-o e, notando a incerteza de Camilo entre meza e sobremeza, rezolveu vender-lhe ambas as couzas. Começou por um pastelão, « um rico pastelão que enchia os olhos antes de encher a boca e o estomago. » A sobremeza foi « um rico podim », em que havia escrito, com letras de massa branca este viva eterno : « Viva a esperança ! » A alegria de Camilo foi tanta e tão estrepitosa que o homem não teve remedio senão oferecer-lhe vinho tambem, uma ou duas garrafas. Duas.

— Isto não vai sem Porto ; eu lhe mando tudo por um menino. Não é lonje ?

Camilo aceitou e pagou. Entendeu-se com o menino ácerca da caza e do que faria. Que lhe não batesse á porta ; chegasse e esperasse por elle ; podia ser que ainda não estivesse em caza ; se estivesse, viria á janela de quando em quando. Pagou dezeseis mil réis e saiu.

Estava tão contente com o jantar que levava e o espanto da mulher, que nem se lembrou de presentear Joaninha com alguma joia. Esta ideia só o assaltou no bonde, andando ; deceu e voltou a pé a buscar um mimo de ouro, um broche que fosse, com uma pedra precioza. Achou um broche nestas condições, tão modesto no preço, cincoenta mil réis, — que ficou admirado ; mas comprou-o assim mesmo, e voou para caza.

Ao chegar, estava á porta o menino, com cara

de o haver já descomposto e mandado ao diabo. Tirou lhe os embrulhos e ofereceu-lhe uma gorjeta.

— Não, senhor; o patrão não quer.

— Pois não diga ao patrão; pegue lá dez tostões; servem para comprar na cobra, compre na cobra.

Isto de lhe indicar o bicho que não dera, em vez do leão, que dera, não foi calculo nem perversidade; foi talvez confusão. O menino recebeu os dez tostões, elle entrou para caza com os embrulhos e a alma nas mãos e trinta e oito mil réis na aljibeira.

VIAJEM Á RODA DE MIM MESMO

I

Quando abri os olhos, era perto de nove horas da manhã. Tinha sonhado que o sol, trajando calção e meia de seda, fazia-me grandes barretadas, bradando-me que era tempo, que me levantasse, que fosse ter com Henriqueta e lhe dissesse tudo o que trazia no coração. Já lá vão vinte e um anos! Era em 1864, fins de novembro. Contava eu então vinte e cinco anos de idade, menos dois que ella. Henriqueta enviudara em 1862 e, segundo toda a gente afirmava, jurara a si mesma não passar a segundas nupcias. Eu, que chegára da provincia no meiado de julho, bacharel em folha, vi-a poucas semanas depois e fiquei logo ardendo por ella.

Tinha o plano feito de despozal-a, tão certo como trez e dois serem cinco. Não se imagina a minha

confiança no futuro. Viera recomendado a um dos ministros do gabinete Furtado para algum lugar de majistrado no interior, e fui bem recebido por elle. Mas a agua da Carioca embriagou-me logo aos primeiros goles, de tal maneira que rezolvi não sair mais da capital. Encostei-me á janela da vida, com os olhos no rio que corria embaixo, o rio do tempo, não só para contemplar o curso perene das aguas como á espera de ver apontar do lado de cima ou de baixo a galera de ouro e sandalo e velas de seda, que devia levar-me a certa ilha encantada e eterna. Era o que me dizia o coração.

A galera veiu, chamava-se Henriqueta, e no meio das opiniões que dividiam a capital, todos estavam de acordo em que era a senhora mais bonita d'aquelle ano. Tinha o unico defeito de não querer cazar outra vez; mas isto mesmo era antes um pico, dava maior preço á vitoria, que eu não deixaria de obter, custasse o que custasse, e não custaria nada.

Já por esse tempo abrira banca de advogado, com outro, e morava em uma caza de pensão. Durante a sessão lejislativa ia á camara dos deputados, onde, emquanto me não davam uma pasta de ministro, couza que sempre reputei certa, iam-me distribuindo noticias e apertos de mão. Ganhava pouco, mas não gastava muito; as minhas grandes despezas eram todas imaginati-

vas. O reino dos sonhos era a minha caza da moeda.

Que Henriqueta estivesse disposta a romper comigo o juramento de viuva, não ouzo afirmalo; mas creio que me tivesse certa inclinação, que achasse em mim alguma couza diversa dos demais pretendentes, diluidos na mesma agua de salão. Viu em mim o genero sinjelo e extatico. Para empregar uma figura, que serve a pintar a nossa situação respectiva, era uma estrela que se deu ao incomodo de decer até á beira do telhado. Bastava-me trepar ao telhado e trazel-a para dentro; mas era justamente o que não acabava de fazer, esperando que ella decesse por seu pé ao peitoril da minha janela. Orgulho? Não, não; acanhamento, acanhamento e apatia. Cheguei a ponto de crer que era aquelle o costume de todos os astros.

Ao menos, o sol não hezitou em fazel-o n'aquella celebre manhã. Depois de apparecer-me, como digo, de calção e meia, despiu a roupa, e entrou-me pelo quarto com os raios nús e crús, raios de novembro, transpirando a verão. Entrou por todas as frestas, cantando festivamente a mesma litania do sonho : — Eia, Placido! acorda! abre-lhe o coração! levanta-te! levanta-te!

Levantei-me rezoluto, almocei e fui para o escritorio. No escritorio, seja dito em honra do amor, não minutei nada, arrazoado ou petição;

minutei de cabeça um plano de vida nova e magnifica, e, como tivesse a pena na mão, parecia estar escrevendo, mas na realidade o que fazia eram narizes, cabeças de porco, frases latinas, juridicas ou literarias. Pouco antes das trez retirei-me e fui a caza de Henriqueta.

Henriqueta estava só. Póde ser que então pensasse em mim, e até que tivesse idéa de negar-se; mas neste cazo foi o orgulho que deu passaporte ao dezejo; recuzar-me era ter medo, mandou-me entrar. Certo é que lhe achei uns olhos gelados; o sangue é que talvez não o estivesse tanto, porque vi sinal d'elle nas maçãs do rosto.

Entrei comovido. Não era a primeira vez que nos achavamos a sós, era a segunda; mas a resolução que levava agravou as minhas condições. Quando havia gente, — naquella ou noutra caza, — cabia-me o grande recurso, se não conversavamos, de ficar a olhar para ella, fixo, de lonje, em logar onde os seus olhos davam sempre comigo. Agora, porém, eramos sós. Henriqueta recebeu-me muito bem; disse-me estendendo a mão :

— Pensei que me deixasse ir para Petropolis sem ver-me.

Baluciei uma desculpa. Na verdade o calor estava apertando e era tempo de subir. Quando subia? Respondeu-me que no dia 20 ou 21 de dezembro e, a pedido meu, descreveu-me a cidade.

Ouvi-a, disse-lhe tambem alguma couza, perguntei se ia a certo baile do Enjenho Velho; depois veiu mais isto e mais aquillo. O que eu mais temia eram as pauzas; ficava sem saber onde poria os olhos, e se era eu que reatava a conversação, fazia-o sempre com estrepito, dando relevo a pequenas couzas extranhas e ridiculas como para fazer crer que não estivera pensando nella. Henriqueta ás vezes tinha-me um ar enjoado; outras, falava com interesse. Eu, certo da vitoria, pensava em ferir a batalha, principalmente quando ella parecia expansiva; mas não me atrevia a marchar. Os minutos voavam; bateram quatro horas, depois quatro e meia.

— Vamos, disse comigo, agora ou nunca.

Olhei para ella, ella olhava para mim; logo depois, ou casualmente ou porque receiasse que eu lhe ia dizer alguma couza e não quizesse escutar-me, falou-me de não sei que anedota do dia. Abençoada anedota! ancora dos anjos! Agarrei-me a ella, contente de escapar á minha propria vontade. Que era mesmo? Lá vai; não me recordo o que era; lembro-me que a contei com todas as variantes, que a analizei, que a corriji pacientemente até ás cinco horas da tarde, que foi quando saí de lá, aborrecido, irritado, desconsolado...

II

Cranz, citado por Tylor, achou entre os groelandezes a opinião de que ha no homem duas pessoas iguais que se separam ás vezes, como acontece durante o sono, em que uma dorme e a outra sai a caçar e passeiar. Thompson e outros, apontados em Spencer, afirmam ter encontrado a mesma opinião entre varios povos e raças diversas. O testemunho egipcio (antigo), segundo Maspero, é mais complicado; criam os egipcios que ha no homem, além de varias almas espirituais, uma totalmente fisica, reprodução das feições e dos contornos do corpo, um perfeito *fac-simile*.

Não quero vir aos testemunhos da nossa lingua e tradições; notarei apenas dois: o milagre de Santo Antonio que, estando a prégar, interrompeu o sermão e, sem deixar o pulpito, foi a outra cidade salvar o pai da forca, e aquelles maviozos versos de Camões;

Entre mim mesmo e mim
Não sei que se levantou,
Que tão meu imigo sou.

Que tais versos estejam aqui no sentido figurado, é possível; mas não ha prova de não esta-

rem no sentido natural, e que *mim* e *mim mesmo* não fossem realmente duas pessoas iguais, tanjiveis, viziveis, uma encarando a outra.

Pela minha parte, alucinação ou realidade, aconteceu-me em criança um caso d'esses. Tinha ido ao quintal de um vizinho tirar umas frutas; meu pai ralhou comigo e, de noite, na cama, dormindo ou acordado — creio antes que acordado, — vi diante de mim a minha propria figura, que me censurava duramente. Durante alguns dias andei aterrado e só muito tarde chegava a conciliar o sono; tudo eram medos. Medos de criança, é verdade, impressões vivas e passageiras. Dois mezes depois, levado pelos mesmos rapazes, consocios na primeira aventura, senti a alma picadà das mesmas esporas e fui outra vez às mesmas frutas vizinhas.

Tudo isso acudia-me á memoria, quando saí da caza de Henriqueta, descompo-do-me, com um grande dezejo de quebrar a minha propria cara. Senti-me dois, um que arguia, outro que se desculpava. Nomes que eu nem admito que andem na cabeça de outras pessoas a meu respeito, foram então ditos e ouvidos, sem maior indignação, na rua e ao jantar. De noite, para distrair-me, fui ao teatro; mas nos intervalos o duelo era o mesmo, um pouco menos furiozo. No fim da noite, estava reconciliado comigo, mediante a obrigação que tomei de não deixar Henriqueta ir

para Petropolis, sem declarar-lhe tudo. Cazar com ella ou voltar á provincia.

— Sim, disse a mim mesmo; ella ha de pagar-me o que me fez fazer ao Veiga.

Veiga era um deputado que morava com outros trez na caza de pensão, e de todos os da lejisatura foi o que se me mostrou particularmente amigo. Estava na opposição, mas prometia que, tão depressa caisse o ministerio, faria por mim alguma couza. Um dia prestou-me generosamente um grande obzequio. Sabendo que eu andava atrapalhado com certa divida, mandou-a pagar por portas travessas. Fui ter com elle, logo que descobri a orijem do favor, agradei-lh'o com lagrimas nos olhos, elle meteu o cazo á bulha e acabou dizendo que não me afadigasse em arranjar-lhe o dinheiro : bastava pagar quando elle tivesse de voltar á provincia, fechadas as camaras, ou em maio que fosse.

Pouco depois, vi Henriqueta e fiquei logo namorado. Encontrámo-nos algumas vezes. Um dia recebi convite para um sarau, em caza de terceira pessoa propicia aos meus dezejões, e rezolvida a fazer o que pudesse para ver-nos ligados. Chegou o dia do sarau; mas, de tarde, indo jantar, dei com uma novidade inesperada : Veiga, que na vespera á noite tivera alguma dôr de cabeça e calafrios, amanheceu com febre, que se fez violenta para a tarde. Já era muito, mas aqui

vai o peor. Os trez deputados, amigos d'elle, tinham de ir a uma reunião politica e haviam combinado que eu ficasse com o doente e mais um criado, até que elles voltassem, e não seria tarde.

— Você fica, disseram-me; antes da meia-noite estamos de volta.

Tentei balbuciar uma desculpa, mas nem a lingua obedeceu á intenção nem elles ouviriam nada; já me haviam dado as costas. Mandeí-os ao diabo, elles e os parlamentos; depois de jantar, fui vestir-me para estar pronto, enfiei um chambre em vez da çazaca, e fui para o quarto do Veiga. Este ardia em febre; mas chegando eu á cama, viu elle a gravata branca e o colete, e disse-me que não fizesse cerimonia, que não era preciso ficar.

— Não, não vou.

— Vá, doutor; o João fica; elles voltam cedo.

— Voltam ás onze horas.

— Onze que sejam. Vá, vá.

Baloucei entre ir e ficar. O dever atava-me os pés, o amor abria-me as azas. Olhei durante alguns instantes para o doente que jazia na cama, com as palpebras caidas, respirando a custo. Os outros deviam voltar á meia-noite — eu disse onze horas, mas foi meia-noite que elles mesmos declararam, — e até lá entregue a um criado...

— Vá, doutor.

— Já tomou o remedio? perguntei.

— A segunda doze é ás nove e meia.

Puz-lhe a mão na testa; era uma braza. Tomei-lhe o pulso; era um galope. Enquanto hesitava ainda, concertei-lhe os lençois; depois fui arranjar algumas couzas no quarto, e afinal tornei ao doente para dizer que iria, mas estaria cedo de volta. Abriu apenas metade dos olhos e respondeu com um gesto; eu apertei-lhe a mão.

— Não ha de ser nada; amanhã está bom, disse-lhe saindo.

Corri a vestir a cazaca e fui para a caza onde devia achar a bela Henriqueta. Não a achei ainda, chegou quinze minutos depois.

A noite que passei foi das melhores daquelle tempo. Sensações, borboletas fujitivas que lá ides, pudesse eu recolher-vos todas e pregar-vos aqui neste papel para recreio das pessoas que me lêem. Veriam todas que não as houve nunca mais lindas, nem em tanta copia, nem tão vivas e lepidas. Henriqueta contava mais de um pretendente, mas não sei se fazia com os outros o que fazia comigo, que era mandar-me um olhar de quando em quando. Amigos della diziam que a maxima da viuva era que os olhares das mulheres, como as barretadas dos homens, são atos de cortezia, insignificantes; mas atribui sempre este dito a intriga. Valsou uma só vez, e foi comigo. Pedi-lhe uma quadrilha, recuzou-a, dizendo que prefe-

ria conversar. O que dissemos, não sei bem ; lá se vão vinte e um anos ; lembro-me só que falei menos que ella, que a maior parte do tempo deixei-me estar encostado, a ver cair-lhe da boca uma torrente de couzas divinas. Lembrei-me duas vezes do Veiga, mas de propozito não consultei o relójio, com medo.

— Você está completamente tonto, disse-me um amigo.

Creio que sorri, ou dei de hombros, fiz qualquer couza, mas não disse nada, porque era verdade que estava tonto e tontissimo. Só dei por mim quando ouvi bater a portinhola do carro de Henriqueta. Os cavalos trotaram logo ; eu que estava á porta, puxei o relójio para ver as horas, eram duas. Tive um calafrio ao pensar no doente. Corri a buscar a capa, e voei para caza, aflito, receiando algum dezastre. Andando, não evitava que o perfil de Henriqueta viesse interpor-se entre mim e elle, e uma idéa corrija outra. Então, sem o sentir, afrouxava o passo, e dava por mim ao pé della ou aos pés della.

Chegei á caza, corri ao quarto de Veiga ; achei-o mal. Um dos trez deputados velava, emquanto os outros tinham ido tomar algum repouzo. Haviam regressado da reunião antes de uma hora, e acharam o enfermo delirante. O creado adormecera. Não sabiam quanto tempo ficara o doente abandonado : tinham mandado chamar o medico.

Ouvi calado e vexado. Fui despir-me para velar o resto da noite. No quarto, a sós comigo, chamei-me ingrato e tolo; deixara um amigo lutando com a doença, para correr atraz de uns belos olhos que podiam esperar. Caí na poltrona; não me dividi fizicamente como me parecera em criança; mas moralmente desdobrei-me em dois, um que imprecava, outro que gemia. No fim de alguns minutos, fui despir-me e passei ao quarto do enfermo, onde fiquei até de manhã.

Pois bem; não foi ainda isto que me deixou um vinco de resentimento contra Henriqueta; foi a repetição do cazo. Quatro dias depois tive de ir a um jantar, a que ella ia tambem. Jantar não é baile, disse comigo; vou e volto cedo. Fui e voltei tarde, muito tarde. Um dos deputados disse-me, quando saí, que talvez achasse o colega morto : era a opinião do medico assistente. Redargui vivamente que não : era o sentimento de outros medicos consultados.

Voltei tarde, repito. Não foram os manjares, posto que preciosos, nem os vinhos, dignos de Horacio; foi ella, tão só ella. Não senti as horas, não senti nada. Quando cheguei á caza era perto de meia-noite, Veiga não morrêra, estava salvo de perigo; mas entrei tão envergonhado que simulei uma doença e meti-me na cama. Dormi tarde e mal, muito mal.

III

Agora não devia acontecer-me o mesmo. Vá que em criança, corresse duas vezes ás frutas do vizinho; mas a repetição do cazo do. Veiga era intoleravel, e a deste outro seria ridicula.

Tive idea de escrever uma carta, longa ou breve, pedindo-lhe a mão. Cheguei a pôr a pena no papel e a começar alguns rascunhos. Vi que era fraqueza e determinei ir em pessoa; pode ser tambem que esta rezolução fosse um sofisma, para escapar ás lacunas da carta. Era de noite; marquei o dia seguinte. Saí de caza e andei muito, pensando e imaginando, voltei com as pernas moidas e dormi como um ambiciozo.

De manhã pensei ainda no cazo, compuz de cabeça a cerimonia do cazamento, pompoza e rara, chegando ao ponto de transformar tudo o que estava em volta de mim. Fiz do trivial e desbotado quarto de pensão um rico *boudoir*, com ella dentro, falando-me da eternidade :

— Placido !

— Henriqueta !

De noite é que fui á caza della. Não digo que as horas andaram vagarozissimas nesse dia, porque é a regra dellas quando as nossas esperanças abotoam. Batalhei de cabeça contra Henriqueta; e assim como por esse tempo, á espera que me

fizessem deputado, dezempenhei mentalmente um grande papel politico, assim tambem subjuguiei a dama, que me entregou toda a sua vida e pessoa. Sobre o jantar, peguei casualmente nos *Trez Mosqueteiros*, li cinco ou seis capitulos que me fizeram bem e me abarrotaram de idéas petulantes, como outras tantas pedras preciosas em torno deste medalhão central : as mulheres pertencem ao mais atrevido. Respirei afouto e marchei.

Henriqueta ia sair, mas mandou-me entrar por alguns instantes. Vestida de preto, sem mantelete ou capa, com o simples busto lizo e redondo e o toucado especial della, que era uma combinação da moda com a sua propria invenção, não tenho duvida em dizer que me desvairou.

— Vou á caza de minhas primas, que chegaram de S. Paulo, disse-me ella. Sente-se um pouco. Não foi hontem ao teatro?

Disse-lhe que não, depois emendei que sim, porque era verdade. Agora que a couza lá vai, penso que não sorriu, mas na ocazião pareceu-me o contrario, e fiquei vexado. Disse-me que não tinha ido ao teatro por estar de enxaqueca, terrivel molestia que me explicou compondo as pulseiras e corrigindo a posição do relójo na cintura. Reclinada na poltrona, com um inicio de pé á mostra, parecia pedir alguém ajoelhado : foi a idea que tive e que varri da cabeça, por grotesca. Não; bastava-me o olhar e a palavra. Nem

sempre o olhar seria bastante, acanhava-se ás vezes, outras não sabia onde pouzasse; mas a palavra romperia tudo.

Entretanto, Henriqueta ia falando e sorrindo. Um^a vez parecia cômpartir a minha crize moral e a expressão dos olhos era boa. Outras via-lhe a ponta da orelha do desdem e do enfado. O coração batia-me; tremiam-me os dedos. Evocava as minhas idéas petulantes, e ellas vinham todas, mas não deciam ao coração, deixavam-se estar no cerebro, paradas, cochilando...

De repente calamo-nos, não sei se por trez, cinco ou dez minutos; lembro-me só que Henriqueta consultou o relojio; compreendi que era tempo de sair e pedi-lhe licença. Ella levantou-se logo e estendeu-me a mão. Recebi-a, olhei para ella com a intenção de dizer alguma couza, mas achei-lhe os olhos tão irados ou tão aborrecidos, não sei bem, lá vão tantos anos...

Saí. Chegando ao saguão dei com o chapéo um golpe no ar, e chamei-me um nome feio, tão feio que o não ponho aqui. A carruagem estava á porta; fui colocar-me a distancia para vel-a entrar. Não esperei muito tempo. Deceu, parou á porta um instante, entrou e o carro seguiu. Fiquei sem saber de mim, e puz-me a andar. Uma hora depois, ou pouco menos, encontrei um amigo, colega do fôro, que ia para caza; fomos andando, mas ao cabo de dez minutos :

— Você está preocupado, disse elle. Que tem?

— Perdi uma cauza.

— Não foi peor que a minha. Já lhe contei o inventario do Mattos.

Contou-me o inventario do Mattos, sem poupar nada, petições, treplicas e a sentença final, uma sentença absurda e iniqua. Eu, emquanto elle falava, ia pensando na bela Henriqueta. Tinha-a perdido pela segunda vez; e então lembrei-me do cazo do Veiga, em que os meus planos falharam de igual modo, e o das frutas, em pequeno. Ao pensar nas frutas, pensei tambem no misteriozo desdobraimento de mim mesmo e tive uma alucinação.

Sim, senhor, é verdade; pareceu-me que o colega que ia comigo era a minha mesma pessoa, que me punha as mãos á cara, irritado, e me repetia o improperio do saguão, que não escrevo. Parei assustado e vi que me enganava. E logo ouvi rir no ar, levantei a cabeça: eram as estrelas, contempladoras remotas da vida, que se riam dos meus planos e iluzões, com tal força que cuidou arrebetaram os colchetes, emquanto o meu colega ia concluindo furiozo o negocio do inventario do Mattos:

— ... um escandalo.

SÓ !

Alonguei-me fujindo, e morei na soledade.

PSALM. LIV, 8.

Bonifacio, depois de fechar a porta, guardou a chave, atravessou o jardim e meteu-se em caza. Estava só, finalmente só. A frente da caza dava para uma rua pouco frequentada e quazi sem moradores. A um dos lados da chacara corria outra rua. Creio que tudo isso era para os lados de Andarahi.

Um grande escritor, Edgar Poe, relata, em um dos seus admiraveis contos, a corrida noturna de um desconhecido pelas ruas de Londres, á medida que se despovoam, com o vizivel intento de nunca ficar só. « Esse homem, conclue elle, é o tipo e o genio do crime profundo; é o homem das multidões. » Bonifacio não era capaz de crimes, nem ia agora atraz de logares povoados,

tanto que vinha recolher-se a uma caza vazia. Posto que os seus quarenta e cinco anos não fossem tais que tornassem inverosimil uma fantasia de mulher, não era amor que o trazia á reclusão. Vamos á verdade : elle queria descançar da companhia dos outros. Quem lhe meteu isso na cabeça, — sem o querer nem saber, — foi um exquisitão d'esse tempo, dizem que filozofu, um tal Tobias que morava para os lados do Jardim Botânico. Filozofu ou não, era homem de cara seca e comprida, nariz grande e oculos de tartaruga. Paulista de nascimento, estudára em Coimbra no tempo do rei e vivera muitos anos na Europa, gastando o que possuia, até que, não tendo mais que alguns restos, arrepiou carreira. Veiu para o Rio de Janeiro com o plano de passar a S. Paulo; mas foi ficando e aqui morreu. Costumava elle desaparecer da cidade durante um ou dois mezes; metia-se em caza, com o unico preto que possuia, e a quem dava ordem de lhe não dizer nada. Esta circumstancia fel-o crer maluco, e tal era a opinião entre os rapazes; não faltava, porém, quem lhe attribuisse grande instrução e rara inteliçencia, ambas inutilizadas por um cepticismo sem remedio. Bonifacio, um dos seus poucos familiares, perguntou-lhe um dia que prazer achava n'aquellas reclusões tão longas e absolutas; Tobias respondeu que era o maior regalo do mundo.

— Mas, sózinho! tanto tempo assim, metido entre quatro paredes, sem ninguém!

— Sem ninguém, não.

— Ora, um escravo, que nem sequer lhe póde tomar a bençãam!

— Não, senhor. Trago um certo numero de idéas; e, logo que fico só, divirto-me em conversar com ellas. Algumas vêm já gravidas de outras e dão á luz cinco, dez, vinte e todo esse povo salta, brinca, dece, sóbe, ás vezes lutam umas com outras, ferem-se e algumas morrem; e quando dou acôrdo de mim, lá se vão muitas semanas.

Foi pouco depois d'essa conversação que vagou uma caza de Bonifacio. Elle, que andava aborrecido e cançado da vida social, quiz imitar o velho Tobias; disse em caza, na loja do Bernardo e a alguns amigos, que ia estar uns dias em Iguassú, e recolheu-se a Andarahi. Uma vez que a variedade enfarava, era possível achar sabor na monotonia. Viver só duas semanas inteiras, no mesmo espaço, com as mesmas couzas, sem andar de caza em caza e de rua em rua, não seria um delecte novo e raro? Em verdade, pouca gente gostará da muzica monotona; Bonaparte, entretanto, lambia-se por ella e sacava dalli uma teoria curioza, a saber, que as impressões que se repetem são as unicas que verdadeiramente se apos-

* sam de nós. Na chacara de Andarahi a impressão era uma e unica.

Vimol-o entrar. Vamos vel-o percorrer tudo, salas e alcovas, jardim e chacara. A primeira impressão d'elle, quando ali se achou, especie de
† Robinson, foi um pouco estranha mas agradável. Em todo o resto da tarde não foi mais que proprietario; examinou tudo com paciencia e minuciosidade, paredes, tetos, portas, vidraças, arvores, o tanque, a cerca de espinhos. Notou que os degráus que iam da cozinha para a chacara, estavam lascados, aparecendo o tijolo. O fogão tinha grandes estragos. Das janelas da cozinha, que eram duas, só uma fechava bem; a outra era atada com um pedaço de corda. Buracos de rato, rasgões no papel da parede, pregos deixados, golpes de canivete no peitoril de algumas janelas, tudo descobriu e contra tudo tempestuou com uma certa colera postíça e eficaz na ocazião.

A tarde passou depressa. Só reparou bem que estava só quando lhe entraram em caza as ave-marias, com o seu ar de viúvas recentes; foi a primeira vez na vida que sentiu a melancolia de tais hospedes. Essa hora eloquente e profunda, que ninguem mais cantará como o divino Dante,
* elle só a conhecia pelo gaz do jantar, pelo aspeto das viandas, ao tinir dos pratos, ao reluzir dos copos, ao borborinho da conversação, se jantava com outras pessoas, ou pensando n'ellas se jantava

só. Era a primeira vez que lhe sentia o prestígio, e não ha duvida que ficou acabrunhado. Correu a acender luzes e cuidou de jantar.

Jantou menos mal, ainda que sem sôpa; tomou café, preparado por elle mesmo na maquina que levára, e encheu o resto da noite como poude. A's 8 horas, indo dar corda ao relógio, rezolveu deixal-o parar, afim de tornar mais completa a solidão; leu algumas pajinas de uma novela, bocejou, fumou e dormiu.

De manhã, ao voltar do tanque e tomado o café, procurou os jornais do dia e só então advertiu que, de propozito, os não mandára vir. Estava tão acostumado a lêl-os entre o café e o almoço, que não poude achar compensação em nada.

— Pateta! exclamou. Que tinha que os jornais viessem?

Para matar o tempo foi abrir e examinar as gavetas da meza, — uma velha meza, que lhe não servia ha muito e estava ao canto do gabinete, na outra caza. Achou bilhetes de amigos, notas, flores, cartas de jogar, pedaços de barbante, de lacre, penas, contas antigas, etc. Releu os bilhetes e as notas. Algumas destas falavam de couzas e pessoas dispersas ou extintas: « Lembrar ao cabeleireiro para ir á caza de D. Amelia. » — « Comprar um cavalinho de páu para o filho do Vasconcellos. » — « Comprimentar o ministro da marinha. » — « Não esquecer de copiar

as charadas que D. Antonia me pediu. » — « Ver o numero da caza dos suspensorios. » — « Pediu ao secretario da camara um bilhete de tribuna para o dia da interpelação. » E assim outras, algumas tão concizas, que elle mesmo não chegava a entender, como estas, por exemplo : — « Soares, prendas, a cavallo. » — « Ouro e pé de meza. »

No fundo da gaveta, deu com uma caixinha de tartaruga, e dentro um mólhozinho de cabelos, e este papel : « Cortados hontem, 5 de Novembro, de manhã. » Bonifacio estremeceu...

— Carlota! exclamou.

Compreende-se a comoção. As outras notas eram pedaços da vida social. Solteiro, e sem parentes, Bonifacio fez da sociedade uma familia. Contava numerosas relações e não poucas intimas. Vivia da convivencia, era o elemento obrigado de todas as funções, parceiro infalivel, confidente discreto e cordial servidor, principalmente de senhoras. Nas confidencias, como era pacifico e sem opinião, adotava os sentimentos de cada um e tratava sinceramente de os combinar, de restaurar os edificios que, ou o tempo ou as tempestades da vida, iam gastando. Foi uma d'essas confidencias que o levou ao amor expresso naquelle mólhozinho de cabelos, cortados hontem, 5 de Novembro; e esse amor foi a grande data memoravel da vida d'elle.

— Carlota! repetiu ainda.

Reclinado na cadeira, contemplava os cabelos, como se fossem a propria pessoa; releu o bilhete, depois fechou os olhos para recordar melhor. Póde-se dizer que ficou um pouco triste, mas de uma tristeza que a fadiga tinjia de alguns tons alegres. Reviveu o amor e a carruagem, — a carruagem d'ella, — os hombros soberbos e as joias magnificas, — os dedos e os aneis, a ternura da amada e a admiração publica...

— Carlota!

Nem almoçando perdeu a preocupação. E, comtudo, o almoço era o melhor que se podia dezejar em tais circumstancias, mórmente se contarmos o excelente Borgonha que o acompanhou, presente de um diplomata; — mas nem assim.

Fenomeno interessante: — almoçado e acendendo um charuto, Bonifacio pensou na boa fortuna, que seria, se ella lhe apparecesse, ainda agora, a despeito dos quarenta e quatro anos. Podia ser; morava para os lados da Tijuca. Uma vez que isto lhe pareceu possivel, Bonifacio abriu as janelas todas da frente e deceu á chacara, para ir até á cerca que dava para a outra rua. Tinha esse genero de imaginação que a esperança dá a todos os homens; figurou na cabeça a passagem de Carlota, a entrada, o assombro e o reconhecimento. Supoz até que lhe ouvia a voz;

mas era o que lhe acontecia desde manhã, a respeito de outras. De quando em quando chegavam-lhe ao ouvido uns retalhos de frases :

— Mas, Sr. Bonifacio...

— Jogue; a vaza é minha...

— Jantou com o dezembargador?

Eram écos da memoria. A voz da dona dos cabelos era tambem um eco. A diferença é que esta lhe pareceu mais perto, e elle cuidou que, realmente, ia ver a pessoa. Chegou a crer que o fato extraordinario da reclusão se prendesse ao encontro com a dama, unico modo de a explicar. Como? Segredo do destino. Pela cerca, espiou disfarçadamente para a rua, como se quizesse embaçar a si mesmo, e não viu nem ouviu nada mais que uns cinco ou seis cães que perseguiam a outro, latindo em côro. Começou a choviscar; apertando a chuva, correu a meter-se em caza; entrando, ouviu distintamente dizer:

— Meu bem!

Estremeceu; mas era iluzão. Chegou á janela, para ver a chuva, e lembrou-se que um de seus prazeres, em tais ocasiões, era estar á porta do Bernardo ou do Farani, vendo passar a gente, uns para baixo, outros para cima, n'uma contradança de guardas-chuva... A impressão do silencio, principalmente, aflijia mais que a da solidão. Ouvia alguns pios de passarinho, cigarras, — ás vezes um rodar de carro, ao lonje, — alguma

voz humana, ralhos, cantigas, uma rizada, tudo fraco, vago e remoto, e como que destinado só a agravar o silêncio. Quiz ler e não poudo; foi reler as cartas e examinar as contas velhas. Estava impaciente, zangado, nervoso. A chuva, posto que não forte, prometia durar muitas horas e talvez dias. Outra cainçada aos fundos, e d'esta vez trouxe-lhe á memoria um dito do velho Tobias. Estava em caza d'elle, ambos á janela, e viram passar na rua um cão, fujindo de dois que ladravam; outros cães, porém, saindo das lojas e das esquinas, entraram a ladrar tambem, com igual ardor e raiva, e todos corriam atraz do perseguido. Entre elles ia o do proprio Tobias, um que o dono supunha ser decendente de algum cão feudal, companheiro das antigas castelãs. Bonifacio riu-se e perguntou-lhe se um animal tão nobre era para andar nos tumultos de rua.

— Você fala assim, respondeu Tobias, porque não conhece a maxima social dos cães. Viu que nenhum d'elles perguntou aos outros o que é que o perseguido tinha feito; todos entraram no côro e perseguiram tambem, levados d'esta maxima universal entre elles: — Quem persegue ou morde tem sempre razão, — ou, em relação á materia da perseguição, ou, quando menos, em relação ás pernas do perseguido. Já reparou? Repare e verá.

Não se lembrava do resto, e, aliaz, a idéa do

Tobias pareceu-lhe ininteligível, ou, quando menos, obscura. Os cães tinham cessado de latir. Só continuava a chuva. Bonifacio andou, voltou, foi de um lado para outro, começava a achar-se ridiculo. Que horas seriam? Não lhe restava o recurso de calcular o tempo pelo sol. Sabia que era segunda-feira, dia em que costumava jantar na rua dos X Beneditinos com um comissario de café. Pensou n'isso; pensou na reunião do conselheiro***, que conhecera em Petropolis; pensou em Petropolis no *whist*; era mais feliz no *whist* que ao voltarete, e ainda agora recordava todas as circumstancias de uma certa mão, em que elle pedira licença, com quatro trunfos, rei, manilha, basto, dama... E reproduzia tudo, as cartas d'elle com as de cada um dos parceiros, as cartas compradas, a ordem e a composição das razas...

Era assim que as lembranças de fóra, couzas e pessoas, vinham de tropel agitando-se em volta d'elle, falando, rindo, fazendo-lhe companhia. Bonifacio recompunha toda a vida exterior, figuras e incidentes, namoros de um, negocios de outro, diversões, brigas, anedotas, uma conversação, um enredo, um boato. Cansou e tentou ler; a principio, o espirito saltara fóra da pajina, atraz de uma noticia qualquer, um projeto de casamento; depois caiu n'uma sonolencia teimoza. Esper-tava, lia cinco ou seis linhas e dormia. Afinal, levantou-se, deixou o livro e chegou á janela

para ver a chuva, que era a mesma, sem parar nem crescer, sem diminuir, sempre a mesma cortina d'agua despenhando-se de um ceo amontoado de nuvens grossas e eternas. Jantou mal, e para consolar-se bebeu muito Borgonha. De noite, fumado o segundo charuto, lembrou-se das cartas, foi a ellas, baralhou-as e sentou-se a jogar a paciencia. Era um recurso: poude assim escapar ás recordações que o aflijiam, se eram más, ou que o empuchavam para fóra, se eram boas. Dormiu ao som da chuva e teve um pezadelo. Sonhou que subia á presença de Deus e que lhe ouvia a resolução de fazer chover por todos os seculos restantes do mundo.

— Quantos mais? perguntou elle.

— A cabeça humana é inferior ás mathematicas divinas, respondeu o Senhor; mas posso dar-te uma idea remota e vaga : — multiplica as estrelas do céo por todos os grãos de areia do mar e terás uma particula dos seculos...

— Onde irá tanta agua, Senhor?

— Não choverá só agua, mas tambem Borgonha e cabelos de mulheres bonitas...

Bonifacio agradeceu este favor. Olhando para o ar, viu que efetivamente chovia muito cabelo e muito vinho, além da agua, que se acumulava no fundo de um abismo. Inclinou-se e descobriu em baixo, lutando com a agua e os tufões, a deliciosa Carlota; e querendo decer para salvá-a,

levantou os olhos e fitou o Senhor. Já o não viu então, mas sómente a figura de Tobias, olhando por cima dos oculos, com um fino sorriso sardonico e as mãos nas aljibeiras. Bonifacio soltou um grito e acordou.

De manhã, ao levantar-se, viu que continuava a chover. Nada de jornais: parecia-lhe já um seculo que estava separado da cidade. Podia ter-lhe morrido algum amigo, ter caído o ministerio, elle não sabia de nada. O almoço foi ainda peor que o jantar da vespera. A chuva continuava, farfalhando nas arvores, nem mais nem menos. Vento nenhum. Qualquer bafagem movendo as folhas quebraria um pouco a uniformidade da chuva; mas tudo estava calado e quieto, só a chuva caía sem interrupção nem alteração, de maneira que, ao cabo de algum tempo, dava ella propria a sensação da imobilidade, e não sei até se a do silencio.

As horas eram cada vez mais interminaveis. Nem havia horas; o tempo ia sem as divizões que lhe dá o reljio, como um livro sem capitulos. Bonifacio lutou ainda, fumando e jogando; lembrou-se até de escrever algumas cartas, mas apenas poudo acabar uma. Não podia ler, não podia estar, ia de um lado para outro, somnolento, cansado, resmungando um trecho de opera : *Di quella pira...* Ou então : *In mia mano al fim tu sei...* Planeava outras obras na caza, ajitava-se e não

dominava nada. A solidão, como paredes de um carcere misteriozo, ia-se-lhe apertando em derredor e não tardaria a esmagal-o. Já o amor proprio o não retinha; elle desdobrava-se em dois homens, um dos quais provava ao outro que estava fazendo uma tolice.

Eram trez horas da tarde quando elle rezolveu deixar o refugio. Que alegria quando chegou á rua do Ouvidor! Era tão insolita que fez desconfiar algumas pessoas : elle, porém, não contou nada a ninguem e explicou Iguassú como poude.

No dia seguinte foi á caza do Tobias, mas não lhe poude falar; achou-o justamente recluzo. Só duas semanas depois, indo a entrar na barca de Niteroi, viu adiante de si a grande estatura do exquisitão, e reconheceu-o pela sobre-cazaca côr de rapé, comprida e larga. Na barca falou-lhe :

— O senhor pregou-me um logro...

— Eu? perguntou Tobias, sentando-se ao lado d'elle.

— Sem querer, é verdade, mas sempre fiquei logrado.

Contou-lhe tudo, confessou-lhe que, por estar um pouco fatigado dos amigos, tivera a idea de recolher-se por alguns dias, mas não conseguiu ir além de dois e, ainda assim, com dificuldade. Tobias ouviu-o calado, com muita atenção, depois interrogou-o minuciozamente, pediu-lhe todas as sensações, ainda as mais intimas, e o outro não

lhe negou nenhuma, nem as que teve com os cabelos achados na gaveta. No fim, olhando por cima dos olhos, tal qual como no pezadelo, disse-lhe com um sorriso copiado do diabo :

— Quer saber? Você esqueceu de levar o principal da matalotagem, que são justamente as ideias...

Bonifacio achou-lhe graça e riu.

Tobias rindo também, deu-lhe um piparote na testa. Em seguida pediu-lhe notícias, e o outro deu-lh'as de varia especie, grandes e pequenas, fatos e boatos, isto e aquillo, que o velho Tobias ouviu, com olhos meio cerrados, pensando em outra couza.

O ESCRIVÃO COIMBRA

Aparentemente ha poucos espetaculos tão melancolicos como um ancião comprando um bilhete de loteria. Bem considerado, é alegre; essa perzistencia em crer, quando tudo se ajusta ao descrer, mostra que a pessoa é ainda forte e moça. Que os dias passem e com elles os bilhetes brancos, pouco importa; o ancião estende os dedos para escolher o numero que ha-de dar a sorte grande amanhã, — ou depois, — um dia, emfim, porque todas as couzas podem falhar neste mundo, menos a sorte grande a quem compra um bilhete com fé.

Não era a fé que faltava ao escrivão Coimbra. Tambem não era a esperança. Uma couza não vai sem outra. Não confundas a fé na Fortuna com a fé relijioza. Tambem tivera esta em anos verdes e maduros, chegando a fundar uma irmandade, a irmandade de S. Bernardo, que era o santo de seu

x nome; mas aos cincoenta, por efeito do tempo ou de leituras, achou-se incredulo. Não deixou logo a irmandade; a espoza poudo contel-o no exercicio do cargo de mezario e levava-o ás festas do santo; ella, porém, morreu, e o viuvo rompeu de vez com o santo e o culto. Rezignou o cargo da meza e fez-se irmão remido para não tornar lá. Não buscou arrastar outros nem obstruir o caminho da oração; elle é que já não rezava por si nem por ninguem. Com amigos, se eram do mesmo estado da alma, confessava o mal que sentia da relijião. Com familiares, gostava de dizer pilherias sobre devotas e padres.

Aos sessenta anos já não cria em nada, fosse do céo ou da terra, exceto a loteria. A loteria, sim, tinha toda a sua fé e esperança. Poucos bilhetes comprava a principio, mas a idade, e depois a solidão, vieram apurando aquelle costume e o levaram a não deixar passar loteria sem bilhete.

Nos primeiros tempos, não vindo a sorte grande, prometia não comprar mais bilhetes, e durante algumas loterias cumpria a promessa. Mas lá apparecia alguem que o convidava a ficar com um bonito numero, comprava o numero e esperava. Assim veiu andando pelo tempo fóra até chegar aquelle em que loterias rimaram com dias, e passou a comprar seis bilhetes por semana; repouzava aos domingos. O escrevente juramentado, um Amaral que ainda vive, foi o demonio tentador nos seus

desfalecimentos. Tão depressa descobriu a devoção do escrivão, começou a animal-o nella, contando-lhe lances de pessoas que tinham enriquecido de um momento para outro.

— Fulano foi assim, Sicrano assim, dizia-lhe Amaral expondo a aventura de cada um.

Coimbra ouvia e cria. Já agora cedia ás mil maneiras de convidar a sorte, a que a superstição pode emprestar certeza, numero de uns autos, soma de umas custas, um arranjo casual de algarismos, tudo era combinação para encomendar bilhetes, compral-os e esperar. Na primeira loteria de cada anno comprava o numero do anno; empregou este metodo desde 1884. Na ultima loteria de 1892 inventou outro, trocou os algarismos da direita para a esquerda e comprou o numero 2981. Já então não cançava por duas razões fundamentais e uma accidental. Sabeis das primeiras, a necessidade e o costume; a ultima é que a Fortuna negaceava com gentileza. Nem todos os bilhetes saíam brancos. A's vezes (parecia de proposito) Coimbra dizia de um bilhete que era o ultimo e não compraria outro se lhe saísse branco; corria a roda, tirava cincoenta mil reis, ou cem, ou vinte, ou ainda o mesmo dinheiro. Quer dizer que tambem podia tirar a sorte grande; em todo cazo, aquelle dinheiro dava para comprar de graça alguns bilhetes. « Comprar de graça » era a sua própria expressão. Uma vez a sorte grande sain

dois numeros adeante do delle, 7377; o delle era 7375. O escrivão criou alma nova.

Assim viveu os ultimos anos do imperio e os primeiros da republica, sem já crer em nenhum dos dois rejimens. Não cria em nada. A propria justiça em que era official, não tinha a sua fé; parecia-lhe uma instituição feita para conciliar ou perpetuar os dezacordos humanos, mas por diversos e contrarios caminhos, ora á direita, ora á esquerda. Não conhecendo as Ordenações do Reino, salvo de nome, nem as leis imperiais e republicanas, acreditava piamente que tanto valiam na boca de autores como de réus, isto é, que formavam um repozitorio de dispozições avessas e cabidas a todas as situações e pretenções. Não lhe atribuas nenhum cepticismo elegante; não era dessa casta de espiritos que temperam a descrença nos homens e nas couzas com um sorrizo fino e amigo. Não, a descrença era nelle como uma capa esfarrapada.

Uma só vez saiu do Rio de Janeiro; foi para ir ao Espirito-Santo á cata de uns diamantes que não achou. Houve quem dissesse que essa aventura é que lhe pegou o gosto e a fé na loteria; tambem não faltou quem sujerisse o contrario, que a fé na loteria é que lhe dera a vista antecipada dos diamantes. Uma e outra explicação é possivel. Tambem é possivel terceira explicação, alguma cauza comum a diamantes e premios. A

alma humana é tão sutil e complicada que traz confusão á vista nas suas operações exteriores. Fosse como fosse, só daquella vez saiu do Rio de Janeiro. O mais do tempo viveu nesta cidade, onde envelheceu e morreu. A irmandade de S. Bernardo tomou a si dar-lhe cova e tumulo, não que lhe faltassem a elle meios disso, como se vai ver, mas por uma especie de obrigação moral com o seu fundador.

Morreu no começo da presidencia Campos Salles, em 1899, fins de Abril. Vinha de assistir ao casamento do escrevente Amaral, na qualidade de testemunha, quando foi acometido de uma conjestão, e antes da meia-noite era defunto. Os conselhos que se lhe acharam no testamento podem todos resumir-se nesta palavra : *perzistir*. Amaral requereu traslado daquelle documento para uzo e guia do filho, que vai em cinco anos, e entrou para o colejio. Fêl-o com sinceridade, e não sem tristeza, porque a morte de Coimbra sempre lhe pareceu efeito do seu caiporismo ; não dera tempo a nenhuma lembrança afetuoza do velho amigo, testemunha do casamento e provavel compadre.

Antes do golpe que o levou, Coimbra não padecia nada, não tinha a menor lezão, apenas algum cançasso. Todos os seus organs funcionavam bem, e o mesmo cerebro, se nunca foi grande couza, não era agora menos que d'antes.

Talvez a memoria acuzasse alguma debilidade, mas elle consolava-se do mal dizendo que « com a memoria lhe sairam muitas couzas ruins da cabeça ». No foro era bemquisto e no cartorio respeitado. Em 1897, pelo S. João, o escrevente Amaral insinuou-lhe a conveniencia de descançar e propoz-se a ficar á testa do cartorio para seguir « o exemplo fortificante do amigo ». Coimbra recuzou, agradecendo. Entretanto, não deixava de temer que viesse a fraquear e cair de todo, sem mais corpo nem alma que dar ao officio. Já não saía do cartorio, ás tardes, sem um olhar de saudades prévias.

Chegou o Natal de 1895. Desde a primeira semana de Dezembro foram postos á venda os bilhetes da grande loteria de quinhentos contos, chamada por alguns cambistas, nos anuncios, loteria-monstro. Coimbra comprou um. Parece que dessa vez não cedeu a nenhuma combinação de algarismos ; escolheu o bilhete d'entre os que lhe apresentaram no balcão. Em caza, guardou-o na gaveta da meza e esperou.

— Desta vez, sim, disse elle no dia seguinte ao escrevente Amaral, desta vez cesso de tentar fortuna ; se não tirar nada, deixo de jogar na loteria.

Amaral ia aprovar a rezolução, mas uma idea contraria suspendeu a palavra antes que ella lhe caísse da boca, e elle trocou a afirmação por

uma consulta. Por que deixar para sempre? Loteria é mulher, pode acabar cedendo um dia.

— Já não estou em idade de esperar, retrucou o escrivão.

— Esperança não tem idade, sentenciou Amaral, recordando uns versos que fizera outrora, e concluiu com este velho adajio: Quem espera sempre alcança.

— Pois eu não esperarei e não alcançarei, teimou o escrivão; este bilhete é o ultimo.

Tendo afirmado a mesma couza tantas vezes, era provavel que ainda agora desmentisse a afirmação e, malgrado no dia de Natal, voltaria á sorte no dia de Reis. Foi o que Amaral pensou e não insistiu em convencel-o de um vicio que estava no sangue. A verdade, porém, é que Coimbra era sincero. Tinha aquella tentação por ultima. Não pensou no cazo de ser favorecido, como de outras vezes, com alguns cincoenta ou cem mil reis, quantia minima para os efeitos da ambição, mas bastante para convidal-o a reincidir. Poz a alma nos dois extremos: nada ou quinhentos contos. Se fosse nada, era o fim. Faria como fez com a irmandade e a religião; deitaria o habito ás ortigas, remia-se de freguez e iria ouvir a missa do Diabo.

Os dias começaram a passar, como elles costumam, com as suas vinte e quatro horas iguais umas ás outras, na mesma ordem, com a mesma

sucessão de luz e trevas, trabalho e repouzo. A alma do escrivão aguardava o dia 24, vespera do Natal, quando devia correr a roda, e continuou os traslados, juntadas e concluzões dos seus autos. Convem dizer, em louvor deste homem, que nenhuma preocupação extranha lhe tirára o gosto á escrevãnia, por mais que preferisse a riqueza ao trabalho.

Só quando o dia 20 alvoreceu e poz a menor distancia a data fatidica é que a imajem dos quinhentos contos veio interpor-se de vez aos papeis do foro. Mas não foi só a maior proximidade que trouxe este efeito, foram as conversas na rua e no mesmo cartorio ácerca de sortes grandes, e, mais que conversas, a propria figura de um homem beneficiado com uma dellas, cinco anos antes. Coimbra recebera um tal Guimarães, testamenteiro de um importador de sapatos, que ali foi assinar um termo. Em quanto se lavrava o termo, alguém que ia com elle, perguntou-lhe se estava « habilitado para a loteria do Natal ».

— Não, disse Guimarães.

— Tambem nem sempre hade ser feliz.

Coimbra não teve tempo de perguntar nada ; o amigo do testamenteiro deu-lhe noticia de que este, em 1893, tirara duzentos contos. Coimbra fitou o testamenteiro cheio de espanto. Era elle, era o proprio, era alguém que, mediante uma pequena quantia e um bilhete numerado, entrara na pose

de duzentos contos de reis. Coimbra olhou bem para o homem. Era um homem, um feliz.

— Duzentos contos? disse elle para ouvir a confirmação do proprio.

— Duzentos contos, repetiu Guimarães. Não foi por meu esforço nem dezejo, explicou; não costumava comprar, e daquella vez quazi quebro a cabeça ao pequeno que me queria vender o bilhete; era um italiano. *Guardate, signore*, implorava elle metendo-me o bilhete á cara. Cansado de ralar, entrei n'um corredor e comprei o bilhete. Trez dias depois tinha o dinheiro na mão. Duzentos contos.

O escrivão não errou o termo porque nelle já os dedos é que eram escrivães; realmente, não pensou em nada mais que decorar esse homem, reproduzil-o na memoria, escrutal-o, bradar-lhe que tambem tinha bilhete para os quinhentos contos do dia 24 e exigir-lhe o segredo de os tirar. Guimarães assinou o termo e saiu; Coimbra teve impeto de ir atraz d'elle, apalpal-o, ver se era mesmo gente, se era carne, se era sangue... Então era verdade? Havia premios? Tiravam-se premios grandes? E a paz com que aquelle sujeito contava o lance da compra! Tambem elle seria assim, se lhe saíssem os duzentos contos, quanto mais os quinhentos!

Essas frases cortadas que aí ficam dizem vagamente a confusão das ideas do escrivão. Até

agora trazia em si a fé, mas já reduzida a costume só, um costume longo e forte, sem assombros nem sobresaltos. Agora via um homem que passára de nada a duzentos contos com um simples gesto de fastio. Que elle nem sequer tinha o gosto e a comichão da loteria ; ao contrario, quiz quebrar a cabeça da Fortuna ; ella, porém, com olhos de namorada, fel-o trocar a impaciencia em condescendencia, pagar-lhe cinco ou dez mil reis, e trez dias depois... Coimbra fez todo o mais trabalho do dia automaticamente.

De tarde, caminhando para caza, foi-se-lhe metendo na alma a persuazão dos quinhentos contos. Era mais que os duzentos do outro, mas tambem elle merecia mais, teimando como vinha de anos estirados dezertos e brancos, mal borrifados de algumas centenas, raras, de mil reis. Tinha maior direito que o outro, talvez maior que ninguem. Jantou, foi á caza pegada, onde nada contou pelo receio de não tirar couza nenhuma e rirem-se delle. Dormiu e sonhou com o bilhete e o premio ; foi o proprio cambista que lhe deu a nova da felicidade. Não se lembrava bem, de manhã, se o cambista o procurou ou se elle procurou o cambista ; lembrava-se bem das notas, eram parece que verdes, grandes e frescas. Ainda apalpou as mãos ao acordar ; pura iluzão !

Iluzão embora, deixara-lhe nas palmas a maciez do sonho, o fresco, o verde, o avultado dos

contos. Ao passar pelo Banco da Republica pensou que poderia levar ali o dinheiro, antes de o empregar em cazas, titulos e outros bens. Esse dia 21 foi peor, em ancia, que o dia 20. Coimbra estava tão nervozo que achou o trabalho demaziado, quando de ordinario ficava alegre com a concurrencia de papeis. Melhorou um pouco, á tarde; mas, ao sair, entrou a ouvir meninos que vendiam bilhetes de loteria, e esta linguajem, gritada da grande banca publica, novamente lhe fez ajitar a alma.

Ao passar pela igreja onde era venerada a imagem de S. Bernardo, cuja irmandade elle fundou, Coimbra deitou olhos saudosos ao passado. Tempos em que elle cria! Outrora faria uma promessa ao santo; agora...

— Infelizmente não! suspirou comsigo.

Sacudiu a cabeça e guiou para caza. Não jantou sem que a imajem do santo viesse espreital-o duas ou trez vezes, com o olhar serafico e o gesto de immortal bemaventurança. Ao pobre escrivão vinha agora mais esta magoa, este outro dezerto arido e maior. Não cria; faltava-lhe a doce fé relijioza, dizia consigo. Saiu a passeio, á noite e, para encurtar caminho, enfiou por um beco. Deixando o beco, pareceu-lhe que alguem chamava por elle, voltou a cabeça e viu a pessoa do santo, agora mais celeste; já não era a imajem de madeira, era a pessoa, como digo, a

pessoa viva do grande doutor christão. A iluzão foi tão completa que lhe pareceu ver o santo estender-lhe as mãos, e nellas as notas do sonho, aquellas notas largas e frescas.

Imajina essa noite de 21 e a manhã de 22. Não chegou ao cartorio sem passar pela igreja da irmandade e entrar outra vez nella. A razão que deu a si mesmo foi saber se a gente local trataria a sua instituição com o zelo do principio. Achou lá o sacristão, um velho zelozo que veio para elle com a alma nos olhos, exclamando :

— Vossa senhoria por aqui !

— Eu mesmo, é verdade. Passei, lembrou-me saber como é aqui tratado o meu hospede.

— Que hospede? perguntou o sacristão sem entender a linguagem figurada.

— O meu velho S. Bernardo.

— Ah ! S. Bernardo ! Como hade ser tratado um santo milagrozo como elle é? Vossa senhoria veio á festa deste ano?

— Não pude.

— Pois esteve muito bonita. Houve muitas esmolos e grande concurrencia. A meza foi reeleita, sabe ?

Coimbra não sabia, mas disse que sim, e sinceramente achou que devia sabel-o ; chamou-se descuidado, relaxado, e voltou para a imajem olhos que supoz contritos e pode ser que o fossem. Ao sacristão pareceram devotos. Tam-

bem este elevou os seus á imagem e fez a reverencia habitual, inclinando meio corpo e dobrando a perna. Coimbra não foi tão extenso, mas imitou o gesto.

- A escola vai bem, sabe ? disse o sacristão.
- A escola ? Ah ! sim. Ainda existe ?
- Se existe ? Tem setenta e nove alumnos.

Tratava-se de uma escola que ainda em tempo da espoza do escrivão, a irmandade fundára com o nome do santo, a Escola de S. Bernardo. O desapego relijiozo do escrivão chegára ao ponto de não acompanhar a prosperidade do estabelecimento, quazi esquecel-o de todo. Ouvindo a noticia, ficou pasmado. No tempo d'elle não houve mais de uma duzia de alumnos, agora eram setenta e nove. Por algumas perguntas sobre a administração, soube que a irmandade pagava a um diretor e trez professores. No fim do ano ia haver a distribuição dos premios, grande festa a que esperavam trazer o arcebispo.

Quando saiu da igreja, trazia Coimbra não sei que resurreições vagas e cinzentas. Propriamente não tinham côr, mas esta expressão serve a indicar uma feição nem viva, como d'antes, nem totalmente morta. O coração não é só berço e tumulo, é tambem hospital. Guarda algum doente, que um dia, sem saber como, convalece do mal, sacode a paralizia e dá um salto em pé. No coração de Coimbra o enfermo não deu salto, entrou

a mover os dedos e os labios, com tais sinais de vida que pareciam chamar o escrivão e dizer-lhe couzas de outro tempo.

— O ultimo ! Quinhentos contos ! bradavam os meninos, quando elle ia a entrar no cartorio. Quinhentos contos ! O ultimo !

Estas vozes entraram com elle e repetiram-se varias vezes durante o dia, ou da boca de outros vendedores ou dos ouvidos d'elle mesmo. Quando voltou para caza, passou novamente pela igreja mas não entrou ; um diabo ou o que quer que era desviou o gesto que elle começou a fazer.

Não foi menos inquieto o dia 23. Coimbra lembrou-se de passar pela Escola de S. Bernardo ; já não era na caza antiga ; estava em outra, uma boa caza assobradada, de sete janelas, portão de ferro ao lado e jardim. Como é que elle fôra um dos primeiros autores de obra tão conspicua ? Passou duas vezes por ella, chegou a querer entrar, mas não saberia que dissesse ao diretor e temeu o rizo dos meninos. Foi para o cartorio e, de caminho, mil recordações lhe restituíam o tempo em que aprendia a ler. Que elle tambem andou na escola, e evitou muita palmatoada com promessas de orações a santos. Um dia, em caza, ameaçado de apanhar por haver tirado ao pai um doce, aliaz indijesto, prometeu uma vela de cera a Nossa Senhora. A mãe pediu por elle e alcançou perdoal-o ; elle pediu á mãe o preço da vela e

cumpriu a promessa. Reminiscencias velhas e amigas que vinham temperar o arido preparo dos papeis. Ao mesmo S. Bernardo fizera mais de uma promessa, quando era irmão efetivo e me-zario, e cumpriu-as todas. Onde iam tais tempos?

Emfim, surdiu a manhã de 24 de Dezembro. A roda tinha de correr ao meio-dia. Coimbra acordou mais cedo que de costume, mal começava a clarear. Comquanto trouxesse de cór o numero do bilhete, lembrou-se de o escrever na folha da carteira para havel-o bem fixo, e no cazo de tirar a sorte grande... Está idea fel-o estre-mecer. Uma derradeira esperança (que o homem de fé nunca perde) lhe perguntou sem palavras: Que é que lhe impedia tirar os quinhentos contos? Quinhentos contos! Tais couzas viu neste algarismo que fechou os olhos deslumbrados. O ar, como um éco, repetiu: Quinhentos contos! E as mãos apalparam a mesma quantia.

De caminho foi á igreja, que achou aberta e dezerta. Não, não estava dezerta. Uma preta velha, ajoelhada deante do altar de S. Bernardo, com um ro-zario na mão, parecia pedir-lhe alguma couza, se não é que lhe pagava em orações o beneficio já recebido. Coimbra viu a postura e o gesto. Advertiu que elle era o autor daquella consolação da devota e olhou tambem para a imajem. Era a mesma do seu tempo. A preta acabou bei-

jando a cruz do roزاری, persignou-se, levantou-se e saiu.

Ia a sair tambem quando duas figuras lhe passaram pelo cerebro : a sorte grande, naturalmente, e a escola. Atraz dellas veiu uma sujestão, depois um calculo. Este calculo, por mais que digam do escrivão que elle amava o dinheiro (e amava), foi dezinteressado ; era dar de si muita couza, contribuir para elevar mais e mais a escola, que era tambem obra sua. Prometeu dar cem contos de reis para o ensino, para a escola, Escola de S. Bernardo, se tirasse a sorte grande. Não fez a promessa nominalmente, mas por estas palavras sem sobrescrito, e todavia sinceras : « Prometo dar cem contos de reis á Escola de S. Bernardo, se tirar a sorte grande. » Já na rua, considerou bem que não perdia nada se não tirasse a sorte, e ganharia quatrocentos contos se a tirasse. Picou o passo e ainda uma vez penetrou no cartorio, onde buscou enterrar-se no trabalho.

Não se contam as agonias daquelle dia 24 de Dezembro de 1898. Imajine-as quem já esperou quinhentos contos de reis. Nem por isso deixou de receber e contar as quantias que lhe eram devidas por atos judiciaes. Parece que entre onze horas e meio-dia, depois de uma autoação e antes de uma conclusão, repetiu a promessa de cem contos á Escola : « Prometo dar, etc. »

Bateu meio-dia e o coração do Coimbra não bateu menos, com a diferença que as doze pancadas do relógio de S. Francisco de Paula foram o que ellas são desde que se inventaram relógios, uma ação certa, pausada e acabada, e as do coração daquelle homem foram precipitadas, convulsas, deziguais, sem acabar nunca. Quando elle ouviu a ultima de S. Francisco, não se poudeteer que não pensasse mais vivo na roda ou o que quer que era que faria sair os numeros e os premios da loteria. Era agora... Teve idea de ir dali saber noticias, mas recuou. Mal se concebe tanta impaciencia em jogador tão velho. Parece que estava adivinhando o que lhe ia acontecer.

Desconfias o que lhe aconteceu? A's quatro horas e meia, acabado o trabalho, saiu com a alma nas pernas e correu á primeira caza de loteria. Lá estavam, escritos a giz em tabóia preta, o numero do bilhete d'elle e os quinhentos contos. A alma, se elle a tinha nas pernas, era de chumbo, porque ellas não andaram mais, nem a luz lhe tornou aos olhos senão alguns minutos depois. Restituído a si, consultou a carteira, era o numero exato. Ainda assim, podia ter-se enganado, ao copial-o. Voou num tilburi a caza; não se enganára, era o numero d'elle.

Tudo se cumpriu com lealdade. Cinco dias depois, a meza da irmandade recebia os cem contos de reis para a Escola de S. Bernardo e expe-

dia um officio de agradecimento ao fundador das duas instituições, entregue a este por todos os membros da meza em comissão.

No fim de Abril cazara o escrevente Amaral, servindo-lhe Coimbra de testemunha, e morrendo na volta, como ficou dito atraz. O enterro que a irmandade lhe fez e o tumulo que lhe mandou levantar no cemiterio de S. Francisco Xavier corresponderam aos beneficios que lhe devia. A escola tem hoje mais de cem alumnos e os cem contos dados pelo escrivão receberam a denominação de patrimonio Coimbra.

AS ROZAS

LIVRO I

No principio era o Jardineiro. E o Jardineiro creou as Rozas. E tendo creado as Rozas, creou a chacara e o jardim, com todas as couzas que nelles vivem para gloria e contemplação das Rozas. Creou a palmeira, a grama. Creou as folhas, os galhos, os troncos e botões. Creou a terra e o estrume. Creou as arvores grandes para que amparassem o toldo azul que cobre o jardim e a chacara, e elle não caisse e esmagasse as Rozas. Creou as borboletas e os vermes. Creou o sol, as brizas, o orvalho e as chuvas.

Grande é o Jardineiro ! Suas longas pernas são feitas de tronco eterno. Os braços são galhos que nunca morrem; a espadua é como um forte muro por onde a herva trepa. As mãos, largas, espalham beneficios ás Rozas.

Vêde agora mesmo. A noite voou, a manhã

clareia o céu, cruzam-se as borboletas e os passarinhos, ha uma chuva de pipilos e trinados no ar. Mas a terra estremece. E' o pé do Jardineiro que caminha para as Rozas. Vêde : traz nas mãos o regador que borrifa sobre as Rozas a agua fresca e pura, e assim tambem sobre as outras plantas, todas creadas para gloria das Rozas. Elle o formou no dia em que, tendo creado o sol, que dá vida ás Rozas, este começou a arder sobre a terra. Elle o enche de agua todas as manhãs, uma, duas, cinco, dez vezes. Para a noite, poz elle no ar um grande regador invizivel que peneira orvalho ; e quando a terra séca e o calor abafa, enche o grande regador das chuvas que alagam a terra de agua e de vida.

LIVRO II

Entretanto, as Rozas estavam tristes, porque a contemplação das couzas era muda e os olhos dos passaros e das borboletas não se occupavam bastantemente das Rozas. E o Jardineiro, vendo-as tristes, perguntou-lhes :

— Que tendes vós, que inclinais as petalas para o chão? Dei-vos a chacara e o jardim ; creei o sol e os ventos frescos ; derramo sobre vós o orvalho e a chuva ; creei todas as plantas para

que vos amem e vos contemplem. A minha mão detem no meio do ar os grandes passaros para que vos não esmaguem ou devorem. Sois as princezas da terra. Porque inclinais as petalas para o chão?

Então as Rozas murmuraram que estavam tristes porque a contemplação das couzas era mudá, e ellas queriam quem cantasse os seus grandes meritos e as servisse.

O Jardineiro sacudiu a cabeça com um gesto terrivel ; o jardim e a chacara estremeceram até aos fundamentos. E assim falou elle, encostado ao bastão que trazia :

— Dei-vos tudo e não estais satisfeitas? Creei tudo para vós e pedis mais? Pedis a contemplação de outros olhos : ides tel-a. Vou crear um ente á minha imajem que vos servirá, contemplará e viverá milhares e milhares de soes para que vos sirva e ame.

E, dizendo isto, tomou de um velho tronco de palmeira e de um facão. No alto do tronco abriu duas fendas iguais aos seus olhos divinos, mais abaixo outra igual á boca ; recortou as orelhas, alizou o nariz, abriu-lhe os braços, as pernas, as espaduas. E, tendo feito o vulto, soprou-lhe em cima e ficou um homem. E então lançou mão de um tronco de laranjeira, rasgou os olhos e a boca, contornou os braços e as pernas e soprou-lhe tambem em cima, e ficou uma mulher.

E como o homem e a mulher adorassem o Jardineiro, elle disse-lhes :

— Creei-vos para o unico fim de amardes e servirdes as Rozas, sob pena de morte e abominação, porque eu sou o Jardineiro e ellas são as senhoras da terra, donas de tudo o que existe, o sol e a chuva, o dia e a noite, o orvalho e os ventos, os bezouros, os colibris, as andorinhas, as plantas todas, grandes e pequenas, e as flores, e as sementes das flores, as formigas, as borboletas, as cigarras e os filhos das cigarras.

LIVRO III

O homem e a mulher tiveram filhos e os filhos outros filhos, e disseram elles entre si :

— O Jardineiro creou-nos para amar e servir as Rozas ; façamos festas e dansas para que as Rozas vivam alegres.

Então vieram á chacara e ao jardim, e bailaram e riram, e giraram em volta das Rozas, cor-tejando-as e sorrindo para ellas. Vieram tambem outros e cantaram em verso os merecimentos das Rozas. E quando queriam falar da beleza de alguma filha das mulheres faziam comparação com as Rozas, porque as Rozas são as maiores belezas do Universo, ellas são as senhoras de tudo o que vive e respira.

Mas, como as Rozas parecessem enfaradas da gloria que tinham no jardim, disseram os filhos dos homens ás filhas das mulheres : — Façamos outras grandes festas que as alegrem. Ouvindo isto, o Jardineiro disse-lhes : — Não ; colhei-as primeiro, levai-as depois a um lugar de delicias que vos indicarei.

Vieram então os filhos dos homens e as filhas das mulheres e colheram as Rozas, não só as que estavam abertas como algumas ainda não deza-brochadas; e depois as puzeram no peito, na cabeça ou em grandes molhos, tudo conforme ordenara o Jardineiro. E levando-as para fora do jardim, foram com ellas a um lugar de delicias, misteriozo e remoto, onde todos os filhos dos homens e todas as filhas das mulheres as adoram prostrados no chão. E depois que o Jardineiro manda embora o sol, pega das Rozas cortadas pelos homens e pelas mulheres, e uma por uma prega-as no toldo azul que cobre a chacara e o jardim, onde ellas ficam cintilantes durante a noite. E é assim que não faltam luzes que clareem a noite quando o sol vai descansar por traz das grandes arvores do ocazo.

Ellas brilham, ellas cheiram, ellas dão as côres mais lindas da terra. Sem ellas nada haveria na terra, nem o sol, nem o jardim, nem a chacara, nem os ventos, nem as chuvas, nem os homens, nem as mulheres, nada mais do que o Jardineiro,

que as tirou do seu cerebro, porque ellas são os pensamentos do Jardineiro, dezabrochadas no ar e postas na terra, creada para ellas e para gloria dellas. Grande é o Jardineiro! Grande e eterno é o pai sublime das rozas sublimes.

EÇA DE QUEIROZ

23 de agosto de 1900.

Meu caro H. Chaves. — Que hei de eu dizer que valha esta calamidade? Para os romancistas é como se perdessemos o melhor da familia, o mais esbelto e o mais válido. E tal familia não se compõe só dos que entraram com elle na vida do espirito, mas também das reliquias da outra geração e, finalmente, da flor da nova. Tal que começou pela estranheza acabou pela admiração. Os mesmos que elle haverá ferido, quando exercia a critica direta e quotidiana, perdoaram-lhe o mal da dôr pelo mel da lingua, pelas novas graças que lhe deu, pelas tradições velhas que conservou, e mais a força que as uniu umas e outras, como só as une a grande arte. A arte existia, a lingua existia, nem podiamos os dois povos, sem ellas, guardar o patrimonio de Vieira e de Camões;

mas cada passo do seculo renova o anterior e a cada geração cabem os seus profetas.

A antiguidade consolava-se dos que morriam cedo considerando que era a sorte daquelles a quem os deuzes amavam. Quando a morte encontra um Goethe ou um Voltaire, parece que esses grandes homens, na idade extrema a que chegaram, precisam de entrar na eternidade e no infinito, sem nada mais dever á terra que os ouviu e admirou. Onde ella é sem compensação é no ponto da vida em que o enjenho subido ao gráu sumo, como aquelle Eça de Queiroz, — e como o nosso querido Ferreira de Araujo, que hontem fomos levar ao cemiterio, — tem ainda muito que dar e perfazer. Em plena força da idade, o mal os toma e lhes tira da mão a pena que trabalha e evoca, pinta, canta, faz todos os officios da creação espiritual.

Por mais esperado que fosse este obito, veiu como repentino. Domicio da Gama, ao transmitir-me ha poucos mezes um abraço de Eça, já o cria agonizante. Não sei se chegou a tempo de lhe dar o meu. Nem elle, nem Eduardo Prado, seus amigos, terão visto apagar-se de todo aquelle rijo e fino espirito, mas um e outro devem contar-o aos que deste lado falam a mesma lingua, admiram os mesmos livros e estimavam o mesmo homem.

PAJINAS DA ACADEMIA

I

Senhores :

Investindo-me no cargo de presidente, quizestes começar a Academia Brasileira de Letras pela consagração da idade. Se não sou o mais velho dos nossos colegas, estou entre os mais velhos. E' symbolico da parte de uma instituição que conta viver, confiar da idade funções que mais de um espirito eminente exerceria melhor. Agora que vos agradeço a escolha, digo-vos que buscarei na medida do possivel corresponder á vossa confiança.

Não é preciso definir esta instituição. Iniciada por um moço, aceita e completada por moços, a Academia nasce com a alma nova e naturalmente ambicioza. O vosso dezejo é conservar, no meio da federação politica, a unidade literaria. Tal obra exige não só a compreensão publica, mas

ainda e principalmente a vossa constancia. A Academia Franceza, pela qual esta se modelou, sobrevive aos acontecimentos de toda a casta, ás escolas literarias e ás transformações civis. A vossa ha de querer ter as mesmas feições de estabilidade e progresso. Já o batismo das suas cadeiras com os nomes preclaros e saudosos da ficção, da lirica, da critica e da eloquencia nacionais é indício de que a tradição é o seu primeiro voto. Cabe-vos fazer com que elle perdure. Passai aos vossos sucessores o pensamento e a vontade iniciais, para que elles os transmitam tambem aos seus, e a vossa obra seja contada entre as solidas e brilhantes pajinas da nossa vida brasileira. Está aberta a sessão.

1897.

II

Na sessão de encerramento, de 7 de Dezembro de 1897.

Um artigo do nosso rejimento interno impõe-nos a obrigação de adotar no fim de cada ano o programa dos trabalhos do ano vindouro. Outro artigo attribue ao presidente a exposição justificativa deste programa.

Como a nossa ambição, nestes mezes de inicio, é moderada e simples, convém que as promessas não sejam largas. Tudo irá devagar e com tempo.

Não faltaram simpatias ás nossas estreias. A lingua franceza, que vai a toda a parte, já deu as boas vindas a esta instituição. Primeiro sorriu; era natural, a dois passos da Academia Franceza; depois louvou, e, a dois passos da Academia Franceza, um louvor vale por dois. Em poucos mezes de vida é muito. Dentro do paiz achamos boa vontade e animação, a imprensa tem-nos agazalhado com palavras amigas. Apesar de tudo, a vida desta primeira hora foi modesta, quazi obscura. Nacida entre graves cuidados de ordem publica, a Academia Brasileira de Letras tem de ser o que são as associações analogas : uma torre de marfim, onde se acolham espiritos literarios, com a unica preocupação literaria, e de onde, estendendo os olhos para todos os lados, vejam claro e quieto. Homens daqui podem escrever pajinas de historia, mas a historia faz-se lá fóra. Ha justamente cem anos, o maior homem de ação dos nossos tempos, agradecendo a eleição de membro do Instituto de França, respondia que, antes de ser igual aos seus colegas, seria por muito tempo seu dicipulo. Não era ainda uma faceirice de grande capitão, posto que esse rapaz de vinte e oito anos meditasse já sair á conquista do mundo. A Academia Brasileira de Letras não pede tanto aos homens publicos deste paiz; não inculca ser igual nem mestre delles. Contenta-se em fazer na medida de suas forças

individuais e coletivas, aquillo que esse mesmo academico de 1797 disse então ser a occupação mais honroza e util dos homens : trabalhar pela extensão das ideas humanas.

No proximo ano não temos mais que dar andamento ao anuario bibliografico, colijir os dados biograficos e literarios, como subsidio para um dicionario bibliografico nacional, e, se fôr possivel, alguns elementos do vocabulario critico dos brazileirismos entrados na lingua portugueza e das differenças no modo de falar e escrever dos dois povos, como nos obrigamos por um artigo do rejimento interno.

São obras de folego cuja importancia não é preciso encarecer a vossos olhos. Pedem diuturnidade paciente. A constancia, se alguma vez faltou a homens nossos de outra esfera, é virtude que não póde morar lonje desta caza literaria.

O ultimo daquelles trabalhos póde ser feito ainda com maior pausa ; elle exige não só pesquisa grande e compassada atencção, mas muita critica tambem. As fórmãs novas da lingua, ou pela compozição de vocabulos, filhos de uzos e de costumes americanos, ou pela modificação de sentido orijinal, ou ainda por alterações graficas, serão materias de util e porfiado estudo. Com os elementos que existem esparsos e os que se organizarem, far-se-á qualquer couza que no proximo seculo se irá emendando e completando.

Não temamos falar do proximo seculo, éo mesmo que dizer daqui a três anos, que elle não espera mais; e ha tal sociedade de dansa que não conta viver menos. Não é vaidade da Academia Brasileira de Letras lançar os olhos tão lonje.

A Academia, trabalhando pelo conhecimento desses fenomenos, buscará ser, com o tempo, a guarda da nossa lingua. Caber-lhe-á então defendel-a daquillo que não venha das fontes lejitimas, — o povo e os escritores, — não confundindo a moda que perece, com o moderno, que vivifica. Guardar não é impôr; nenhum de vós tem para si que a Academia decrete formulas. E depois para guardar uma lingua, é precizo que ella se guarde tambem a si mesma, e o melhor dos processos é ainda a composição e a conservação de obras classicas. A autoridade dos mortos não aflije e é definitiva. Garrett poz na boca de Camões aquella celebre exortação em que transfere ao « Generozo Amazonas » o legado do cazal paterno. Sejamos um braço do Amazonas; guardemos em aguas tranquilas e sadias o que elle acarretar na marcha do tempo.

Não ha justificar o que de si mesmo se justifica; limito-me a esta breve indicação de programa. As investigações a que nos vamos propôr, esse recolher de leitura ou de outiva, não será um officio brilhante ou ruidozo, mas é util, e a utilidade é um titulo, ainda nas academias.

III

Sr. Guglielmo Ferrero:

A Academia Brasileira convidou-vos a dar algumas conferencias neste paiz. Contava de certo com a admiração que lhe haviam imposto os vossos escritos, mas a vossa palavra excedeu a sua confiança. Não é raro que as duas fórmãs de pensamento se conjuguem na mesma pessoa; conheciamos aqui este fenomeno e sabiamos d'elle em outras partes, mas foi preciso ouvir-vos para sentir-o ainda uma vez bem, e por outra lingua canora e magnifica.

Agora que ides deixar-nos levareis á Italia, e por ella ao resto do mundo europeu, a noticia do nosso grande entusiasmo. Creio que levareis mais. O que o Brazil revelou da sua crescente prosperidade ao eminente historiador de Roma ter-lhe-á mostrado que este pedaço da America não desmente a nobreza da estirpe latina e crê no papel que de futuro lhe cabe. E se com essa impressão politica levardes tambem a da simpatia pessoal e profunda que inspirastes a todos nós, a Academia Brasileira folgará duas vezes pelo impulso do seu ato de convite, e aqui vol-o declara, oferecendo-vos este banquete.

Rio de Janeiro, 31 de Outubro de 1907.

O ALMADA

POEMA HEROI-COMICO EM 8 CANTOS

ADVERTENCIA

O assunto deste poema é rigorosamente historico. Em 1659, era prelado administrador do Rio de Janeiro o Dr. Manoel de Souza Almada, presbitero do habito de S. Pedro. Um tabelião, por nome Sebastião Ferreira Freire, foi vitima de uma assuada, em certa noite, na ocazião em que se recolhia para caza. Queixando-se ao ouvidor geral Pedro de Mustre Portugal, abriu este devassa, vindo a saber-se que eram autores do delito alguns famulos do prelado. O prelado, apenas teve noticia do procedimento do ouvidor, mandou intimal-o para que lhe fizesse entrega da devassa no prazo de trez dias, sob pena de excomunhão. Não obedecendo o ouvidor, foi excomungado na ocazião em que embarcava para a capitania do Espirito Santo. Pedro de Mustre suspendeu a viagem e foi á Camara apresentar um protesto em nome do rei. Os vereadores comu-

nicaram a noticia do cazo ao governador da cidade, Thomé de Alvarenga; por ordem deste foram convocados alguns teologos, licenciados, o reitor do Colejio, o dom Abade, o prior dos Carmelitas, o guardião dos Franciscanos, e todos unanimemente rezolveram suspender a excomunhão do ouvidor e remeter todo o processo ao rei.

Tal é o epizodio historico que me propuz celebrar e que os leitores podem ver no tomo III dos *Anais do Rio de Janeiro* de Balthazar da Silva Lisboa.

No poema estão os principais elementos da historia, com as modificações e acrescimos que é de regra e direito fazer numa obra de imaginação. Busquei o comico onde elle estava: no contraste da cauza com os seus efeitos, tão graves, tão solenes, tão fóra de proporção. Dos personajens que entram no poema, uns achei-os na cronica (Almada, o tabelião, o ouvidor, o padre Cardoso e o vigario Villalobos), outros são de pura invenção. Aos primeiros (excetuo Almada) não encontrando vestijios de seus caracteres e feições moraes, forcezo me foi dar-lhes a fizionomia mais adequada ao genero e á ação. Os outros foram deenhados conforme me pareceram necessarios e interessantes.

Não é exajerada a pintura que faço do prelado administrador. Era elle, na verdade, homem irritadiço e violento, comquanto Monsenhor Pizarro

nol-o dê por vitima de perseguição. Inimigos teria de certo, e de tais entranhas que uma noite lhe dispararam contra a caza uma peça de artilharia. Verdade é que da devassa que então se fez resultou ter sido aquelle ataque noturno preparado por elle mesmo com o fim de se dar por vitima do odio popular. O juiz assim o entendeu e sentenciou, e o prelado foi compelido a pagar as custas da alçada e do processo. Monsenhor Pizarro pensa que isto foi ainda um lance feliz dos seus perseguidores. Pode ser; mas capaz de grandes couzas era certamente o Almada. Não tardou que recebesse ordem da côrte para dezistir do cargo, como se colhe de um documento do tempo citado nas *Memorias historicas*, tomo VII.

Observei quanto pude o estatuto do genero, que é parodiar o tom, o geito e as proporções da poesia epica. No canto IV atrevi-me a imitar uma das mais belas pajinas da antiguidade, o epizodio de Heitor e Andromacha, na Iliada. Homero e Virgilio têm servido mais de uma vez aos poetas heroi-comicos. Não falemos agora de Ariosto e Tassoni. Parodiou Boileau, no *Lutrin*, o epizodio de Dido e Eneas; Diniz seguiu-lhe as pizadas no dialogo do escrivão Gonçalves e sua espoza, e ambos o fizeram em situação analoga ao do epizodio em que imitei a imortal cena de Homero.

Não se limitou Diniz á unica imitação citada. Muitas fez elle da Iliada, as quais não vi até hoje.

geraes do tempo e da sociedade, a essas é necessaria a fidelidade historica. Foi o que eu fiz neste livro, convindo dizer que tudo aqui se refere ao clero do lugar e do tempo; nada generalizei, como Boileau, nos dois versos do seu *Lutrin* :

*La déesse, en entrant, qui voit la nappe mise,
Admire un si bel ordre, et reconnaît l'Eglise.*

Por cauza destes e outros versos, um comentador applicou ao poeta aquillo que elle mesmo dissera do presidente de Lamoignon, que o convidara a escrever o *Lutrin* : « Comme sa piété était sincère, aussi elle était fort gaie et n'avait rien d'embarrassant. »

Dada esta explicação, necessaria para uns, ocioza para outros, depozito o meu livro nas mãos da critica, pedindo-lhe que francamente me aponte o que merecer correção.

O ALMADA

CANTO I

I

Muza, celebra a colera do Almada
Que a fluminense igreja encheu de assombro.
E se ao douto Boileau, se ao grave Elpino
Os cantos inspiraste, e lhes teceste
Com doces mãos as imortais capelas,
Perdoa se me atrevo de afrontal-a
Esta empreza tamanha. Tu me ensina
A magna cauza e a temeroza guerra
Que viu dezatinado um povo inteiro,
Homens do fôro, almotacés, senado (1),
Oficiais do exercito e do fisco,
Provinciais, abades e priores,

E quantos mais, á uma, defendiam
O povo, a igreja e a réjia autoridade.

• • • • • • • • • •

II

E tu, cidade minha, airoza e grata (2),
Que ufana miras o faceiro gesto
Nessas aguas tranquilas, namorada
De remotos, magnificos destinos,
Deixa que o veu dos seculos rompendo
A' minha voz resurja a infancia tua.
Viveremos um dia aquelle tempo
De orijinal rudez, quando a primeira
Cor que se te mudou do muito afago
De mãos estranhas e de alheias tintas,
A tosca, injenua fronte te adornava,
Não de joias pezada, mas viçoza
De folhajens agrestes. Quão mudada
Minha voluvel terra ! Quem da infancia

Alvejarem-te as cans. Então, sentada
Sobre as ruinas últimas da vida,
Velha embora, ouvirás nas longas noites
A teus pés os soluços amorozos
Destas perpetuas aguas, sempre moças,
Que o tamoio escutou barbaro e livre...
Mas, quão lonje o crepusculo branqueia
Desse sol derradeiro! A aza dos seculos
Muita vez roçará teu seio amado
Sem desbotar-lhe a cor. Inda esses écos
Das montanhas, que invade o passo do homem,
Hão de contar aos sucessivos tempos
Muito feito de gloria. Estrenua, grande,
Guanabara serás... Oh! não encubras
O gesto de ambição e de vaidade,
De travessa, ajitada garridice,
Tão amavel, de certo, mas tão outro
Do encolhimento, do roceiro modo
Dos teus dias de infancia. Justo é elle;
Varia com a idade o gosto; és moça
E moça do teu seculo.

III

Reinava

Affonso VI. Da corôa em nome
Governava Alvarenga, incorruptivel
No serviço do rei, astuto e manso,

Alcaide-mor e protetor das armas (3) :
 No mais, amigo deste povo infante,
 Em cujo seio placido vivia
 Até que uma revolta misterioza
 Na cadeia o meteu (4). O douto Mustre
 A vara de ouvidor nas mãos sustinha (5).

Do forte e grande Almada que rejia
 A infante egreja (6)

Tal o vate christão que os herois martires
 Cantou piedozo, passeiando um dia
 Na velha terra grega, alar-se em bando
 As mesmas aves contemplou, que outrora,
 Rasgando como então o azul espaço,
 Iam do Ilisso ás ribas africanas. (7)

CANTO II



II

Em doce paz agora refazendo
Tantas forças ha pouco despendidas
Na crua guerra contra o vão senado
Que sobre ser desprimorozo e bronco,
Era um grande atrevido, e imaginava
Atar-lhe as bentas mãos, vedar-lhe o passo,
Se da antiga capela á varzea humilde
(Para poupar ás reverendas plantas
A subida da ingreme ladeira)
O martir Sebastião mudar quizesse (8),
A's sombras se acolheu da caza sua
O rejedor da fluminense igreja.
Não de outra sôrte o rispido pampeiro,
Depois que os campos e revoltos mares
Dezabrido varreu, as azas frouxas
De novo enrola, o impeto refreia
E á morada dos Andes se recolhe.

III

Então a Gula, que jámais lograra
De todo triunfar na infante igreja,
A vil preguiça revoando busca
E vai achal-a cochilando á porta
De um amavel garção, que os bens houve
E o nome dos avós, á custa ganhos
De muita cutilada e muita lança
Em Africa metida. Ali com ella
Decem Indijestões e Apoplexias,
Sua querida e diligente prole;
Umás palidas são, outras vermelhas,
E tôdas ofegantes e cansadas,
De esvaziar boticas sem descanso
E encher continuamente os cemiterios.
Com a pezada planta a Gula toca
O peito da Preguiça, que estremece,
Abre os olhos a custo, a custo a lingua
A mastigar começa alguma fraze;
Quando a irmã, nestas vozes prorompendo
A palavra lhe corta : « Será crível
Que do nosso poder sempre mofando
Só a Ira governe ha tanto tempo
A fluminense igreja, e que o prelado,
Das nossas armas em desdouro eterno,
Num perpetuo lidar empugue os dias,

Que nem ocios, nem jogos, nem banquetes
A raiva lhe moderem? Mana amiga,
Dentro em breve prostradas ficaremos,
Que o poder usurpando a pouco e pouco,
Ella só reinará no mundo inteiro. »

IV

Deste geito falando a voraz Gula,
Os brios da Preguiça abala e acorda,
E a lembrança lhe traz desconsolada
De quantas vezes a terrivel Ira
As obras malogrou das artes suas.
« Vamos (lhe diz) a cercear-lhe o gosto
Do triumpho. Propicio ensejo é este
Mais que nenhum; esse revolto oceano
Que dois mundos divide, a acender guerras
A rebelar o coração dos homens
A barbara transpoz. » Isto dizendo
Toma nos braços a Preguiça e vôa,
Com certa frouxidão cortando os ares,
E a Guanabara decem. Entre a ermida
Que ao nazareno artifice votara
A piedade christã, e esse edificio
Que albergue foi de mizeros culpados,
A caza do prelado aos olhos surge (9).
Ali decendo a Gula e a Preguiça
Inviziveis penetram, e nos braços

O fogaço pastor e seus amigos
Sem muito esforço ao coração apertam.

V

Adeus, guerras ! Adeus fervidas brigas !
Os banquetes agora é as fofas camas,
Os sonos regalados e compridos,
As merendas, as ceias, os licores
De toda a casta, as frutas, as compotas
Com intervalos de palestra e jogo,
A vida são do jovial prelado.
Elle a queda não vê do grande nome,
Inda ha pouco temido ; nem as chufas
Lhe dão abalo no abatido peito.
Em vão algum adulator sacrista
Os ditos da cidade lhe levava,
As dentadas anonimas da gente
Malicioza e vadia ; o grande Almada
A's denuncias do amigo vijilante
Os nedios hombros encolhia apenas,
Fleumatico sorria, e co'um bocejo
E co'um arrote respondia a tudo.

VI

Com elle os dias docemente passam
Dez ou doze illustrissimos amigos,

Entre os quais a figura majestosa
Campeava do profundo Villalobos,
Que era a flôr dos doutores da cidade,
Vigario do prelado (10) e a mais robusta
Das colunas da igreja fluminense.
O prégador Vellozo ali brilhava
Pelas rizadas com que ouvia as chufas
Do inclito prelado, de quem era
Convencido capacho (11), e que esperava
A posição haver de Villalobos
Que a tribu lhe empregou dos seus parentes.
Esse era o prégador das grandes festas,
De tal quilate e tão profunda vista,
Que quando orava em dias de quaresma
Analizava os textos, e exprimia
A doutrina evangelica de modo
Que a não reconhecêra o proprio Christo.

VII

Segue-se o impavido escrivão Cardozo (12),
Que mede nove palmos de estatura,
E tem força no punho como gente,
E inda é mais destemido que forçozo.
O Lucas, com quem foi ingrata e avara,
Ao dar-lhe entendimento, a natureza,
Tambem ali com elles palestrava
E, sem nada entender, de tudo ria ;

Mas sendo sempre igual a madre nossa
Em estomago o cerebro compensa
Ao gordo comilão, que não contente
De devastar as nobres iguarias
Quando na caza do prelado come,
Com os olhos devora, inda faminto,
A tamina dos pretos da cozinha.
Vinha depois o Nunes, o Duarte,
E quatro ou cinco mais; porém faltava
Meia duzia de padres venerandos,
Em quem poder não teve a Gula nunca,
Nem a mole Preguiça, e que enjoados
Da vida solta que viviam esses,
As sandalias á porta sacudindo,
Da aborrecivel caza se alongaram
Levando n'alma a austeridade antiga
E a pureza imortal da santa igreja.

VIII

Os mais delles em frivola conversa,
Os sucessos do dia comentavam.
Ali o alcaide-mór e o seu governo,
Entre continuas mofas e rizadas,
Dos amaveis ferrões picados eram,
E bem assim o temerario Mustre
Que de si mesmo cheio, prezumia
Ter o rei na barriga, e na cabeça

Toda a ciencia humana concentrada.
Vinha depois algum picante cazo
De monacal discordia, ou de profana
Namoraçãõ que o Nunes abelhudo,
Para o baço espraiar (13) do grande Almada,
E fazer jus ás boas graças delle,
Pelas ruas colhia, e temperava
De combinadas pauzas e trejeitos.

IX

Finalmente falavam da aventura
Do almotacé Fagundes, que, dansando
Na rua do Alcerim com suma graça,
Tão derretido contemplava as moças
Que de ventas caiu no pó da sala..
Ao vel-o na ridicula postura,
Dezataram a rir as crueis damas,
E poz-se toda a caza em reboiço;
Até que o triste e palido gamenho,
O corpo levantando e mais o ramo
De flôres que no peito atado havia,
Foi na cama chorar o seu dezaire.

X

Jam assim as horas desfiando
Os mandriões sagrados, quando a nova

Da vitoria das duas gordas culpas
Troa ás orelhas da terrivel Ira.
Sobre um campo voando de batalha
Ella os olhos pascia ; ella no sangue
Satisfeita mirava o duro rosto ;
Subito estaca ; as rispidas melenas
Impetuoza sacude ; e, sufocando
Um rujido feroz dentro do peito,
Rompe, como um tufão, da terra ás muvens,
Os ares corta e á bela terra dece
Que houve de Santa Cruz a lei e o nome.
Enfim assoma ao aspero penedo
Que a joven Nitheroy, como atalaia,
Eternamente guarda. Alguns instantes
Dali contempla os tetos da cidade,
E outra vez devolvendo impetuoza
As rubras azas, atravessa o golfo,
E firma os pés na dezejada praia.

XI

Tudo jazia em paz. Eis que um barbeiro
Que de um vizinho escanhoava o rosto,
De mil alheios cazos discursando,
Irrita-se de subito, e de um golpe
Acaba no freguez a barba e a vida.
Não distante, no celebre Colejio,
Dois enxadristas de primeira plana

Uma grave batalha pelejavam
Assentados na cerca. O doutor Lopes,
Não sei se com razão, se por descuido,
Come um cavallo ou torre ao padre Ignacio.
Este reclama; aquelle encolhe os hombros;
Encaram-se com gesto de desprezo,
Passam do gesto á voz, da voz ao pulso,
Engalfinham-se, rolam pela terra,
Bufam, rasgam-se, mordem-se, dezunham-se,
E assim mordidos e rasgados ambos
No chão sem vida longo tempo jazem.

XII

E tambem ella á fresca sombra posta
Do copado arvoredado, reclinada
Sobre a urna gentil das aguas suas,
A Carioca estremeceu. Nas veias
Sente pular-lhe o sangue. Rubras flores
De cajueiro e parazitas que ella,
Para tocar-se, co'os mimosos dedos
Entretecia, desparzidas todas
As lançou na corrente. Qual outrora
Quando por essas praias resoava
O som da inubia, palpitar-lhe sente
Mais forte o coração. Subito irada
Os negros fios asperos sacode
Que ao longo de trigueira espada caem,

E veloz arrojando-se nas ondas,
Subleval-as intenta; encher com ellas
Campos e montes... Infeliz! Cansada,
Arquejante e choroza se recolhe;
Não fiou Natureza de seus braços
Tamanha empreza; e a linfa que murmura,
Como sentida dos maternos males,
Languida volve as preguiçosas ondas.

XIII

De tais sucessos desdenhando a Ira
A' caza se encaminha do prelado.
Já não arde o furor nos olhos della;
Pensativos os leva; um meio busca,
Um decizivo golpe com que abale
A adormecida igreja, quando a tunda
Ocorre do tabelião pacato
Freire, amador de moças e aventuras.
Quem as armas brandiu daquelle crime?
As mãos dos servos do prelado foram.
Este cazo em seu intimo revolve
A fera culpa; os olhos fita; pensa...
Repentino sorrizo os labios lhe abre;
Arreganho dissereis de faminto
Jaguarussú; achado é o grande golpe.
As azas bate a Ira e revoando
A' caza vai do esmorecido Freire.

CANTO III



II

Que lance ha hi nessa comedia humana
Em que não entrem moças? Descorada
Como heroína de romance antigo,
Alva como as mais alvas deste mundo,
Tal que disseras lhe negara o sangue
A madre natureza, Margarida
Tinha o suave, delicado aspeto
De uma santa de cêra, antes que a tinta
O matiz beatifico lhe ponha.
Era alta e fina, senhoril e bela.
Olhos, tinha-os da côr incerta e vaga
Que não é puro azul nem alvo puro,
Antes combinação de ambas as côres.

Mas tão sutil no entanto e tão perfeita
Que não ha decidir. Garços lhes chamam,
E, se não mentem fabulas gentias,
Minerva os tinha assim. Nunca mais vivo
Transparecera em olhos de donzela
Vergonhozo pudor, agreste e rude,
Que até de uns simples olhos se ofendia,
E chegava a corar, se o pensamento
Lhe adivinhava anonimo suspiro,
Ou remota ambição de amante ouzado.
Era vel-a, ao domingo, caminhando
A' missa, co'os parentes e os escravos,
A um de fundo, em grave e compassada
Procissão ; era ver-lhe a compostura,
A devoção com que escutava o padre,
E no *agnus dei* levava a mão ao peito,
Mão que enchia de fogos e dezejos
Dez ou doze amadores respeitozos
De suas graças, varios na figura,
Na posição, na idade e no juizo,
E que ali mesmo, á luz dos bentos cirios
(Tão de lonje vêm já os maus costumes !)
Ouzavam inda suspirar por ella (14).

III

Entre esses figurava o moço Vasco.
Vasco, a flôr dos vadios da cidade,

Namorado dos adros das igrejas,
Taful de cavalhadas, consumado
Nas hipicas façanhas, era o nome
Que mais na baila andava. Moça havia
Que por elle trocara (erro de moça!)
O seu logar no céu; e este pecado,
Inda que todo interior e mudo,
Dois terços lhe custou de penitencia
Que o confessor lhe impoz. Era sabido
Que nas salas da caza do Governo
Certa noite, de magoa desmaiaram
Duas damas rivais, porque o magano
As cartas confundira do namoro.
Estas façanhas tais que o fertil vulgo
Com aumentos de caza encarecia,
E a bem lançada perna, e o luzidio
Dos sapatos, e as sedas e os veludos,
E o franco aplauzo de uns, e a inveja de outros,
O cetro lhe doaram dos peraltas.

IV

E comtudo, era em vão que á injenua dama
A flor do esquivo coração pedia;
Inuteis os suspiros lhe brotavam
Do intimo do peito; nem da esperta
Mucama, natural cumplice amiga
Desta sorte de crimes, lhe valiam

Os recados de boca, nem as longas,
Maviozas letras em papel bordado,
Atados com a simbolica fitinha
Cor de esperança, e olhares derretidos,
Se a topava á janela, — raro evento,
Que o pai, varão de bolsa e qualidade,
Que repouzara das fadigas longas
Havidas no mercado de africanas,
Era um tipo de solidas virtudes
E muita experiencia. Poucas vezes
Ia á rua. Nas horas de fastio
A jogar o gamão, ou recostado
Com um vizinho, a tasquinhar nos outros,
Sem trabalho maior, passava o tempo.

V

Ora em certo domingo houve luzida
Festa de cavalhadas e argolinhas,
Com dansas ao ar livre, e outros folgares,
Recreios do bom tempo, infancia d'arte,
Que o progresso apagou, e nós trocamos
Por brincos mais da nossa juventude
E melhores de certo; tão injenuos,
Tão simples, não. Vão lonje aquellas festas,
Uzos, costumes são que se perderam,
Como se hão de perder os nossos de hoje,

Nesse rio caudal que tudo leva
Impetuozo ao vasto mar dos seculos.

VI

Abalada a cidade quazi tanto
Como nos dias de solene festa
Da grande aclamação (15), de que ainda falam
Com saudade os muchachos de outro tempo,
Varões agora de medida e pezo,
Todo o povo deixara as cazas suas.
Grato ensejo era aquelle. Rezoluto
A correr desta vez uma argolinha,
O intrepido mancebo empunha a lança
Dos combates, na frente um capacete
De longa, verde, flutuante pluma,
Escancha-se no dorso de um cavallo
E armado vai para a festiva guerra.

VII

Ia a passo o corsel, como ia a passo
Seu pensamento, certo da conquista
Se ella visse o brilhante cavaleiro
Que, por amor daquelles belos olhos,
Derribar prometia na estacada
Um cento de rivais. Subitamente
Vê apontar a rispida figura

Do rispido negreiro; a espoza o segue
E logo atraz a suspirada moça,
Que lentamente e placida caminha
Com os olhos no chão. Corpilho a veste
De azul veludo; a manga arregaçada
Até á doce curva, o braço amostra
Deliciozo e nú. A indiana seda
Que a linda mão da moça alevantava,
Com aquella sagaz indiferença,
Que o demo ensina ás mais sinjelas damas,
A furto lhe mostrou, breve e apertado
No sapatinho fino, o mais gracioso,
O mais galante pé que inda ha nacido
Nestas terras : tacão alto e forrado
De setim rubro lhe alteava o colo
E airozo modo lhe imprimia ao passo...

VIII

Ao briozo corsel encurta as redeas
Vasco e detem-se. A bela ia caminho
E iam com ella seus perdidos olhos,
Quando (vizão terrivel) a figura
Palida e comovida lhe aparece
Do Freire que, como elle namorado,
Contempla a dama, a suspirar por ella.
Era um varão distinto o honrado Freire,
Tabelião da terra, não metido
Nas arengas do bairro. Pouco amante

Dessa gloria que tantas vezes fulje
Quando os mortais merecedores della
Jazem no eterno pó, não se ilustrára
Com atos de bravura ou de grandeza,
Nem cobiçara as distincções do mando.
Confidente supremo dos que á vida
Dizem o ultimo adeus, só lhe importava
Deitar em amplo *in-folio* as derradeiras
Vontades do homem, repartir co'a pena
Pingue ou magra fazenda, já cercada
De farejantes corvos, — grato emprego
A um coração filozofico, e remedio
Para matar as iluzões no peito.
Certo, ver o usurario que a riqueza
Obteve á custa dos vintens do proximo,
Comprar a eterna paz na eterna vida
Com biocos de postumas virtudes ;
Em torno d'elle contemplar anciados
Os que, durante longo-aridos anos,
De lizonjas e afagos o cercaram ;
Depois alegres uns, sombrios outros,
Conforme foi silenciozo ou grato
O abastado defunto, — emprego é esse
Pouco adequado a jovens e a poetas.

IX

Joven não era nem poeta o Freire ;
Tinha oito lustros e falava em proza ;

Mas que és tu mocidade? e tu, poesia?
 Um auto de batismo? quatro versos?
 Ou brancas azas da sensível pomba
 Que arrulha em peito humano?

Unico as perde

Quem o lume do amor nos seios d'alma
 Apagar-se-lhe sente. A nevoa pode,
 Qual turbante mourisco, a cumiada
 Das montanhas cinjir da nossa terra,
 Que muito, se ao redor viceja ainda
 Primavera imortal?

Um dia, ao vel-a

De tantos requestada a esquiva dama,
 Sente o Freire bater-lhe as adormidas
 Azas o coração. Que não desdoura,
 Antes lhe dá realce e lhe desvinca
 A nobre fronte a um homem da justiça,
 Como os outros mortais, morrer de amores;
 E amar e ser amado é neste mundo
 A tarefa melhor da nossa especie,
 Tão cheia de outras que não valem nada.

X

Margarida no entanto ia caminho
 E ou fosse intenção, ou fosse acazo,
 A linda moça um ramo que trazia
 De alvas saudades, entre os lindos dedos,

Deixa-lh' o aos pés cair. Quem vos pudera
 Pintar o regozijo, o espanto, a gloria
 Que transluziu de subito no rosto

Já tremulo se curva,
 A apanhar satisfeito a odioza prenda...

Quando rubro de colera e despeito,
 Pica as esporas, galga de um só lance
 O pequeno intervalo, e mais depressa
 Do que cruza un fuzil nos turvos ares,
 Ou muda de logar vadia estrela,
 Co'a pata do ginete o ramo abafa
 E estas palavras furiozas solta :
 « Vilão! suspende ou morres! » Amarela
 Como lauda de publica escritura
 Que envelheceu, e tremulo de medo
 O Freire recuou. Desmonta e apanha
 As pobres flores, respeitozo as beija,
 E com ellas adorna as plumas do elmo.
 Depois fitando com desprezo o triste
 Tabelião lhe brada : « Se inda ouzares
 Os olhos levantar áquella dama,
 O castigo has de ter da audacia tua ;
 Não barbaro, de certo, que não vale
 Tua pessoa a pena de um delito,
 Mas ridiculo, sim ; um tal castigo
 Que na memoria fique da cidade,
 Que as mãis contem ás filhas cazadeiras,
 E de eterna irrizão teu nome cubra. »

Disse, e montando no corsel que estava
Impaciente de voar á liça,
Dali se foi a largo trote, enquanto
Oposto rumo furiozo segue
O abatido rival.

XI

Ora uma noite, apoz conversa longa,
Freire encostado ao muro, ella á janela,
Naquelle doce olvido de si mesmos
Em que toda se envolve a alma encantada,
Apoz ardentes e trocados beijos,
Trocados... mas de lonje, — a bela moça :
« Adeus! (murmura) E' tarde; vai-te embora.
Se papai nos descobre, estou perdida.
Foje, meu doce amor; olha, não percas,
Por um instante mais, toda a ventura
Que nos aguarda em breve. Tanta gente
Tem inveja de ti! Não sei, receio;
Fala-me o coração ... » — Com voz macia,
Replica o namorado : « Importa pouco,
O' minha bela Margarida, a inveja
De tão frouxos rivais. Se fôr preciso,
Eu, que sou tão pacato, a todos elles
Darei uma lição de tanto pezo
Que, inda depois de mortos e enterrados,
Lhes doerá nas abatidas costas.

Que queres? Minha força és tu; teus olhos
Para mim valem mais que cem espadas.
Com elles na memoria, amada minha,
Nada temo na terra; um rejimento,
Um touro bravo, cem medonhas cobras,
Uma horda guerreira de tapuias,
Tranquilo afrontarei, se a tua vida,
Se o nosso amor, de os afrontar dependem. »

XII

Assim falou o Freire; e despedidos
Um do outro com juras e protestos,
Depois de muitas e bonitas couzas,
Despareceu a bela Margarida,
Emquanto o rezoluto namorado
Para os lares inclina a ouzada prôa.
Não cuides tu, taful do tempo de hoje,
Que ao toque da alvorada á caza tornas,
Cantarolando uma aria que a Lagrange
Nos desvãos da memoria te ha deixado,
Que era facil então, nas horas mortas,
Andar dezertas ruas. Treva espessa
O caminho escondia. Gaz nem oleo
Os passos alumiaava ao caminhante
Que não trouxesse a classica lanterna (16).
E lanterna traria um namorado
Que andava ás aventuras? Bom piloto

Da cidade natal, lá ia o Freire
Sem muito tropeçar buscando os lares.
Cem quimeras, batendo as azas leves,
Lhe revoam na mente. Elle imagina
Que o velho pai da moça, perdoando
A secreta paixão, lhe entrega a filha
E seu genro o nomeia; que a cidade
De outro assunto não fala uma semana.
Já o casto véu de noiva lhe arrancava
Com as sofregas mãos...

XIV

Confuzas vozes

Ouve subitamente a poucos passos ;
Dez vultos surjem, vinte braços se erguem,
E dez golpes de junco lhe desdouram
A descuidada espada. O pobre Freire,
Para ameigar ou convencer os barbaros,
Um discurso começa; mas sentindo
A cada fraze dez protestos juntos,
A tanjente procura das canelas
E a correr deita pelas ruas fora.
Então começa a tenebroza e longa
Odissea de voltas e re-voltas,
Que em suas vastas rejiões etereas
As lucidas estrelas contemplaram
A rir á solta, a rir de tal maneira

Que todo o espaço foi sulcado logo
De lagrimas brilhantes, — meteoros
Lhes chama a veneranda astronomia.
Eil-o que volta rapido as esquinas,
Os passos negaceia, aqui descansa,
Ali tenta ameaçar os seus algozes,
Vinte vezes tropeça e cai por terra,
Vinte vezes ligeiro se levanta,
Grita, vôa, murmura, implora e gemo
Té que ofegante de cansaço e medo
Na lagôa parou da Sentinela.

XV

Com os ossos moidos, e vexado
Da triste posição em que se vira,
O miseravel amator na cama
Foi lastimar os brios e as costelas;
E já nas mãos de um bemfazejo sono
O espirito entregava, quando a Ira
Com azas côr de fogo lhe aparece
E deste modo fala : « Que socego,
Que covardia é essa que te embarga
A voz para punir tamanha injuria
De um rival?... Sim, rival, que em seu desforço
Dez homens apostou? Pois sabe, ó mizero,
Que o teu futuro do castigo pende;

A sentença que houver punido o infame,
Caminho te abrirá para as venturas
Íntimas, conjugais. Fortuna é dama
Que os corações medrosos aborrece.
Despe á modestia que te peia os braços ;
Vai ao Mustre falar ; expõe-lhe a queixa,
E vinga de um só lance o amor e o brio! »

XVI

Disse, o teto rompeu, voou no espaço.
Era sonho ou vizão? Por largo tempo,
Entre um grupo de palidas estrelas,
A figura ajitára as rubras azas,
Té que se ouviu um singular estrondo
Remoto e prolongado. Ninguém soube
A cauza disto, mas afirma um cabo
De ordenanças ter visto alguns minutos
Sobre a Gavea chover enxofre e cinzas.

CANTO IV

I

Já sobre os tetos da cidade infante
Novembro as azas calidas abria,
Que mil asperos ventos entumecem
E outras tantas famozas trovoadas
Classicas, infaliveis dos bons tempos,
Quando o leito buscando o forte Almada
A sésta foi dormir como costuma.
Cheio ainda dos gabos do Velloso,
Que n'um longo sermão daquelle dia,
Com arte e geito o nome seu alçara
Muito acima das nitidas estrelas ;
Estende-se na cama ; e a fantazia,
Naquelle bruxolear em que não véla
Nem dorme ainda a humanidade nossa,
Começa de pintar-lhe um vasto quadro
De grandezas futuras. Vê as aguas
De Nitheroy rasgando a nau famoza

Que o levaria ás aguas da Ulisséa,
Para o bago empunhar do arcebispo.
Nem só isso, que o papa, dezejando
De tal sujeito coroar os meritos,
Cede á insinuação da Companhia,
E lhe manda o chapéu cardinalicio
Com mais duas fivelas de esmeralda.

II

Já mais dormido que acordado estava,
E na rejião das lucidas quimeras
Todo se lhe engolfava o animo ardente,
Quando uma voz subitamente o acorda.
Era a terrivel Ira que tomando
A figura de Vasco, seu sobrinho,
Na alcova entrou bradando desta sorte :
« Oh que afronta, meu tio ! que deshonra !
Quem tal dissera ? O tresloucado Mustre,
O ouvidor atreveu-se... » Isto dizendo
Numa cadeira cai ; salta da cama
Aturdido o prelado e lhe pergunta
Que afronta, que ouzadia, que misterio
Anunciar-lhe vem daquelle modo.
Então a Ira revolvendo os olhos,
Com voz surda lhe diz que o fero Mustre
Atrevera-se a abrir nma devassa
Entre os servos da Sua Senhoria.

III

Como a galinha, que travesso infante
De alguns queridos pintos despojara,
Na defeza da prole irada avança,
Tal rujindo de colera descreve
Em quatro passos a comprida alcova
O grande Almada. Subito estacando
A vista crava no vazio espaço.
Ali (milagre só da roaz cólera !)
Vê a figura do atrevido Mustre ;
E com olhos, com gestos, com palavras
O ameaça de morte e lhe anuncia
Que ha de eterna vergonha os ossos delle
Insepulto levar de idade a idade.
« Tão incrível (diz elle), enorme audacia
De vir meter as mãos no que pertence
A minha eminentissima pessoa.
Um castigo ha de ter — exemplo raro,
Que servirá de publico escarmento,
E de algum pasmo aos seculos futuros ! »

●
IV

Disse ; e tomado de furor estranho
Gesticulando sai ; e enquanto a tarde

Pela morena espadua o véu devolve
Com que baixa á montanha e á varzea dece,
Concentrado vagou de sala em sala.

V

Longa a noite lhe foi ; aspero catre
Os macios colxões lhe pareciam,
Ao pastor fluminense, que cem vezes,
Que cem vezes fechara os tristes olhos,
Sem conseguir dormir a noite inteira.
No cerebro agitado lhe traçava
A mão da Ira mil diversos planos
Contra o fero ouvidor. Ora imagina,
Em saco estreito atado na cintura,
Mandar deital-o aos peixes ; longos anos
Encerral-o em medonho, escuro carcere ;
Ou já numa fogueira, concertava
Pelas discretas mãos do Santo Oficio,
Esmero d'arte e punição de herejes,
Como um simples judeu, torral-o aos poucos.

VI

Mas, de báldados sonhos fatigado,
O prelado da cama se levanta.
Enfia as cuecas, os pantufos calça

E manda ali chamar o seu copeiro.
Corre Anselmo trazendo respeitozo
De alvo-grosso mingau ampla tijela
Com que o prelado consolar costuma,
Antes de se voltar para outro lado,
O labóriozo estomago, e ao vê-lo
De pé, meio vestido e tão esperto,
Os olhos espantados arregala
E exclama : « Santo Deus ! a estas horas !
Que milagre, senhor, ou que promessa
Fez Vossa Senhoria que o obrigue
A tão cedo deixar a sua cama ? »
« — Anselmo, nem milagre, nem promessa
(Responde o grande e valorozo Almada).
Se eu fiz hoje uma couza nunca vista,
Se eu precedi o sol nesta cidade,
Cauza unica foi um grave assunto
Que o sono me tolheu a noite inteira.
Ao cozinheiro vai da minha parte,
Dize-lhe que um jantar de dez talheres,
Sem olhar a despezas me prepare,
Que hoje quero brindar por certa cauza
Alguns amigos meus. Do teu antigo
Zelo confio, como sempre, a meza ;
Deita os cristais abaixo ; na de Hollanda
Toalha que mais fina houver na caza,
Com arte me dispõe, com simetria,
A baixela melhor. »

VII

Isto dizendo,
A matutina refeição despacha ;
Murmurando de colera se veste,
E roxo como a renacente aurora,
Chama um laçao, e um bilhetinho manda
Às colunas da igreja fluminense.
Tal o prudente capitão, se as armas,
Que até li defendeu, vexadas foram,
A conselho convoca os demais cabos,
E do ouzado inimigo prontamente
Decretam juntos a vergonha e a morte.

VIII

Quando veiu o jantar, sombrio e mudo,
Sentou-se o grande Almada e mastigando,
Com distraido gesto, alguns bocados,
Nenhuma fraze de seus labios solta.
Debalde o Villalobos, seu vigario,
Todo se remechia na cadeira ;
Debalde o nedio Lucas consultava
Os seus colegas, dezejezos todos
De irem dormir a costumada sesta ;
A misterioza cauza do silencio

Em que o prelado jaz ninguem descobre.
Enfim, o grande Almada se levanta,
E para a ceia deferindo o cazo
(Tanto nelle inda a colera rujia !)
Sem a bençam e as rezas de costume
Tornou da meza extinta ao fofo leito ;
Doce exemplo que os outros imitaram,
E em desconto de algum perdido tempo,
Dormiram muito além de ave-marias.

IX

Mas o Vellozo, adulator e astuto,
Não conseguiu dormir. Em vão na cama
As pozições mudava ; o pensamento
Velava inteiro e afujentava o sono.
Maravilha era essa, e grande, e rara,
Pois entre os dorminhocos desse tempo
Tinha logar conspicuo ; antes das nove,
Sem embargo da sésta, era defunto ;
E nunca ouvira o despertar do galo.

X

Quando ao sinal da ceia, aparelhados
Correram todos á pejada meza,
Antes de se sentar, silencio pede

O Vellozo e, trez vezes a cabeça
Curvando, fala : « Se partis comnosco
Magnanimo prelado, as alegrias,
Por que as magoas furtais aos nossos olhos?
Ah! dizei que importuna, extranha cauza
Melancolico véu no amado rosto
Desde o jantar vos poz ! Debalde busco
A razão descobrir de tal mudança,
Dar-se-á que, por descuido da cozinha,
Na sopa entrasse o fumo ? Eu, se não erro,
Vestijios delle achei, posto que a pressa
Com que a sopa comi me disfarçasse
De algum modo o sabor. Ou, no trajetò
D'aqui á Sé algum clerigo novo
Vos faltou co'a devida reverencia ?
Contai, senhor, contai a amigos velhos
Males que delles são ! »

XI

A tais palavras,
Com o punho cerrado sobre a meza
O prelado despede um grande golpe
Que faz tremer terrinas e garrafas
E apaga a côr nos labios do Vellozo.
Logo mais socegado, e perpassando
Pela douta assemblea um olhar grave,

Encara o prégador ; e dando á fala
Menos rude expressão, assim responde :
« — Não, amigo, a razão da minha colera
Nenhuma dessas foi. A baixa inveja
Do presumido Mustre, a quem basbaques
Tecem descompassados elojios
E cujo nome nas tabernas brilha,
Isto só me acendeu dentro do peito
Desuzado furor. Vós do meu cargo
Companheiros fieis, que com diurna,
Noturna mão versais minha alma inteira,
Uma parte tomai da funda magoa
E ajudai-me a punir tamanha afronta ! »

XII

Aqui refere o cazo da devassa
Que aos figadais, solícitos amigos,
Lhes arrepia as carnes e o cabelo,
E desta sorte acaba o seu discurso :
« Eu merecêra arder no eterno fogo
Que o cão tinhozo aos pecadores guarda,
Viver de bacalhau toda a quaresma,
Dormir trez horas n'uma noite inteira,
Se esse infame ouvidor, parto do inferno,
Triunfasse de mim, e ao rizo e ás chufas
Me expozesse da plebe e dos lacaios.
Que diriam de mim nesses conventos,

Fócos de luz, onde o meu nome ha muito
De tão illustre ofusca os outros nomes,
Qual a um raio se vê do sol brilhante
Da noite os claros lumes desmaiarem ?
Eia ! a afronta comum igual esforço
De todos nós exige. As vossas luzes
Me ajudarão neste difficil cazo,
E se inda o mundo não perdeu de todo
O lume da justiça, aquelle biltre
Que tão cheio de si anda na terra,
Tamanho tombo levará do cargo
Que estalará de espanto e de vergonha. »

XIII

Assim falou Almada, e toda a meza
Lhe aprovou o discurso. O Villalobos,
Em quem os olhos fita o grão prelado,
Algum tempo medita um bom alvitre,
E ia já começar a sua arenga
Quando o astuto Vellozo a vez lhe toma :
« Minha idea, senhor, é que esse infame
Nem alma, nem vigor, nem bizzarria
Houve do céu, e que abater-lhe a prôa
O mesmo vale que esmagar brincando
Uma pulga, um mosquito, uma formiga.
Mas porque seja bom tapar a boca
Aos vadios da terra, e porque vale,

Em certos cazos, afetar nas formas
Tal ou qual mansidão, que não existe,
Cuido que em lhe mandando uma embaixada
A exijir-lhe a devassa... »

XIV

« Nunca! Nunca
(Interrompe o vigario). Uma embaixada!
Tratar de igual a igual a um bigorrilhas!
E tal couza, senhor, nacer-lhe poude
No claro entendimento? Todo o lustre,
Valor e autoridade a igreja perde
Se não falar de cima ao tal pedante,
Com desprezo, com asco. Em boa regra,
Cortezia demanda cortezia;
Mas um vilão que a processar se atreve
Os creados da caza do prelado,
Em vez de uma embaixada, merecia
Nas costas uma doze de cacete.
Não, senhor; é meu voto que se mande
Uma simples, e seca, e raza, e nua
Citação para a entrega da devassa
No prazo de trez dias. Desta sorte
Não se abate o prelado, nem as nobres
Insignias enlameia do seu cargo,
Que elle e nós todos conservar devemos
Puras de vil contacto. »

XV

« Mas a pena?

(Triunfante o Velloso lhe pergunta).
Uma pena ha de haver com que se obrigu
A cumprir o mandado? Suponhamos
Que entregar a devassa elle recuze,
Que recurso nos dais para sairmos
Deste apertado lance? Hade o prelado
Ver mofar do poder que lhe compete?
A' derrota assistir da couza sua?
Humilhar-se? Eu jámais aprovaria.
Tão singular idea. Uma embaixada,
Sem da egreja abater os sacros foros,
Com geito e manha alcançaria tudo,
E se nada alcançasse, é tão brilhante
A fama do prelado, que bastava
A cauza remeter para Lisboa,
Que em seu favor viria o rejio voto.

XVI

Acabou de falar. Então a Gula,
Que presente ali estava, enquanto a Ira
O belicozo espirito lhes sopra
Aos duros capitães, lhes vai roendo
As famintas entranhas, qual nos contam

Do filho de Clymene, que primeiro
Ao céu roubara o lume, antes que o tempo
Longos volvendo seculos e seculos,
Real tornasse a fabula dos homens
E nos desse o teu genio, imortal Franklin.

XVII

E depois que a discreta companhia,
Por não perder o precioso tempo,
Foi correndo e falando sobre o cazo,
Fazendo a lingua dois officios juntos,
Esta sentença lavra o grande Almada :
« Acho muito cabida e boa a idea
Do prégador Velloso ; mas não menos
Razoavel a idea me parece
Do profundo vigario. Aceito-as ambas
E practical-as vou. Desta maneira
Ostento mansidão, e com mais força
O golpe lhe darei si me recuza
A devassa entregar. Ao mesmo tempo
Alterada não vejo a paz gostosa
Em que de outras fadigas descansamos.
Entretanto convém que armado e pronto
Vá logo o embaixador. A vós incumbo
(O forte Almada ao Villalobos disse)
Da solene feitura de um mandado
Co' o prazo de trez dias, e com pena
De... excomunhão ! »

XVIII

Aqui um alto grito
De espanto, de terror, de entusiasmo
Rompe do peito aos veneraveis socios.
Como nas horas da calada noite
Uma pendula bate solitaria,
Depois outra, mais outra, e muitas outras
Monotonas o mesmo som repetem,
Assim de boca em boca os reverendos
« Excomunhão! excomunhão! » murmura
Por ventura algum delles duvidozo
Se aquella vencedora espada antiga
Que as herezias combateu da igreja
Empregar-se n'um cazo deveria
De tão pequena monta; mas guardando
Essa idea consigo, que não rende
Os rizados do prelado nem os fartos
Jantares que a miude lhe oferece,
Com todo o gosto a excomunhão aplaude
Do insolente juiz.

XIX

Então o Lucas
Que, desde que estreara a lauta meza,
Come com quantos dentes tem na boca,

Que uma assada cotia despachara,
Quatro pombas, e de uma grande torta
Ia já caminhando em mais de meio,
A boca levantou do eterno pasto
E falou desta sorte : « Bem humilde
E' meu braço, senhor ; mas se a defeza
Dos sacros foros meu esforço pede,
Contar podeis comigo neste lance,
E certo estou que em decizão e zelo
Ninguem me ha de exceder. Proponho agora
Que nesta ocazião grave e solene
Juramento façamos de punil-o
Ao ouvidor, e não deixar o campo
Sem a honra lavar do nobre Almada. »
Isto dizendo, da cadeira a custo
A barriga levanta o reverendo ;
Todos o imitam logo, e sobre a meza
Alçam as mãos e juram de vingar-se
Do presumido Mustre ; e porque a empreza
Novos brios pedia, em pouco tempo,
Com raro esforço, toda a meza varrem.

XX

Entretanto, afiando á porta o ouvido,
Longo tempo escutara o moço Vasco
As deliberações do grão conselho,
E receiozo da tremenda guerra

Que dali certamente naceria,
Pondo em risco talvez sua pessoa,
Entra palido e tremulo na sala.

XXI

Ao vel-o demudado os circunstantes
Estremecem de susto. Qual receia
Que o Mustre, sabedor do que se passa,
A suas Reverencias um processo
Instaurara de pronto. Qual cojita
Que cem homens de tropa os têm cercados
E ouve já, na escaldada fantasia
Ranjer nos gonzos a medonha porta
Do carcere perpetuo. Tu sómente,
Villalobos, e tu, Cardoso forte,
O coração pacifico tivestes,
E a frieza imitastes do prelado.

XXII

« Ruins novas trazeis, ao que parece,
Vasco! (o tio lhe diz); e suspirando
O moço lhe responde : « Novas trago
E penozas, senhor. Sabei que o monstro,
A cauza principal do triste oprobrio,
O autor de tantos e tamanhos males,
Unico eu sou. Meu atrevido braço

Nem por isso uma linha só recuo
Do meu procedimento. Dezejára,
No entanto, a historia ouvir do teu delito.
Esta grave assembléa certamente
Preferira entreter-se de outras couzas
Mais chegadas á nossa dignidade
E santa condição; mas não importa;
Um dia não são dias, e é de geito
Que instruamos de todo este processo. »
Isto dizendo, a uma cadeira vaga
Que defronte lhe fica, estende o dedo.
Vasco obedece. A douta companhia,
Que ancioza esperava aquelle instante,
As cadeiras arrasta procurando
Idonea posição para escuta-lo.
Enche os copos Anselmo e se retira.

XXV

Prontos á escuta, emudeceram todos
E o moço começou : « Mandais-me, ó tio,
Que a lembrança renove do namoro
Infeliz, e a ridicula aventura
Em que fui grande parte. Ora vos conto
O misteriozo cazo da assuada
Que essas estrelas curiozas viram,
Certa noite de amores encobertos.
Em que um rival do amargo seu triunfo

A pena teve, e cauza foi da afronta
Que hoje padece vossa senhoria.

.

N'este ponto o prelado, dezejozo
De disfarçar o natural vexame
Que a narração mundana lhe fazia,
Da profunda aljibeira a caixa arranca
Do tabaco, abre-a, tosse, esfrega os dedos,
E uma grossa pitada apanha e funga.
O perspicaz conselho o imita logo;
Aventam-se as bocetas; os obzequios
Trocam-se mutuamente os convidados;
Qual de uma vez na larga venta insere
O precioso pó; qual o divide
Benevolo entre as duas; e co'os lenços
Os reverendos... sacudidas,
Deste modo prosegue o moço Vasco :

.

.

.

CANTO V

I

Já nas macias, preguiçosas camas
Santamente roncava o grão conclave,
Quando, em frente da meza, carregada
De volumes, papel, e tinta e penas,
O douto Villalobos se assentava.
Isto vendo, a Preguiça, que o mais docil
Dos seus alunos no vigario tinha,
As formas adelgaça, o colo estica,
Afila os dedos, o nariz alonga,
E as feições copiando do escrevente,
Busca o vigario, e do amago do peito
Molemente esta fala arranca e solta :
« Senhor, que grande novidade é esta?
Pela primeira vez, depois das nove;
Esquece-vos colxão e travesseiro,
Que essas valentes e cevadas formas
Com tanto amor criaram? Que motivo

Apartado vos traz da vossa cama?
Por ventura esse cargo preciozo
Que tão alto vos poz nesta cidade
Não vos dá jus a regalar o corpo
Co' as delicias do sono? Que seria
Dos empregos mais altos deste mundo
Se não fossem razão de boa vida?
E que lucaes, senhor, com essa guerra?
A vaidade abater de um insensato,
Todo cheio de ventos e fanfurrias?
Mais do que elle valia Mithridates
Que Lucullo bateu; mas quem se lembra
Do forte vencedor do rei do Ponto,
Quando nelle contempla o mais conspicuo
Dos grandes mandriões da antiguidade,
Que mais soube comer que Roma inteira?
Deixai lá que se esbafê a inculta plebe
No vil trabalho com que compra a ceia;
Um homem como vós não se afadiga,
Come e ronca, senhor, que o mais é nada. »

II

« Não, amigo (responde-lhe o vigario
Com benevolo gesto, e todo cheio
Dos elojios); não, esta campanha
Tão mesquinha não é, nem tão mofino
O insolente rival. Tolo é, de certo

E prezunçoso; acrece-lhe mordel-o
Uma inveja cruel do nosso Almada.
Debil não é quem vicios tais reúne.
Derrubal-o é precizo. O grande nome,
O poder que me dá este meu cargo,
E do prelado a nobre confiança,
Exijem que ao trabalho hoje me entregue
Algum tempo sequer. Nem tu receies
Que eu desperdice as minhas bentas horas
De descanso. Uma só que nisto empenhe,
Tão fecunda ha de ser, tão esticada,
Que dará quatro ou cinco em muitas noites,
E tudo se repõe no estado antigo. »

III

Insta a Preguiça; afrouxa, afrouxa quazi
O vigario; na mente se lhe pinta
O alto, fofo colxão de fina pluma,
Em que as noites repouza, em que na sésta
A sua reverenda inercia espraia.
Os olhos com fastio aos livros lança;
A descair os membros lhe começam
De languidez; mas a cruel idea
De ver perdida a posição brilhante
Que na igreja lhe cabe, o brio esperta
Ao grão doutor e lhe dissipa o sono.
Em vão tenta a Preguiça convidal-o
Com palavras de mel; sacode o corpo,

Encolhe os hombros, os ouvidos cerra,
E rispido a despede o reverendo.

IV

Apenas se achou só na grande sala,
Com o lenço o papel sacode e a meza,
E num velho tinteiro mergulhando
A branca pena de um comido pato,
Lança as primeiras regras. Dez autores
Largamente consulta; um trecho saca
De dez tomos diversos e massudos
Com que as velas enfune ao seco estilo.
A cada rasgo da tardia pena,
Que a suada expressão goteja a custo,
A cabeça levanta o reverendo,
Todo o escrito relê com grande pausa,
As paredes consulta, e novamente
Ao trabalho com animo arremete.
Enfim, ao cabo de uma hora longa,
A tarefa acabou. Contento salta
Da cadeira, repete a torva proza,
E vaidoso de si, como dos versos
Que primeiro compoz infantil vate,
As mãos esfrega, os olhos arregala,
Pela sala passeia, e de memoria
Algum trecho repete, alguma fraze
Que mais arrebicada lhe saíra.
O espanto do ouvidor, o entusiasmo

Do prelado, os pomposos eloijos
Da cidade, na mente lhe descreve
Com dextra mão e delicadas tintas
A fantazia... Mas aqui começam
De lhe pezar as palpebras; a custo
Tropego e bocejando deixa a sala,
Entra na alcova, a troncos se despede
Das roupas, e na cama continua
O deliciozo sonho interrompido.

V

Lepidamente abrindo o alvo regaço,
E o chão juncando de purpureas flores,
Do pastor fluminense á caza torna
A travessa alegria, e ao seu aspeto,
Palida magoa, lutuoza fojes.
Sobre os moles colxões inda estendido,
O lobrego papel ouve o prelado,
Que o douto Villalobos lhe recita,
E com exclamações e com palmadas,
Lhe aplaude a condução e o duro estilo,
E a infalivel vitoria lhe agradece.

VI

Um a um, vêm chegando os reverendos,
E a todos, um por um, de cabo a cabo,

A intimação lhes lê, que elles escutam,
 Com muitos e rasgados elojios,
 Maiormente os da boca do Vellozo,
 Que mal sofre ao rival este triumpho.
 Mas como o fruto que seduz no rosto
 E o verme esconde no corruto seio,
 Assim o prégador das grandes festas
 Alegrar-se parece, emquanto a inveja
 O punje, e mil ideas lhe insinúa
 De adular o prelado, e ao Villalobos
 Arrebatár os louros, que lhe impedem,
 — O sono não, — mas o socego d'alma.

VII

Ao ver-se tão cercado de zumbaias,
 Em si mesmo não cabe de contente.
 O profundo doutor, em cujos labios
 A vaidade sorri, velada a meio
 Dessas vans cortezias de aparato,
 E d'esse « Não, senhor! Oh! não! Oh! nunca!
 Nunca esta proza minha ambicionára
 A tão alto subir como pretende
 A bondade da Vossa Senhoria.
 E' um trabalhozinho feito á pressa
 Só por obedecer ás ordens suas. »
 E outras trais mojigangas de modestia,
 De humildade, que são naquelles transes
 Uzual expresso.

VIII

Mas tu, Cardoso,
Emulo foste do feliz vigario,
Quando para intimar o austero Mustre,
Te ofereceste ouzado. Havia fama,
Temerario escrivão, que a natureza
Para servo do altar te não fizera,
Que nacêras com balda de meirinho,
Ou capitão do mato. (17) — « Eu mesmo quero
(Diz o forte escrivão) dar-lhe este golpe,
E certo estou de que a fatal devassa
Não mãos virá do arrependido Mustre
A vossos pés cair. » Cheio de gosto,
Almada esta façanha lhe elojia,
E copiada a intimação famosa,
Rubricada e selada, prontamente
A recebe o Cardoso. Dois abraços
O prelado lhe dá, e mais a bençam
Que o livrará das tentações do diabo.
Dá-lhe inda mais. De uma gaveta saca
Um tremendo chapéu pompozo e feio,
Que lhe mandára um monje italiano,
E que elle a sete chaves escondia.
« Tomai (lhe diz) este chapéu que ha anos
De alheias vistas guardo; elle só vale
Mais que vinte orações; tomai-o, é vosso. »

IX

Era um chapéu de trez enormes bicos.
Respeitozo o escrivão lhe imprime um beijo,
E na cabeça o põe, e assim de caza
Para intimar o Mustre se encaminha.
Vaidozo e cheio da missão que leva,
As ruas atravessa da cidade,
O pavor antevendo e os calafrios
Do mesquinho ouvidor quando o mandado
De seus labios ouvir, e na cabeça
Sentir descarregar o grande golpe.
A noticia entretanto ia correndo
Pela cidade toda, e a cada passo,
Nas esquinas, nas lojas se detinha
A gente curioza e os olhos punha
No famoso escrivão; mas, sobranceiro,
Impavido calcando a dura terra,
Sem fazer cazo do miudo povo,
No caminho prosegue. Já chegava
Aos edificios ultimos, e a planta
O despovoado chão pizava afouto,
Quando em frente lhe surje lacrimoza
Brigida, mocetona de mão cheia,
Cazeira sem rival, mescla robusta
De africo sangue e sangue d'alva Europa.

IX

« Eu bem sei (convencido lhe responde
O ouvidor), eu bem sei que fôra triste
Que um preclaro varão da minha estofa,
Cujos nome não ouve o delinquente
Sem desmaiar de susto, e que este povo
Respeitozo contempla, na baixeza
Caisse de ir aos pés de um vão prelado
E rojar-se no pó da sacristia.
Mas, meu caro Ramalho, que recurso
Nesta vida me resta? Tu não sabes
Que de mim vai fugir a gente toda?
Que eu vou ser o leprozo da cidade?
Que meirinhos, beatas, aljibebes,
E quem sabe se até os cães vadios,
Que á sumida barriga andam de nóite
Pelas ruas catando algum sustento,
Tudo vai desprezar-me? Bom avizo,
Quando falha vitoria na batalha,
E' ceder ás falanjes do inimigo,
E preparar uma futura guerra. »

X

O mofino ouvidor assim falando,
Com apuro a vestir-se principia,

Uma arenga compondo de cabeça
Em que do seu pecado arrependido
Claramente se mostre, quando a Ira
Ao Ramalho sujere este conselho :
« Salvo, salvo, senhor! é salvo tudo!
Conhecido vos é como o Senado,
Em luta com o pastor da nossa igreja
Delle tem recebido tanta injuria,
E em risco está de semelhante pena.
Procurai-o, senhor, e com protesto,
Em nome da corôa e da justiça,
O negocio deponde. Deste modo
A muitos caberá toda essa afronta
E mais certa será nossa vitoria. »

XI

Aceita foi a salvadora idea.
Saem ambos os dois no mesmo instante,
Voam, chegam á caza do Senado,
E na sala penetram. Conversavam
Justamente do cazo os camaristas
E, na pele mordendo do prelado,
Receiavam talvez igual destino
Ao do fero ouvidor, se no conflito
Que ha muito trazem com o grande Almada
O jus do povo defender quizerem ;
Quando na sala entrando furiozo

A sua excomunhão refere o Mustre,
E lhes pede em defeza da corôa
O braço popular. Todo o congresso
Gelado fica. Subito as cadeiras
Pela terra deitando, ás portas correm
Os graves camaristas, e fujindo
Ao mizero ouvidor excomungado,
Para caza se lançam. Da pedreira,
Lançado o fogo á mina, a toda a pressa
Da mesma sorte os cavouqueiros fojem
Receiozos de avulsos estilhaços.

XII

Em vão a Ira, com diversas formas,
A todos busca, e amaciando a fala,
A lembrança do afeto lhes desperta,
Os jantares comidos n'outro tempo,
Os festivos saraus, cartas de empenho,
Mil finezas, em suma, sepultadas
No vasto cemiterio da memoria...
A filha do diabo então sacode
Irritada a cabeça, e do mais fundo
Das entranhas um grito de ameaça
E frio escarneo solta : « Homens! (exclama)
Lacaios da fortuna! Eu terei armas
Com que de ingratos corações triunfe! »

XIII

Isto dizendo, mais ligeira vôa
Que o soberbo condor, quando do cimo
Dos Andes rompe o assustado espaço ;
E vai surjir além das altas nuvens.
Vôa, e chega aos dominios da Lizonja.
Os flóridos umbrais transpõe de um salto.
Logo em frente lhe surje estensa e bela
Uma alameda de arvores copadas,
Que, para a terra os galhos recurvando
Com singular donaire e afavel gesto
Cortejal-a parecem respeitozas.
Caminha, e fina relva os pés lhe afaga ;
Respira, e um doce aroma o peito lhe enche.
A tão brando contacto, a tais delicias,
O' milagre! um sorrizo prazenteiro
Logo vem desbrochar-lhe á flôr dos labios
Que eterna raiva aperta. Segue avante,
A branca e longa escadaria sobe,
A varanda atravessa alcatifada
De brancas flôres e cheiroza murta.
Já rendida de gosto, entra na sala,
Dá dois passos, e a recebel-a chegam
Vinte ou trinta Zumbaias, que vergando
Pela cintura o corpo delicado,
Beijar o chão parecem ; apoz dellas

Com dourados turibulos acezos,
Vem quatro Rapapés ; fechando tudo
Estensa procissão de Cortezias.

XIV

De tais recebimentos namorada,
O primeiro salão transpõe a culpa,
Entra no camarim, forrado todo
De flôres, de arabescos, laçarias,
Que enche continuo, tepido perfume
De seis grandes caçoulas de alabastro.
Entra, e defronte de um pompozo espelho
A Lizonja descobre, que rizonha
Mil cumprimentos novos ensaiava
E mil versos rasteiros repetia.
Ao ver a feroz culpa a dona amavel
Uma grande mezura em quatro tempos
Gracioza faz, e diz : « A que milagre
Devo eu esta vizita? Acazo o orbe,
Que ao pezo treme de tuas nobres armas,
Estreito campo é já para teus feitos ?
Vens o peito acender da serva tua ?
Bem cruel me ha de ser esse dezastre,
Mas se é teu gosto, sofrerei contente,
A terra beijarei que tu pizares
E acharei na desgraça a gloria minha. »
A ardiloza Lizonja assim falando

Toda se curva, e a orla do vestido
Da culpa chega aos labios; mas a Ira
Prontamente a levanta, e nos seus braços,
Com meneios benevolos, a aperta,
E logo fala : « A tua paz respeito :
Turvar não venho a delicioza corte
Donde o mundo governas ; mas auxilio
Do teu enjenho quero. » Aqui lhe conta
A famoza aventura do prelado,
A angustia do ouvidor e a covardia
Dos ingratos amigos de outro tempo,
E pede que a Lizonja as armas suas
Contra estes empregue. « Que mesquinho
Serviço exijes ! (a Lizonja exclama).
Eu podia mandar quatro Zumbaias ;
Tanto bastava por vencer o animo
Dos rebeldes ; mas sendo a vez primeira
Que vens honrar estes quietos paços,
Abater-lhes o colo irei eu mesma
E leval-os de rojo aos pés do Mustre. »

XV

Com diligente mão os filtros busca,
E seguida da hospede no espaço
Vôa ligeira á plaga fluminense,
A' caza dos rebeldes se encaminha,
E a todos, um por um, pela alma dentro,

O seu doce veneno lhes entorna.
De baixa adulação logo tomados,
Vestem-se a toda a pressa, e não podendo
Conter o intenso fogo que os devora,
Aos criados da caza e ás quitandeiras
Vão fazendo profundas barretadas.
Tanto a Lizonja vã governa os homens !

XVI

Abre a sessão de novo o prezidente,
E deste modo fala : « Grave cazo
Este é, senhores ; mas as vossas luzes
Tudo podem vencer. Em meu conceito
Recuzar não podemos o protesto,
E muito embora formidavel seja
O prelado, não creio que devamos
Sem amparo deixar as leis do Estado,
Nem poupar desta vez um grande golpe
No atrevido pastor. » Com todo o zelo
Examinado o singular assunto,
O Senado resolve em pouco tempo
Que ao rejedor supremo da cidade
Os papeis se remetam com protesto
Do povo, e petição em nome d'elle
Por que anulada seja sem demora
A excomunhão, e feito este decreto
Vôam d'ali aos paços do Alvarenga.

XVII

O alcaide-mór, que os meios estudava
De praticar no esmorecido povo,
Com a aguda lanceta do Senado,
Uma sangria nova, cortezmente
Os faz sentar e prazenteiro os ouve,
E depois de os ouvir com grande pausa,
A petição da Camara recebe
Sem muita hezitação ; mas porque seja
O cazo novo, e caminhar convenha
Sem da igreja ferir os santos foros,
Manda o governador que se convidem
Os diversos teologos da terra,
O reitor do Colejio, o dom Abade,
O guardião dos filhos de Francisco,
Frei Basilio, prior dos Carmelitas,
E alguns licenciados de mão cheia,
Que o nó desfaçam deste ponto escuro.

CANTO VII



I

A Preguiça, no entanto, conduzira
Aos macios colxões o grande Almada,
E um sono amigo lhe fechara os olhos,
Emquanto os illustrissimos amigos
Todos em volta do escrivão Cardozo,
Pela decima vez, na sala proxima,
Da excomunhão a narrativa escutam,
E com ditos de mofa, e com rizadas,
A vitoria celebram, na esperança
De que o prelado os ouça e lhes aceite
Agradecido esta homenagem nova.

II

Eis que um sonho, ajitando as azas brancas
Leve espalha no cerebro do Almada (19).

Como gotas de chuva rara e fina,
Um pó sutil de majicas patranhas.
Sonha... Em que ha de sonhar o grão prelado ?
Vê no espaço um ginete alto e possante
A' solta galopando, e logo nelle,
Elmo de ouro, armadura de aço fino,
A brioza figura de um guerreiro.
Tenta irritado o indomito cavallo
O cavaleir o sacudir na terra,
Mastiga o freio, empina-se, escouceia,
Vôa de norte a sul, de leste a oeste,
Ora a pata veloz roça nos mares,
Ora, igual ao tufão, descoze as nuvens,
Mas o galhardo cavaleiro as redeas
Co'as fortes mãos encurta, e pouco a pouco
O rispido quadrupede socega
E pára no ar. No rosto do guerreiro
Vê as proprias feições o grande Almada,
Olhos, cabelos, boca, fâces, tudo,
Tudo é d'elle. O' prodijio ! Voz solene
Do ponto mais recondito do espaço,
Onde estrela não ha, não ha planeta,
Estas palavras singulares solta :
« O bravo cavaleiro és tu, prelado,
E o domado corsel é o teu rebanho,
Que embalde morde o freio e se rebela
Contra ti que has vencido el-rei e o povo,
Tornando em cinzas o atrevido Mustre. »

III

Deste agradavel sonho consolado,
Abre o pastor os olhos, vira o corpo,
E outra vez adormece. Novo quadro
E diverso lhe pinta a fantazia.
Vê-se diante de provida meza,
A' direita do papa, e come e bebe
De cem bispos servido. Entuziasmado
Com as fições de Alexandre Setimo,
O prelado um discurso principia
Depois de haver tossido quatro vezes.
Os olhos fita n'um painel que estava
Na fronteira parede; a mão do artista
O belo e forte arcanjo debuxára
Que a Satanaz venceu; ás plantas suas
Jaz o eterno rebelde. Entrava apenas
No magnifico exordio do discurso
O valorozo Almada quando a tela
A tremer começou; subitamente
O brilhante Miguel desaparece,
E o diabo que ali prostrado fôra
Toma a figura do execrando Mustre,
Levanta-se do chão; e cõm desprezo,
E com gesto de escarneo e de ameaça,
Os turvos olhos no prelado fita
E a devassa fatal nas mãos sustenta.
Pasmam do cazo os circumstantes todos,

Emquanto o forte Almada tropeçando
Nas cadeiras, nos vasos, nas cortinas,
Foje aterrado, uma janela busca,
D'ella, sem ver a altura, se despenha,
E de abismo em abismo vai rolando
Até cair da propria cama abaixo.

IV

Ao som da triste queda acorrem todos.
O mizero pastor, aos pés do leito,
Vagos olhos estende aos seus amigos,
Como se inda ña mente abrazeada
As azas ajitara o negro sonho.
A erguel-o corre o prégador Vellozo;
Traz-lhe o douto vigario um copo d'agua;
Um as janelas abre, outro da cama
Os lençois revolvidos lhe concerta,
Até que Almada, a fala recobrando
Do sonho as peripecias e o desfecho,
Entre assustado e galhofeiro conta.

V

Ai, prelado infeliz ! Verdade amarga,
Verdade, que não sonho passageiro,
Esbaforido o Lucas te anuncia.
Terrível golpe foi ! Largos minutos

Atonito e caído sobre o leito
O prelado ficou, como se vira,
Por efeito de imenso terremoto,
A seus olhos cair toda a cidade.
Não era sonho então! Vencia a cauza
O perfido inimigo! Vai com elle
O imprudente Senado, e sem vergonha
Nem receio o governo ambos protege.
Tais ideias no cerebro do Almada
Confuzamente rolam. Vinte vezes
Quer falar, vinte vezes abre a boca
D'onde não saem mais que vãos suspiros.

VI

Porém a Ira, a quem blasfemias prazem,
A tempo chega e lhe dezata a lingua.
Qual da feia carranca de um céu negro,
De aguas, coriscos, furacões pejado,
Se vê subitamente sobre a terra
Grossa chuva cair, e em pouco tempo
Encher amplas campinas, praças, ruas,
Tal da boca com impetos lhe saem
Injurias, gritos, ameaças, mortes,
Em borbotões do coração subindo;
E as atentas orelhas alagando :
« Guerra declaro á gente do Senado!
Guerra ao governador! a todos guerra!

E se o céu não tem raios que os fulminem,
Nem abismos a terra que os engulam,
Eu cavo abismos, eu tempéro raios,
E essa baixa ralé da especie humana
Verá que, inda vencido, eu sou Almada! »

VII

Disse, e enfiando as mangas da batina
Que o cortezão Vellozo lhe entregava,
Precipitadamente deixa a alcova
E durante uma hora ou pouco menos
Meditou na desforra. Onça bravia
N'uma jaula fechada não se move,
Não fareja com mais impaciencia,
Mais aflita não busca uma saída,
Do que o grande prelado pela sala
Cojitando vagava. « Certamente
(D'esta sorte o pastor consigo pensa)
O Senado, o Governo e o tolo Mustre
De mãos dadas estão; talvez o cazo
Maquinado já fosse ha muitos dias
Para me derrubar? Mas que outro golpe
Devo agora empregar n'aquelles biltres
A não ser enforcal-os? Que remedio,
Se a triunfar de mim elles alcançam,
A grande posição e o grande nome
D'esta triste miseria hão de salvar-me?

VIII

N'isto o mizero Lucas, que não teve
Jámais o gosto de uma idea sua,
Pela primeira vez sente brotar-lhe
Na solidão do cerebro vazio
Um alvitre. Anciozo corre a Almada,
Que ao ter noticia deste cazo novo
Com sincera alegria o cinje ao peito
E dos labios lhe pende inquieto e soffrego.
Assim no meio das revoltas aguas
Do oceano que o vento sacudira,
Já sem forças um miserando naufrago
Olhos e mãos estende á derradeira
Taboa que lhe ficou. « Muito vos deve
(Diz o Lucas) a egreja companhia
Dos padres de Jesus, e esse colejio
Que ali daquelle outeiro vos contempla.
Uma mão lava outra , com finezas
As finezas se pagam. Se do voto
Depender do reitor a vossa cauza
(Que é certamente voto de mão cheia
E trunfo superior aos demais trunfos) (20)
Vá sem demora vossa Senhoria
Dos favores cobrar-lhe o pagamento
Que a vitoria final é toda nossa. »

IX

A tais palavras o prelado sente
Pelas veias coar-lhe um sangue novo,
E toda reviver-lhe a derradeira
Quazi extinta esperança. Então nos braços
O salvador amigo recolhendo,
Com lagrimas de gosto assim lhe fala :
« Oh trez e quatro vezes mais ditozo
Que o destemido Achilles, que da boca
Do divino cavallo ouvia apenas
Anunciar-lhe a sua morte proxima,
Ouço da tua o proximo triunfo ! »

X

Disse, e á pressa engolindo alguns bocados
Do já frio jantar que ha muito o espera,
Das insignias do cargo se reveste,
Entra na cadeirinha e aos pajens manda
Que ao colejio o conduzam sem demora.
Velozes partem, e suando em bica,
Vão trepando a ladeira, e á caza chegam
Que ali, no vizo da colina, encerra
Em seu discreto seio um garfo illustre
Da vasta, omnipotente companhia.
Dece a certa distancia o grande Almada,
Encara a porta, e tremulo de susto

Alguns minutos fica ; mas vencendo
O natural terror que lhe infundiam
A caza e seus famosos moradores,
Com animo atravessa o curto espaço
E vai bater á porta do convento.
Não de outra sorte o rezoluto Cezar,
Chegando á marjem do vedado rio,
Algum tempo hezitou se contra a patria,
Se contra si lançar devera a sorte ;
Mas logo, ao genio seu abrindo as azas,
O Rubicon transpõe, e afoutamente
Tudo fiando da propicia estrela,
Contra a patria marchou e a liberdade.

XI

Vinham do refeitório, que era farto
E proprio de tão nobre companhia (21),
Os veneraveis padres, quando a nova
Correu de que chegára o grão prelado.
Com alvoroço dece logo a vel-o
Toda a comunidade ; as cortezias
Respeitozas lhe faz, os cumprimentos,
Os elojios vãos com que lhe enfuna
De tumidas vaidades a cabeça.
Dali á livraria o levam logo
Com grandes cerimonia, e ao pedido
De falar co'o reitor secretamente,
Todos os padres dão aos calcanhares.

XII

Fechada a porta e junto da janela,
Ambos os dois sentados gravemente,
Estende os olhos o prelado e abranje
Todo esse plaino de aguas, não pejado
De tantissimas velas, e bandeiras
Que hoje ás brizas do mar de Guanabara
Malemente flutuam. Longa serra
Vê cortar o horizonte, e além galgando
Com os vôos da leve fantazia,
Campos descobre, caudalozos rios,
Matas que humano pé não profanara,
E cheio de um sincero entusiasmo
Faz um breve discurso, cujo tema
A bela terra foi e o seu futuro ;
Discurso em que (por que melhor atasse
O seu entusiasmo á cauza sua)
De alto louvar encheu a companhia,
« Em cujas reverendas mãos se acolhe
(Diz elle ao concluir) o miserando
Prelado contra quem governo e povo
Implacaveis as armas do odio assestam. »

XIII

Com lastimoza voz logo refere
Miudamente o cazo da devassa,

O perigo da igreja, a eterna mancha,
E ao reitor pede, cara a cara, o voto.
Sua Paternidade alguns minutos
Calado esteve, e o tremulo prelado,
Sem os olhos tirar de cima delle,
Ultimo e frouxo lume de esperança,
As unhas vai roendo impaciente
E vinte vezes na cadeira muda
A posição do corpo. Enfim, o grave
Rejedor do colejio aos ares solta
Um profundo suspiro, e levantando
Os olhos para o teto, assim lhe fala :
« Vitima sois, não unica, do torpe,
Estolido senado ; este colejio
Alvo ha sido tambem das frechas suas
No conflito dos mangues, a que o povo
Quer ter antigo jus, e que de ha muito
Pertencem claramente á companhia.
Si eu vos narrasse esta comprida guerra,
As cilados do perfido inimigo,
Os golpes encobertos, toda a raiva
Com que elle afronta a paciencia nossa,
Inteira gastaria uma semana.
Esperança não temos do triumpho.
Quem nos defenderá ? Que braço forte
As furias se oporá do vão senado ?
Quem as mãos cortará do inculto povo ? »

XIV

Aqui o grande Almada da cadeira
Zelozo se levanta : « Não conhece
Vossa Paternidade um braço forte ?
Vale pouco, senhor, este prelado,
Mas lonje está de apodrecer na terra,
E emquanto um sopro lhe restar de vida,
Todo ás ordens será da grande caza
De que é vossa pessoa ornato e lustre.
Descansai, descansai ; eu tenho um meio
De os chamar á razão. Contra o senado,
Se teimar em falar no jus do povo,
E contra o povo, se gritar com elle,
Excomunhão darei, se fôr preciso. »

XV

Tais palavras ouvindo, sobre o peito
Cruza as mãos o reitor e lhe agradece
Ao prelado este rasgo de pujança
E grandeza sem par : « Eu não ouzava
Tanto esperar de vossa Senhoria,
A quem muito já deve a caza nossa,
E que tão espontaneo hoje me estende
A generosa mão. Na vossa cauza
Sabeis que eu nunca deitaria um voto
Que contrario vos fosse. Ide tranquilo,

Que a defender-vos sairei armado
Com as melhores peças. O conselho
Há de a voz escutar deste colejo,
E confirmar a excomunhão do Mustre,
E compelil-o á entrega da devassa. »

XVI

Um doce abraço estas palavras fecha ;
E mais alegre o inclito prelado
Que o mancebo amorozo, se dos labios
Colheu da amante o suspirado beijo,
Do reitor se despede, e velozmente
Na cadeira se encaixa em que viera
E alegrar vai os animos aflitos
Das colunas da igreja fluminense.

XVII

As roliças colunas, entretanto,
Sobre o cazo fatal deliberavam,
Quando Almada chegou. Em volta delle
Anciozos todos a conversa escutam
E as promessas do astuto jezuita,
Em cuja honra o adulador Velloso
Um acrostico lembra, e lembraria
Igualmente um jantar, se o necio Lucas,
Que outra couza não tem nos ermos cascos,
Primeiro não lançasse a grande ideia.

CANTO VIII



I

Era alto dia, e todo alvoroçado
Corria o povo de uma banda a outra,
A sentença aguardando do conselho
Que ia da excomunhão julgar o cazo.
A tranquila cidade que inda ha pouco
No regaço da paz adormecia,
Em dois opostos campos se divide,
Como os que a bela terra, em cuja fala
A muza antiga suspirar parece,
Um tempo viu terçar sangrentas armas
Em favor da tiara e da corôa.

II-III-IV-V

• • • • • • • • • •
• • • • • • • • • •

VI

.
.
Das doudas expressões com que alindara
O libelo da Camara, nos olhos
Dos conselheiros curiozo busca
O gosto interpretar que lhes deixara,
O pasmo, a admiração; e tantas vezes
No animo revolve o seu discurso,
Que o debate não ouve do Congresso,
E ali com gente solitario fica.

VII

Na sua sala, entanto, passeiando
O prelado aguardava a boa nova,
E certo do triumpho, já na mente,
Em obsequio ao reitor, delineava
Um pompozo jantar: De quando em quando
A' janela chegava; mas não vendo
O mensajeiro seu, de impaciente
Mordia o labio e a cauza da demora
Entre si perguntava e respondia.
Conjeturava então que o dom abade,
Por afeição do Mustre, e dezejozo

De dar no seu poder um grande golpe,
Um discurso fazia entremeado
De longas citações e perdigotos.
Mas o agudo reitor, que pelejava
Ao lado da justiça, e traz consigo
Autores que estudara a noite inteira,
Trovejando vermelho se levanta,
E com amplas razões, iradas vozes,
Entre o fervido aplauzo do conselho,
Ponto por ponto lhe desfaz na cara
Todo a argumentação beneditina.

VIII

A tais couzas alheio, o sol brilhante,
Esse eterno filozofó que os raios
Com desdenhoza placidez desfere
Iguaes sobre ouvidores e prelados,
Já do zenit ao rubido ocidente
Inclinava a carreira. Examinados
A cauza do conflito e os seus efeitos,
Pezadas ao razões de parte a parte,
Unanimente o conselho determina
A excomunhão sustar do austero Mustre
E a cauza sujeitar ao rejio voto.
Em vão na mente decorado tinha
O reitor um discurso em que provava
A justiça do Almada ; mas a Ira,

Que tomando a figura de um porteiro,
Assiste á discussão, e que o triunfo
Busca evitar do intrepido prelado,
De tais artes se serve, de tais manhas,
Que o cerebro transtorna ao jezuita,
A opinião lhe muda, e o nome d'elle
Entre os nomes reluz do torvo acordam.

IX

Copiada a sentença, ali se escolhe
Para a Almada leval-a prontamente
O escrivão do Senado; mas o triste,
Que do prelado conhecia a fama,
Umás dôres alega na cabeça,
E por que seja acreditado o cazo,
A meter-se na cama logo corre.
Então o alcaide-mór, que prezidia
O governo da terra e o grão conselho,
Um franciscano eleje e um carmelita,
E desta expedição confia o mando
Ao reitor do colejio. Bem quizeram
Aquelles atrevidos comissarios
Antes do golpe manducar um pouco,
Mas o fino Alvarenga, que previa
Um estrago fatal á sua copa,
Que era de urjencia o cazo lhes declara,
E delicadamente os põe na rua.

X

Estavas, grande Almada, repouzando
De um ligeiro jantar, comido á pressa,
E rodeado dos fieis amigos,
Ante-gostavas o terror do Mustre
E a triste humilhação com que viria
De rojo ás tuas veneraveis plantas
A remissão pedir dos seus pecados,
Quando á porta assomou da vasta sala
A grande comissão. Correram todos
A receber com muitas cortezias
Os não previstos hospedes. Alegre,
Nas suas mãos aperta as mãos do Almada
O perfido reitor, e olhando em roda
Levemente aos demais a frente inclina.
Depois fitando no prelado os olhos,
Concertada á garganta assim começa :
« Se entre os louros, senhor, com que a fortuna,
Não menos que o saber e que a piedade,
A tua frente majestosa adorna,
Inveja e dezespero de almas baixas,
Que em vão se esforçam por lutar contigo,
Inda um louvor faltava, ensejo é este
De o colher vicejante, e de um só golpe
A turba confundir dos teus contrarios.
Em que lhe peze ao venenozo dente
Que te morde na sombra, a historia tua

Em laminas escreve de ouro fino,
Com refuljentes letras de diamante,
A justiça do tempo. Eu vejo, eu vejo
Os seculos passando respeitosos
Ante o nome do heroi, que rezoluto
Os raios empunhou do seu officio
Para o orgulho abater, a audacia, a inveja,
E entre as bençans de um povo amado e amante
Ir no seio pouzar da eternidade. »

XI

Aqui chegando, o orador estaca ;
E o vão prelado, que escutára alegre
Tão pompozas e amaveis esperanças
Os braços, que já tinha levantados,
Ao orador estende; este os recebe,
E apertados os peitos contra os peitos,
Alguns minutos ficam; mas, cessando
Esta doce efuzão de ambos os cabos,
O reitor do discurso o fio toma :
« Depois de um serio, dilatado exame
Do intrincado conflito em que empenhaste
Contra um duro rival todas as forças
Que a natureza, que o saber te deram,
O congresso teologico rezolve,
Para servir-te, uma sentença justa.
E porque tenhas o propicio ensejo

De exercer a vitoria mais brilhante
Que a um guerreiro christão jámais foi dada,
Porque venças melhor o teu contrario
Lançando-lhe o perdão da culpa sua,
Suspender manda a excomunhão lançada
E a cauza sujeitar ao rejio voto. »

XII

A tal nova o prelado empalidece,
A vista perde, as pernas lhe bambeam,
No rejelado labio a voz lhe expira.
« E caiu como cai um corpo morto. »
Dezenlace fatal ! Ao vel-o, um grito
Magoado foje dos amigos peitos ;
E emquanto a comissão, entre o sussurro,
Sarrateira vai dando aos calcanhares
A desforrar-se do perdido tempo
No tardio jantar, os reverendos
O prelado conduzem para a cama
E um fisico chamar mandam á pressa.

XIII

Vê a Gula a vitoria da inimiga,
E, a figura do fisico tomando,
A' caza vôa do abatido Almada,
E depois de operar um breve exame

Aos aflitos amigos affiança
A vida do prelado; e sem deter-se
Com escrever fantasticas receitas,
Nem pedir chochas drogas de botica,
Manda que o cozinheiro sem demora
Uma gorda galinha ponha ao fogo,
E a tempere, segundo as regras d'arte.
Prontamente obedece o fiel servo,
E pouco tarda que um guloso aroma
A caza toda invada, e sutilmente
Na atmosfera da alcova se derrame.
Prodijio foi. Nos labios do doente,
Como alvejar costuma no horizonte
Dentre as sombras noturnas a alvorada,
Um sorrizo desponta; e pouco a pouco
As palpebras se vão arregaçando,
Quais as cortinas de nublado inverno
Que, á creadora luz do sol nascente,
A verdura da serra e da campanha,
E enfim o rosto da azulada esfera,
Lentamente esvaindo-se descobrem.

XIV

Neste ponto na alcova entra o copeiro
A galinha trazendo e o grosso caldo,
E o prelado sentando-se na cama,
A convite de todos logo bebe

O caldo em quatro goles, e trincava
O tenro peito da ave quando a idea
Do congresso fatal lhe sobe á mente;
Do peito arranca um languido suspiro,
E reprimindo as lagrimas exclama :
« Ah! se eu de todos esperar devia
Tão cruel decizão, reitor ingrato,
Tu só me espantas, unico me feres,
Que eu tinha o voto teu e o teu abraço,
E n'isso confiado me entretinha
Em saborear a proxima vingança.
Agora que mortal salvar-me pode
De tão grande vergonha? Oh! quem dissera
Que o destemido Almada, cujo nome
Nas azas vôa da ligeira fama,
Os mares assustados atravessa,
Lisboa assombra e desnorteia o mundo,
A tamanha baixeza chegaria
Que os alheios esforços mendigasse? »

XV

Um profundo suspiro a voz lhe embarga ;
E enfim rompendo dos fulmineos olhos
Precipitadas lagrimas lhe banham,
Pela primeira vez, as faces palidas,
Que inda nessa manhã vermelhas eram.
Correm todos ao leito a consolal-o,

E ali lhe juram que a final vitoria,
Ou elles morrerão n'aquella empreza,
Ou ella ha de caber ao grande Almada.
Estavam n'este ponto, quando a Ira.
Invizivel entrando, e vendo a Gula,
Tenta roubar-lhe o infeliz prelado,
Em cujo peito uma faisca lança.
Já vermelho, já tremulo, no leito
Elle a ajitar-se todo principia,
Mas a astuta rival da feroz culpa,
Para o golpe atalhar, subitamente
Do mizero prelado se aproxima
E toda a raiva lhe converte em fome.

XVI

As recatadas sombras, entretanto,
O espaço tomam, que o brilhante globo
De vida e luz encheu. Raros luziam
No firmamento os pregos de diamante
Com que a mão creadora do universo
Fixou a tela azul da larga tenda
Em que apenas um dia nos sentamos,
Os que viemos do nada, os que apressados
Vamos em busca da encoberta terra
Da eternidade. Nem acêza fôra
A saudoza lampada da noite,
Tão buscada das muzas que suspiram

Suas quimeras, seus afetos castos,
E amam dizer aos solitarios écos (22)
De que magoas teceu impia fortuna
O viver que os afronta. Rijo vento
Empuxava de lonje opacas nuvens
Que a tempestade proxima traziam,
Como se nessa tenebroza noite
Em perturbar a doce paz da vida,
Co'os homens apostasse a natureza.

XVII

Livre do abalo grande que o prostrára,
O prelado cojita uma vingança,
Os amigos convoca, e todos juntos,
Com aquella enerjia e vivo empenho
Que aos seus alunos a Lizonja inspira,
Um meio buscam de vingar o Almada.
Com genio de aguia, o douto Villalobos
Os olhos deita a Roma, e quer que ao papa
Se faça apelação; mas o Cardoso
De cuja intrepidez e sangue frio
Nem o proprio diabo se livrára,
A excomuñhão propõe dos santos frades,
Governador, Senado e povo inteiro.
Timidamente o abelhudo Nunes
Insinúa o perdão; assaz punido
Lhe parece o ouvidor; toda a cidade

A força do prelado conhecêra
Indomavel, terrível; era tempo
De regressar á santa paz antiga.
Tais ideas o adúlador Velloso
Com escarneo refuta; d'almas fracas
Foi sempre a mole paz recosto amigo,
Não das que o fogo endureceu na guerra,
Como a delle, que as iras arrostára
De todos os senados do universo
A exigir-lh'ó o prelado. Convencido
Estes conceitos tais escuta Almada
E tendo meditado longo tempo
Um recurso lhe lembra decizivo,
A garganta concerta, e desta sorte,
A falar principia : « Companheiros... »

XVIII

N'este ponto um trovão estala e troa;
E do conselho aos olhos aparece
Sem do teto cair nem vir do solo
Uma torva e mágnissima figura
De longas barbas e encovados olhos
Que a rijidez marmorea traz na face,
E o tremulo Congresso encara e exclama :
« Basta já de lutar! Se tu, prelado,
E vós, teimozos servidores delle,
Na guerra proseguirdes que ameaça

A doce paz quebrar deste bom povo,
Sabei que a mão severa do destino
Nos volumes de bronze uma sentença
Contra vós escreveu. Dos vossos cargos
Perdereis o exercício, e sem demora
Ireis prégar a fé entre os gentios,
As tribus afrontar, e as frechas suas,
Tomes, sêdes curtir, vijilias longas,
Que o castigo serão da vossa teima. »

XIX

Isto dizendo, desaparece o vulto
(Que era nem mais nem menos a Preguiça).
Então os reverendos assustados
Pela terra se lançam, e batendo
Nove vezes nos peitos, nove vezes
O duro chão, em lagrimas, beijando,
Pedem ao céu que dos eternos livros
Riscado seja o barbaro decreto.

RÉFUS

A JAYME DE SÉQUIER.

Non, je ne paye pas, car il est incomplet
 Cet ouvrage. On y voit, certes, la belle touche
 Que ton léger pinceau met à tout ce qu'il touche ;
 Et, pour un beau sonnet, c'est un fort beau sonnet.

Ce sont là mes cheveux, c'est bien là le reflet
 De mes yeux noirs. Je ris devant ma propre bouche.
 Je reconnais cet air tendre ainsi que farouche
 Qui fait toute ma force et tout mon doux secret.

Mais, cher peintre du ciel, il manque à ton ouvrage
 De ne pas être dix, tous également doux, [sage.
 Vibrant d'âme, et parfaits d'art profond, riche et

Adieu, donc, le contrat ! Je le tiens pour dissous.
 Car, pour de beaux portraits, pleins de charme et
 Pour un baiser, je veux toute une galerie. [de vie,

II

A GUIOMAR

Ri, Giomar, anda, ri. Quando resoa
Tua alegre rizada cristalina,
Ouço a alma da moça e da menina,
Ambas na mesma lepida pessoa.

E então reparo, como o tempo vôa,
Como a roza nacente e pequenina
Creceu, e a graça fresca apura e afina...
Ri, Guiomar, anda, ri, mimoza e boa.

A bela côr, o aroma delicado,
Por muitos anos crescerão ainda,
Ao vivo olhar do noivo teu amado.

Para ti, cara flôr, a vida é infinda,
O tempo amigo, longo e repouzado.
Ri, Guiomar, anda, ri, discreta e linda.

III

NO ALBUM DE D. BRANCA P. DA CUNHA

Pede estrelas ao céu, ao campo flores :
Flôres e estrelas ao gentil regaço
Virão da terra ou cairão do espaço,
Por te cobrir de aromas e esplendores.

Versos... pede-os ao vate peregrino
Que ao céu tomando inspirações da lua,
A tua mocidade e a graça tua
Souber nas notas modular de um hino.

Mas que flôres, que versos ou que estrelas
Pedir-me vens? A muza que me inspira
Mal poderia celebrar na lira
Dotes tão puros e feições tão belas.

Pois que me abres no entanto a porta franca
Deste livro gentil, casto e rizonho,
Uma só flôr, uma só flôr lhe ponho,
E seja o nome anjelico de Branca.

IV

NO ALBUM DA RAINHA D. AMELIA

Senhora, si algum dia aqui vierdes
A estas terras novas e alongadas,
Encontrareis as vozes que perderdes
De outras gentes por vós ha muito amadas,

E as saudades que então cá padecerdes
Das terras vossas, velhas e deixadas,
Nestas cidades, nestes campos verdes
Serão com o mesmo nome acalentadas.

Mas nem só isto. Um só falar não basta.
A historia o deu, um só falar dileto
Da mesma compostura, antiga e casta.

Achareis mais outro falar discreto
Sem palavras que a vossa gloria arrasta,
A mesma admiração e o mesmo afeto.

V

A DERRADEIRA INJURIA

E ainda, ninfas minhas, não bastava...
Camões, *Luz.* VII, 81.

I

Vês um feretro posto em solitaria igreja?
Esse pó que descansa, e se esconde, e se some,
Traz de um grande ministro o formidavel nome,
Que em vivas letras de ouro e lagrimas flameja.

Lá fóra uma invazão esqualida braceja,
Como um mar de miseria e luto, que tem fome
E novas praias busca e novas praias come,
Emquanto a multidão, recuando, peleja.

O gaulez que persegue, o bretão que defende,
Duas mãos de um destino implacavel e oculto,
Vão sangrando a nação exausta que se rende;

Dentre os mortos da historia um só unico vulto
Não resurje; um Pacheco, um Castro não atende;
E a cobiça recolhe os despojos do insulto.

II

Ora, na solitaria igreja em que se ha posto
O feretro, se alguém pudesse ouvir, ouvira
Uma voz cávernoza e repassada de ira
De tristeza e desgosto.

Era uma voz sem rosto,
Um éco sem rumor, uma nota sem lira.
Como que o suspirar do cadaver disposto
A rejeitar o leito eterno em que dormira.

E ninguém, salvo tu, ó palido, ó suave
Christo, ninguém, exceto uns trez ou quatro santos,
Envolvidos e sós, nos seus sombrios mantos,

Ninguém ouvia em toda aquella escura nave
Dessa voz tão severa, e tão triste, e tão grave,
Murmurados a medo, as coleras e os prantos.

III

E dizia essa voz : — « Eis, Luzitania, a espada
Que reluz, como o sol, e, como o raio, lança
Sobre a atonita Europa a morte ensanguentada.

« Venceu tudo ; eil-a aí que te ferê e te alcança,
Que te rasga e te põe na cabeça prostrada
O terrivel sinal das lejiões de França.

« E, como se o furor, e, como se a ruina
Não bastassem a dar-te a pena grande e inteira,
Vem juntar-se outra dor á tua dor primeira,
E o que a espada começa a tristeza termina.

« És o campo funesto e verde em que se afina
Pugna estranha ; não tens a gloria derradeira
De devolver farpada e vencida a bandeira,
E ser Xerxes embora, ao pé de Salamina.

IV

« No entanto ao lonje, ao lonje uma comprida
[historia

De batalhas e descobertas,
Um entrar de continuo as portas da memoria
Escancaradamente abertas,

« Enchia esta nação, que aprendêra a vitoria
Naquella crespia idade antiga.
Quando, em vez do repouzo, era a lei da fadiga,
E a gloria coroava a gloria.

« E assim foi, palmo a palmo, e reduto a reduto,
Que um punhado de heróis, que um embrião de povo
Levantara este reino novo;

« E livre, independente, esse aspero produto
Da imensa forja poudo, achegando-se ás plagas,
Fitar ao lonje as longas vagas.

V

« Era escasso o torrão; por compensar-lhe a mingua,
Assim foi que dobraste aquelle occulto cabo,
Não sabido de Plinio, ignorado de Strabo,
E que Homero cantou em uma nova lingua.

« Assim foi que pudeste haver Africa adusta,
Azia, e esse futuro e desmedido imperio,
Que no fecundo chão do recente hemisferio
A semente brotou da tua raça augusta.

« Eis, Luzitania, a obra. Os seculos que a viram
Emerjir, como o sol dos mares, e a poliram,
Transmitem-lhe a memoria aos seculos futuros.

« Hoje a terra de heróis sofre a planta inimiga...
Quem pudéra mandar aquelles peitos duros!
Quem soubera empregar aquella força antiga!

VI

E depois de um silencio : — « Um dia, um dia,
[um dia
Houve em que nesta nobre e antiga monarquia
Um homem, — paz lhe seja e a quantos lhe con-
[somem
A sangrada memoria, — houve um dia em que
[um homem,

« Posto ao lado do rei e ao lado do perigo
Viu abater o chão; viu as pedras candentes
Ruirem; viu o mal das couzas e das gentes,
E um povo inteiro nú de pão, de luz e abrigo.

« Esse homem, ao fitar uma cidade em ossos,
Terror, dissolução, crime, fome, penuria,
Não se deixou cair co'os ultimos destroços.

« Opoz a força á força, opoz a pena á injuria
Restituiu ao povo a perdida hombridade,
E onde era uma ruina ergueu uma cidade.

VII

« Esse homem eras tu, ó alma que repouzas
Da cobiça, da gloria e da ambição do mando,

Eras tu que um destino, e propicio, e nefando,
Ao fastijio elevou dos homens e dos couzas.

« Eras tu que da séde ingrata de ministro
Fizeste um solio ao pé do solio ; tu, sinistro
Ao passado, tu novo obreiro, aspero e duro,
Que traçavas no chão a planta do futuro.

« Tu querias fazer da historia uma só massa
Nas tuas fortes mãos, tenazes como a vida,
A massa obediente e nua.

« A luminoso effijie tua
Quizeste dar-lhe, como, á bronzea estatua erguida,
que o seculo corteja, inda assustado, e passa.

VIII

« Contra aquelle edificio velho
Da nobreza, — elevado ao lado do edificio
Da monarchia e do evangelho, —
Tu puzeste a reforma e puzeste o suplicio.

« Querias destruir o vicio
Que a teus olhos roia essa fabrica enorme,
E começaste o duro officio
Contra o que era caduco, e contra o que era informe.

« Não te fez recuar nesse aspero duelo
Nem dos anos a flor, nem dos anos o gêlo,
Nem dos olhos das mãis as lagrimas sagradas

« Nada; nem o negror austero da batina,
Nem as debeis feições da graça feminina
Pela veneração e pelo amor choradas.

IX

« Ah! se por um prodijio especial da sorte,
Pudesses emergir das entranhas da morte,
Cheio daquella antiga e fera gravidade,
Com que salvaste uma cidade;

« Quem sabe? Não houvera em tão longa campanha
Ensanguentado o chão do luzo a planta estranha,
Nem corrêra a nação tal dor e tais perigos
A's mãos de amigos e inimigos.

« Tu serias o mesmo asperrimo e impassivel
Que viu, sem desmaiar, o conflito terrivel
Da natureza escura e da escura alma humana;

« Que levantando ao céu a fronte soberana,
— Eiso o homem ! » disseste : — e a garra do
destino Indeleavel te poz o seu sinal divino. »

Eras tu que um destino, e propicio, e nefando,
Ao fastijio elevou dos homens e dos couzas.

« Eras tu que da séde ingrata de ministro
Fizeste um solio ao pé do solio ; tu, sinistro
Ao passado, tu novo obreiro, aspero e duro,
Que traçavas no chão a planta do futuro.

« Tu querias fazer da historia uma só massa
Nas tuas fortes mãos, tenazes como a vida,
A massa obediente e nua.

« A luminoza efijie tua
Quizeste dar-lhe, como, á bronzea estatua erguida,
que o seculo corteja, inda assustado, e passa.

VIII

« Contra aquelle edificio velho
Da nobreza, — elevado ao lado do edificio
Da monarchia e do evangelho, —
Tu puzeste a reforma e puzeste o suplicio.

« Querias destruir o vicio
Que a teus olhos roia essa fabrica enorme,
E começaste o duro officio
Contra o que era caduco, e contra o que era informe.

« Não te fez recuar nesse aspero duelo
Nem dos anos a flor, nem dos anos o gêlo,
Nem dos olhos das mãis as lagrimas sagradas

« Nada; nem o negror austero da batina,
Nem as debeis feições da graça feminina
Pela veneração e pelo amor choradas.

IX

« Ah! se por um prodijio especial da sorte,
Pudesses emergir das entranhas da morte,
Cheio daquella antiga e fera gravidade,
Com que salvaste uma cidade;

« Quem sabe? Não houvera em tão longa campanha
Ensanguentado o chão do luzo a planta estranha,
Nem corrêra a nação tal dor e tais perigos
A's mãos de amigos e inimigos.

« Tu serias o mesmo asperrimo e impassivel
Que viu, sem desmaiar, o conflito terrivel
Da natureza escura e da escura alma humana;

« Que levantando ao céu a fronte soberana,
« — Eiso o homem ! » disseste : — e a garra do
destino Indelevel te poz o seu sinal divino. »

X

E, soltado esse lamento
Ao pé do grande moimento,
Calou-se a voz, dolorida
De indignação.

Nenhum outro som de vida
Naquella igreja escondida...
Era uma pauza, um momento
De solidão.

E continuavam fóra
A morte, dona e senhora
Da multidão :

E devastava a batalha,
Como o temporal que espalha
Folhas ao chão.

XI

E essa voz era a tua, ó triste e solitario
Espirito! eras tu, forte outrora e vibrante,
Que pouzavas agora, — apenas cintilante, —
Sobre o feretro, como a luz de um lampadario.

Era tua essa voz do azilo mortuario,
Essa voz que esquecia o odio triunfante
Contra o que havia feito a tua mão possante,
E a inveja que te deu o pontual salario.

E contigo falava uma nação inteira,
E gemia com ella a historia, não a historia
Que bajula ou destroi, que morde ou santifica.

Não; mas a historia pura, austera, verdadeira,
Que de uma vida errada a parte que lhe fica
De gloria, não esconde ás ovações da gloria.

XII

E tendo emudecido essa garganta morta,
O silencio voltára áquella nave escura,
Quando subitamente abre-se a velha porta,
E penetra na igreja uma estranha figura.

Depois outra, e mais outra, e mais trez, e mais quatro,
E todas, estendendo os braços, vão abrindo
As trevas, costeando os muros, e seguindo
Como a conspiração nas taboas de um teatro.

E param juntamente em derredor do leito
Ultimo em que descansa esse unico despojo
De uma vida, que foi uma longa batalha.

E enquanto um fere a luz que as tenebras espalha,
 Outro, com gesto firme e firmissimo arrojô,
 Toma nas cruas mãos aquelle rei desfeito.

XIII

Então... O homem que viu arrancarem-lhe aos
[braços
 Poder, gloria, ambição, tudo o que amado havia :
 Esse que foi o sol de um seculo, que um dia,
 Um só dia bastou para fazer pedaços ;

Que se aos hombros atara uma purpura nova,
 Viu, farrapo a farrapo, arrancarem-lh'a aos hom-
[bros,
 Que padecêra em vida os últimos assombros,
 Tinha ainda na morte uma ultima prova.

Era a brutal rapina, anonima, noturna,
 Era a mão casual, que espedaçava a urna
 A troco de um galão, a troco de uma espada ;

Que depois de tomar-lhe esses sinais funestos
 Da sombra de um poder, pegou dos tristes restos.
 Ossos só, e espalhou pela nave sagrada.

XIV

Assim pois, nada falta á gloria deste mundo,
Nem a perseguição repleta de odio e sanha,
Nem a fertil inveja, a livida companha,
De tudo o que radia e tudo que é profundo.

Nada falta ao poder, quando o poder acaba,
Nada; nem a calunia, o escarneo, a injuria, a intriga,
E, por triste corôa á merencoria liga,
A ingratidão que esquece e a ingratidão que baba

Faltava a violação do ultimo sono eterno,
Não para saciar um odio insaciavel,
Insaciavel como os circulos do inferno.

E deram-t'a; eis-te ai, ó grande invulneravel,
Eis-te ossada sem nome, esparsa e miseravel,
Sobre um pouco de chão do ninho teu paterno.

NOTAS

O ALMADA

CANTO I

(1) *Homens do fóro, almotacés, Senado.*

Senado chamo eu em todo este livro ao que naquelle tempo tinha o simples titulo de Camara. A mercê de se chamar Senado foi feita á Camara do Rio de Janeiro por provizão de 11 de Março de 1748, segundo monsenhor Pizarro (*Memorias historicas*, tom. VII, paj. 159). Segundo o Dr. Haddock Lobo (*Tombo das terras municipais*, tom. I, p. 39) foi essa provizão datada de 11 de Março de 1757. Vê-se que os dois autores combinam no dia e no mez. Para o nosso cazo não vale a pena examinar se foi efetivamente em 1757, se em 1748.

Apezar de só ter obtido aquella mercê no meado do seculo XVIII, a camara de Rio de Janeiro já anteriormente recebêra a denominação de Senado em provizão rejia datada de 1712.

Mais. No seculo anterior, em 1667, num auto de medeação nas terras do concelho, por mandado do ouvidor geral Manoel Dias Raposo, deu-se á Camara do Rio de Janeiro o titulo de Senado (Veja *Tombo das terras municipais*, tom. I, paj. 88).

Finalmente Lisboa (*Anais*, tom. III, paj. 323) traz uma carta da Camara ao prelado Almada, com a data de 1659, que é a mesma da ação do poema, e escrita anteriormente ao episodio da devassa, a qual carta começa assim : « Neste Senado se fez por parte de povo... »

Uzava pois a Camara, ainda que não legalmente, do titulo que lhe dou.

- (2) E tu cidade minha, airoza e moça,
 Que ufana miras o garbozo gesto.

Mais de uma vez tenho lido e ouvido que a cidade do Rio de Janeiro nada tem de airoza e garboza, ao menos na parte primitiva, a muitos respeitos inferior aos arrabaldes.

Não m'è oponho a esse juizo; mas eu não conheço as belas cidades estrangeiras, e depois, falo da minha terra natal, e a terra natal, mas que seja uma aldeia, é sempre o paraizo do mundo. Em compensação do que não lhe deram ainda os homens, possui ella o muito que lhe deu a natureza, a sua magnifica baía, as montanhas e colinas que a cercam, e o seu céu de esplêndido azul. Acrece que nesta dedicatória comparo eu o que é hoje ao que era a cidade em 1659, diferença na verdade enorme.

- (3) Da corôa en nomie
 Governava Alvarenga, incorruptivel
 No serviço do rei, astuto e manso,
 Alcaide-mór e protetor das armas...

Thomé Corrêa de Alvarenga, alcaide-mór do Rio de Janeiro e natural desta cidade, exercia interinamente o cargo de governador por não ter ainda chegado da Bahia o governador efetivo Lourenço de Brito Corrêa, como tudo fôra ordenado na carta reja de 27 de Março de 1657.

- (4) No mais amigo deste povo infante,
 Em cujo seio placido vivia

Até que uma revolta vitorioza
Na cadeia o meteu ...

Ocorreu esta revolta em novembro de 1660. Era então governador Salvador Corrêa de Sá e Benevides; mas tendo partido para S. Paulo a fim de vizitar as minas, ficara no governo Thomé de Alvarenga. A revolta foi muito seria, como se pode ver do citado Lisboa (*Anais*, tom. IV, no princ.). Thomé de Alvarenga refugiara-se no convento de S. Bento; foi dali arrancado e metido na fortaleza de Santa Cruz.

(5) O douto Mustre
A vara de ouvidor nas mãos sustinha.

Ouvidor geral era o seu titulo; chamo-lhe simplesmente ouvidor por liberdade e conveniencia poetica.

(6) Do forte e grande Almada que rejia
A infante igreja.

O rev. Dr. Manoel de Souza Almada, presbitero do habito de S. Pedro, foi nomeado prelado administrador por provi-ção de 12 de Dezembro de 1658, e tomou posse no mesmo ano em que se passa a açao do poema, 1659.

(7) Tal o vate christão...

• • • • •
As mesmas aves contemplou que out'ora
Rasgando como então o azul espaço,
Iam do Ilisso ás ribas africanas ...

Duas vezes alude Chateaubriand á emigração das cegonhas da Grecia para a Africa. Uma, no *Itinerario*, parte 1, e diz assim: « Vi, quando estavamos no alto da colina do Muzeu, formarem-se em bando as cegonhas e abrirem vôo para a Africa. Fazem ellas ha dois mil anos esta mesma viagem;

vivem livres e felizes na cidade de Solon como na cidade dos eunucos gregos. »

Nos *Martires*, canto XV, põe na boca de Demodoco estas palavras (trad. de F. Elysio) :

« Cada ano erguem seu vôo essas cegonhas,
De abas do Ilisso a areias de Cyrene,
E aos campos de Eretheu cada ano voltam.
Quantas vezes não acham êrma a caza
Que florente ficou, quando partiram!
Quantas o mesmo teto em vão buscaram
Onde não tinham de lavar seus ninhos! »

Nada ha tão deveras melancolico como esse contraste do homem com toda a mais natureza. Muita vez, subindo a alguma das eminencias da nossa cidade e lançando os olhos do corpo a essa vasta aglomeração de obras que a civilização creou e perfez, volvo os da alma a quatro seculos antes, quando uma sociedade semibarbara dominava as marjens do golfo e as terras interiores. Nenhum vestijio ha já delia; nenhum vestijio ha de haver da nossa, depois que volverem outros seculos; mas o sol que os alumiou e nos alumia é o mesmo; e toda a natureza parece indifferente ás nossas obras caducas.

CANTO II

- (8) Se da antiga capela á varzea humilde
O martir Sebastião mudar quizesse ...

O successo a que aludo ocorreu justamente trez mezes antes do conflito da devassa. A matriz da cidade estava então na

Igreja de S. Sebastião ; Almada tentou mudal-a para a ermida de S. José, mudando ao mesmo tempo o santo, padroeiro da cidade. Abalou-se por esse motivo o povo ; a Camara, ouvidas as autoridades, dirijiu ao prelado uma carta comunicando a resolução em que estavam ella e o povo de deixar tudo no mesmo estado, até vir de el-rei a resolução que se lhe ia mandar pedir.

A resposta do prelado é um documento do seu genio fogoço e impaciente. Depois de reprender duramente a Camara, marca-lhe trez dias para revogar a resolução tomada sob pena de a declarar incursa na excomunhão da Bulla da Cêa, e dá enfim as razões que tinha para o que intentava fazer. A concessão unica, segundo se vê da carta, foi conservar na igreja do oratorio a imagem do santo.

Melhor se conhecerá do homem pelo estilo, se todavia é exato o aforismo de Buffon. A carta do prelado terminava assim :

« Em todo o ano não ha quem vá um domingo á matriz, e agora lhes chegou este zelo. Lêm-se as cartas de excomunhão ás paredes, correm-se banhos, fazem-se as festas da Paschoa e Natal aos negros do vigario, e sobretudo está o santissimo na igreja e tem a chave della um secular, teouzeiro da confraria, que entra nella de dia e de noite, e nisto se não adverte. Tudo o que ha na egreja matriz hei de mudar para baixo, e só o altar de S. Sebastião com o santo, sua fabrica e confraria, e um sino, hei de deixar na matriz ; para ter cuidado da igreja hei de pôr um ermitão. »

A Camara rezistiu ; o governador interpoz os seus bons officios e moveu o prelado a suspender a excomunhão até resolução de el-rei.

Na carta então dirijida pela Camara a Affonso VI vejo citado um alvará rejio ordenando que os prelados, bem como outros ministros, fossem morar no alto da cidade, o que elles não faziam, circumstancia que me deu idea dos dois versos :

Para poupar ás reverendas plantas
A subida da ingreme ladeira.

Além da carta reija, temos a carta do bispo D. Francisco, no principio do seculo seguinte (1703), dando conta á rainha da complicada historia da mudança da Sé. O bispo diz: « ... E alongando-se... a rezidencia dos ministros da Sé, que privados das comodidades necessarias ás suas subzistencias, procuram a vivenda no centro da povoação, foi mais difficil o serviço da igreja, e consequentemente pouco exata a pratica dos deveres de cada um dos empregados nos beneficios e cargos anexos da cathedral. »

- (9) Entre a ermida
 Que ao Nazareno artifice votara
 A piedade christã e esse edificio
 Que albergue foi de mizeros culpados,
 E onde hoje troa o popular Congresso,
 A caza do prelado aos olhos surje.

Não será preciro lembrar ao leitor catolico que S. José era carpinteiro em Nazareth. A caza do prelado (segundo leio em Pizarro, tomo III, paj. 177, *nota*) ficava entre a ermida de S. José e o edificio, que foi cadeia e é hoje Camara dos Deputados.

- (10) Entre as quais a figura majestoza
 Campeava dô profundo Villalobos,
 Que era a flôr dos doutores da cidade,
 Vigario do prelado.

O licenciado Francisco da Silveira Villalobos era o vigario geral e exercêra interinamente a prelazia do Rio de Janeiro.

- (11) :.. de quem era
 Convencido capacho...

Capacho não está ainda incluído nos dictionarios no sentido que lhe dá a povo para exprimir um homem servil. A locução todavia é pitoresca e merece ás honras da cidade. Penso

que mais de um escritor a tem empregado neste sentido : nos diarios é vulgar.

(12) Segue-se o impavido, escrivão Cardoso.

O padre Rafael Cardoso foi quem intimou o ouvidor geral a entregar a devassa.

Cardoso e Villalobos são figuras que a historia me ofereceu; os demais companheiros de Almada são personagens de imaginação; a uns e outros dei as feições e o carater convenientes á ação e ao genero do poema.

(13) Para o baço espraiair do grande Almada.

Espraiair o baço é tradução de *épanouir la rate*, não minha, mas de Filinto Elysio, que assim se exprime n'uma nota.



CANTO III

(14) E que ali mesmo á luz dos bentos cirios
(Bem de lonje vêm já os maus costumes!)
Ouzavam inda suspirar por ella.

Era este um dos mais inveterados abuzos; apesar de todos os decretos, os rapazes de todos os tempos iam namorar as moças nas igrejas. Já em 1657, dois anos antes da ação do poema, D. Affonso VI ordenara que se prohibisse que os homens falassem com mulheres nas igrejas, suas portas e adros. No ano seguinte foi estendida a prohibição aos que sómente as esperassem naquelles lugares para as verem, ainda que lhes não falassem (Vide Pizarro, tomo V, p. 19).

Com o tempo voltou o abuzo, e no seculo seguinte o bispo D. Frei Antonio do Desterro proibiu as conversações e ajuntamentos nas portas e adros dos templos, « principalmente em dias de festa e concurrencia »; pastoral de 14 de março de 1767 (Vidê Pizarro, tomo VI, p. 17).

(15) Como nos dias de solene festa
 Da grande aclamação.

As festas a que aludo nesta estancia foram as da aclamação de D. João IV, em 1641, quando aqui chegou a noticia da queda da dominação castelhana. Foram esplendidas, a ser exata a Relação que dellas faz um anonimo, e que o Sr. Varnhagen communicou ao Instituto Historico, em cuja *Revista*, tomo V, foi reproduzida.

Duraram sete dias e constaram de alardo de tropas, touros, encamizada, canas, manilhas, mascaras e comedia. Um trecho da aludida relação dará idea, não só do que foi a festa, mas tambem do estilo do narrador : « Foi o principio das festas uma encamizada que fizera mostra, alegrando todas as ruas da cidade 116 cavaleiros, com tanta competencia luzidos, tão luzidamente lustrosos e tão lustrozamente custozos, que nem Milão foi avaro nem Italia deixou de ser prodigamente liberal... E para maior alegria se lhe agregaram dois carros, ornados de sedas e aparatos de ramos e flôres, e tão prenhados de muzica, que em cada esquina de rua parecia que o côro do céu se havia humanado ; ação do licenciado Jorge Fernandes da Fonseca, e obrada com seus filhos unicos nesta... e que merecem o louro, não só da invenção como do sonoro. »

Não menos curiozo é o que diz o narrador ácerca das luminarias : « ... se viu a cidade tão cheia de luminarias, que não fazendo falta o brilhante esplendor do planeta monarca e substituidas as estrelas nas janelas e ruas, formavam tantos cambiantes tornasoes no vario de invenções, que se enredava o pensamento nas luzes e se confundia no numero, pois o limitado do lugar parece que se dilatava com ellas nesta occasião. »

- (16) Gaz nem oleo
 Os passos alumiava ao caminhante
 Que não trouxesse a classica lanterna.

A iluminação só começou no governo do Conde de Rezende, em 1790. Até então havia o recurso de trazer lanterna; a unica iluminação eram as lampadas de azeite que de lonje em lonje alumiaavam alguns oratorios postos nas esquinas

CANTO V

- (17) Que naceras com balda de meirinho
Ou capitão de mato.

Os capitães de mato tinham sido creados mui recentemente, talvez no ano anterior, com o fim de destruir os quilombos e capturar os escravos fujidos, que eram muitos e ameaçavam a vida e a propriedade dos senhores de enjenho.

- (18) *Que será desta mixera creança*
Se o padrinho lhe falta?

Será preciso dizer que a palavra padrinho é aqui um eufemismo?

CANTO VII

- (19) *Leve espalha no cerebro do Almada.*

Leve por levemente. São vulgares nos bons autores estes exemplos de adjectivos empregados adverbialmente. Gonçal-

vez Dias, que versava os classicos, muitos exemplos traz e de bom cunho. Citarei dois, tirados dos seus admiraveis *Timbirros* :

A nossa incuria grande eterno asselam.

(Canto I.)

Os olhos turvos

*Levou a extrema vez o desditozo
A'quelles ceus de azul, áquelloz matos
Doce cobertos de verdura e flores.*

(Canto III.)

(20)

Se do voto

*Depender do reitor a nossa cauza,
(Que é certamente voto de mão cheia
E trunfo superior aos outros trunfos).*

Não é preciso lembrar a influencia dos jezuitas naquelle seculo. Entre nós era imensa ; a sujestão do Lucas portanto não podia ser mais natural. A mesma camara, enviando cinco anos antes, á corte um procurador seu para obtêr do rei algumas reformas, não o fez sem um atestado do reitor do Colejio, o qual começava por estes termos : « Certifico que considerando o estado presente desta praça, frequencia, e opulencia passada do seu commercio, e grande diminuição a que tem vindo, e o geral aperto de todos os moradores da terra, além de muitas razões do serviço de Deus e de S. Magestade, têm entendido todos as relijiozos deste colegio, que necessita a republica de mandar á corte um cidadão, etc., etc. »

(21)

*Vinham do refeitorio que era farto
E proprio de tao nobre companhia,*

Não é isto uma expressão vaga e malevola. A relação do padre Fernão Cardim, companheiro do padre Christowam de Gouvêa na vizita feita aos colejio da Companhia no Brazil em

1590, tratando do do Rio de Janeiro, traz as seguintes informações : « ... Também tem uma vinha que dá boas uvas, os melões se dão no refeitório quazi meio ano e são finos; nem faltam couves bem duras, alfaces, rabãos e outros generos de hortaliça de Portugal em abundancia, o refeitório é bem provido do necessario, a vaca na qualidade e gordura se parece com a do Entre Douro e Minho ; o pescado é vario e muito, e são para ver as pescarias da sexta-feira, e quando se compra, vale o arratel a quatro reis, e se é peixe sem escama, a real e meio, e com um tostão se farta toda a caza... Duvidava eu qual era o melhor provido, se o refeitório de Cintra, se este, e não me sei determinar... »

Se era já assim no fim do seculo XVI, o que não seria em 1659?

(22) *E amam dizer aos solitarios écos*

Amam dizer parecerá forma irregular ou galicismo a quem não conhecer, entre outros exemplos, este de Filinto (trad. de Oberon) : « *Amam contar os velhos...* »

Gonçalves Dias emprega também, e em mais de uma ocasião, aquella maneira de dizer. Citarei este exemplo dos *Timbiros* :

Amavam contemplar-te os de Itajuba
Impavidos guerreiros.

(Canto III.)

RÉFUS

Este soneto respondia ao seguinte do escritor portuguez. Jayme de Séguier, publicado na *Gazeta de Noticias*. A *Gazeta* reeditou-o para o juntar no mesmo numero aos belos versos de Machado de Assis.

MARCHÉ

Voici notre contrat. — Je dois faire un sonnet
Où je chante ton front vermeil, ta bouche d'ange,
Ton âme impérieuse et son divin secret,
— Et tu dois me donner un baiser en échange.

Un baiser? C'est bien peu. N'importe, je suis prêt...
Je dirai tes cheveux flottants, le charme étrange,
De tes yeux noirs où luit le bleuâtre reflet
De la lame d'acier qui frappe, blesse et venge.

Je chanterai l'amour qui dort, rayon vainqueur
Dans le silex profond où fut taillé ton cœur
Et dont tu fuis en vain la splendeur qui t'effraye.

Je chanterai le jour où, s'éveillant, le Dieu
Tourmentera ton sein dans son baiser de feu...
Mon ouvrage est fini. Voici ton sonnet. Paye!

INDICE

PROZA

I. — Identidade.....	3
II. — Jogo do bicho.....	21
III. — Viagem á roda de mim mesmo.....	37
IV. — Só.....	53
V. — O esrivão Coimbra.....	67
VI. — As rozas.....	85
VII. — Eça de Queiroz.....	91
VIII. — Pajinas da Academia.....	93

POEZIA

I. — O Aimada, poema.....	101
II. — Réfus.....	209
III. — A Guiomar.....	211
IV. — No album de D. Branca P. da Cunha.....	213
V. — » » da Rainha D. Amelia.....	215
VI. — A derradeira injuria.....	217
Notas.....	229

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).